

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Entre juventude e educação ambiental:  
relações e reciprocidades  
na caminhada dos jovens do Projeto Sombra da Mata**

Jaqueline Fernandes

Orientadora: Leila Chalub Martins

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF, julho de 2010.

Fernandes, Jaqueline.

Entre juventude e educação ambiental: relações e reciprocidades na caminhada dos jovens do Projeto Sombra da Mata. / Jaqueline Fernandes. Brasília, 2010.

142 p.: il.

Dissertação de mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

1. Juventude. 2. Educação Ambiental. 3. Pesquisa-ação. 4. Distrito Federal. 5. Brasil. I. Universidade de Brasília. CDS.  
II. Entre juventude e educação ambiental: relações e reciprocidades na caminhada dos jovens do Projeto Sombra da Mata.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

---

**Jaqueline Fernandes**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Entre juventude e educação ambiental:  
relações e reciprocidades na caminhada  
dos jovens do Projeto Sombra da Mata**

Jaqueline Fernandes

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Educação e Gestão Ambiental.

Aprovada por:

---

Prof<sup>a</sup>. Leila Chalub Martins, Doutora (Universidade de Brasília)  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Maria de Fátima Rodrigues Makiuchi, Doutora (Universidade de Brasília)  
(Examinadora Interna)

---

Prof<sup>a</sup>. Vera Margarida Lessa Catalão, Doutora (Universidade de Brasília)  
(Examinadora Externa)

Brasília-DF, 02 julho de 2010.

## DEDICATÓRIA

*Este trabalho é dedicado aos jovens  
que participaram desta pesquisa,  
por sua capacidade de sonhar e acreditar  
na transformação da sua realidade.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante em meus dias, luz em meus caminhos e tranquilidade nos momentos de angústias e dificuldades.

À minha mãe, Creuza Maria Fernandes, força em minha caminhada, sustentáculo em meu dia-a-dia, que sonhou meus sonhos e acreditou nesta realização.

Ao meu pai José Antônio Fernandes, provedor desta longa jornada de aprendizagem.

Ao meu irmão, Cláudio Antônio Fernandes, por seus muitos favores, que me permitiram tranquilidade para dar seguimento à minhas atividades.

À minha avó, Inês Urcelina de Jesus, por todos os momentos de boas risadas e pelo carinho nas noites de muito cansaço.

À Leila Chalub Martins, por ser mais que a Orientadora deste estudo, por acompanhar minha trajetória acadêmica e por todos os seus exemplos de vida, superação, dignidade e força.

Aos amigos Sônia Cristina Hamid, André do Rego, Ismael Costa, Cristina Ordonhes e Joedson Carneiro Aguiar, sólidos alicerces dessa construção e refúgios nos momentos de aflição.

À minha amiga Sílvia Cordeiro de Araújo, por sua presença constante, leitura atenta e contribuições pertinentes. Por tornar essa caminhada um processo mais leve e alegre com sua força, presença e cumplicidade em todos os momentos.

Aos jovens do Projeto Sombra da Mata, pelos ensinamentos e possibilidades de trocas, e em especial aos monitores Adriana Rosa Pereira, Fábio Júnior Rodrigues e Josiely Alves dos Santos, por sua sensibilidade e auxílio.

À Clarissa Cassab Danna, companheira durante toda a pesquisa de campo e exemplo de educadora.

À feminina turma da Educação e Gestão Ambiental do CDS, que fizeram das aulas momentos mais leves e divertidos e que simbolizaram realmente flores ao longo desta caminhada. Em especial a Marília Magalhães Teixeira, companheira desde a seleção até os momentos menos solitários de escrita em função de nossas conversas.

À Juliana Farias Cavalcante, flor que tanto fará falta no jardim de flores de nossa turma de mestrado, pelo seu sorriso constante e todas as lições deixadas em sua vida.

À Elisa Pereira Bruziguessi e Viviane Fernandes Ferreira Pinto, pela solidariedade e apoio durante os meses de infindáveis horas nas mais diferentes bibliotecas de Brasília.

À Ana Carolina Cançado Teixeira, por sua presença desde o início do sonho do mestrado e por dividir dúvidas e ricas discussões nos trajetos de tantos trabalhos de campo.

À Fabiana Vicentim, pela amizade e desprendimento em dividir comigo sua sala na Biblioteca Central.

À Cristina do Carmo Garcez, por sua generosidade e disponibilidade em ajudar com os mapas.

À Bahia Micheline Munem por sua valiosa contribuição.

Ao Professor Elimar Pinheiro do Nascimento pela e disponibilidade em participar da banca de qualificação desta dissertação e por suas contribuições.

À professora Maria de Fátima Rodrigues Makiuchi por suas contribuições na qualificação e pela disponibilidade em participar da banca examinadora desta dissertação.

A Professora Vera Margarida Lessa Catalão pelo carinho e disponibilidade em participar da banca examinadora desta dissertação.

Agradeço, ainda, aos professores e funcionários do CDS pelo auxílio, convivência e por todas as possibilidades de aprendizado.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de algum modo, participaram dessa caminhada e contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Por que procede a juventude dessa ou daquela maneira?  
Haverá nexos comuns na rebeldia dos jovens?  
Terá sua conduta alguma substância de protesto?  
Há consciência ou simples espontaneidade na sua explosão?  
Qual a correlação entre o comportamento dos jovens e o momento histórico?

**R. A. Amaral Vieira**

## RESUMO

A presente dissertação tem o objetivo de acompanhar e analisar as relações entre juventude e educação ambiental, com foco nas transformações e contribuições recíprocas, tendo como referencial o processo de inserção e capacitação do grupo de jovens do Projeto Sombra da Mata, localizado na Ponte Alta do Gama, Distrito Federal. A metodologia para a concretização desta pesquisa foi constituída a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa pautada pelos princípios da pesquisa-ação. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: diário de campo, história de vida, entrevista narrativa e fotografia. A análise das realidades apresentadas no campo de estudo permitiu observar e compreender algumas das relações estabelecidas entre juventude e educação ambiental, dentro de uma perspectiva de reciprocidade, sendo ambos interpretados como protagonistas de uma relação de trocas e complementaridades. Essa compreensão nos leva a perceber que tanto a educação ambiental tem sido responsável por proporcionar espaços, vivências e a possibilidades de novos caminhos para os jovens, como os jovens têm contribuído nos processos de constituição e reordenamento das propostas que pautam os pressupostos e práticas da educação ambiental.

Palavras Chaves: *Juventude, educação ambiental, pesquisa-ação, Distrito Federal, Brasil.*



## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to accompany and analyze the relationship between youth and environmental education, with a focus on reciprocal contributions and transformations as made by the participation and empowerment of the youth group “Project Sombra da Mata,” located in Ponte Alta do Gama, in the Federal District. The methodology utilized in this research was derived from the assumptions delineated in the qualitative research guided by the principles in the initial social action research plan. The primary methods of data collection were: field notes, life history, narrative interview, and photography. Through participant observation, the researcher was able to analyze and understand the established relationships between youth and environmental education, within a framework of reciprocal exchanges and complementarity. This understanding allows us to perceive that environmental education has been responsible for new forged paths for youth, as much as youth have contributed to processes of formation and reorganization of proposals that have guided and driven assumptions and practices of environmental education.

*Key Words: Youth, environmental education, social action research, Federal District, Brazil.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem de satélite da RA II - Gama .....	48
Figura 2 - Localização do Gama no mapa do Distrito Federal.....	50
Figura 3 - Configuração urbana da RA II - Gama.....	51
Figura 4 - Apresentação de teatro realizada pelos jovens em 2008. ....	55
Figura 5 - Imagem de satélite da localização do Sítio Sombra da Mata .....	57
Figura 6 - Divulgação do Projeto Sombra da Mata nas escolas .....	58
Figura 7 - Processo de mutirão para a construção da ecoteca. ....	59
Figura 8 Finalização da construção da Ecoteca.....	60
Figura 9 Alguns momentos da inauguração do projeto.....	61
Figura 10 - Os jovens que compuseram o grupo de pesquisa .....	68
Figura 11 - Atividade de observação do espaço do projeto.....	69
Figura 12 - Vista do quintal do sítio Sombra da Mata .....	70
Figura 13 - Flor do jardim do sítio Sombra da Mata.....	71
Figura 14 - Fotos - Ambiente doméstico e a mãe.....	72
Figura 15 - Foto da Ecoteca e do quintal de casa .....	73
Figura 16 - Leitura da coleção <i>Caminhadas de Universitários de Origem Popular</i> .....	74
Figura 17 - Apresentação de dança do Grupo de Jovens.....	76
Figura 18 - Platéia durante a apresentação de dança. ....	77
Figura 19 - Bazar .....	78
Figura 20 - Estruturação do Túnel.....	80
Figura 21 - Aplicação do preparado de terra .....	81
Figura 22 - Limpeza das Garrafas para utilização nos túneis.....	82
Figura 23 - Planejamento da iluminação e decoração dos túneis .....	82
Figura 24 - Túneis construídos na oficina de férias.....	83
Figura 25 - Recepção na Reserva da Chapada Imperial.....	84
Figura 26 - Alguns momentos da trilha na Chapada Imperial.....	85
Figura 27 - Banho de cachoeira e momento de descanso.....	86
Figura 28 - Caixa museu e projeção de fotos do histórico do Sombra da Mata.....	88
Figura 29 - Oficina de Contação de histórias .....	89
Figura 30 - Oficina de vivências com o Cerrado.....	90

Figura 31 - Estrutura Geodésica; Rogério em uma experiência musical; o grupo reunido no mirante do JBB .....	90
Figura 32 - Discussão e apresentação dos temas propostos .....	91
Figura 33 - Saindo da BCE; Jardins entre a BCE e o ICC; apresentação de música no ICC Ala Norte. ....	98
Figura 34 - Escadaria rumo ao Subsolo do ICC e laboratório de Biologia. ....	99
Figura 35 - Banner de abertura da exposição Tributo a JK.....	100
Figura 36 - Algumas explicações ao longo da exposição.....	100
Figura 37 - Poses ao lado de JK .....	101
Figura 38 - Processo de elaboração da linha do tempo. ....	102
Figura 39 Fotos dos ambientes escolares .....	107
Figura 40 Fotos com as mães .....	109

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Configuração do Grupo em relação ao gênero.....	66
Gráfico 2 - Configuração do grupo segundo o fator etário.....	67
Gráfico 3 - Ciclo de retroação positiva.....	105

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE	Biblioteca Central
CAESB	Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal
CEU	Casa do Estudante Universitário
CGEA	Coordenação Geral de Educação Ambiental
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CO	Centro Olímpico
Codeplan	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
DEA	Diretoria de Educação Ambiental
DEX	Decanato de Extensão
DF	Distrito Federal
FAC	Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal
FS	Faculdade de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICC	Instituto Central de Ciências
IPOEMA	Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente
IUCN	International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources
JBB	Jardim Botânico de Brasília
JK	Juscelino Kubitschek
KM <sup>2</sup>	Quilômetros quadrados
MEC	Ministério da Educação
MMA	Ministério do Meio Ambiente
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIEA	Programa Internacional de Educação Ambiental
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
RA	Região Administrativa
RU	Restaurante Universitário
SIBEA	Sistema Brasileiro de Informações sobre Educação Ambiental
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INTRODUÇÃO.....	16
<b>1. ALICERCES PARA CAMINHADA .....</b>	<b>20</b>
1.1 Desenvolvimento Sustentável e sua perspectiva local .....	20
1.2 Educação ambiental.....	23
1.3 Educação Ambiental – caminhos trilhados .....	24
1.4 Modalidades e abordagens da educação ambiental .....	29
1.5 Numa perspectiva de educação ambiental crítica e emancipatória .....	31
1.6 Olhares sobre a juventude.....	33
1.7 Juventude rural e suas especificidades .....	35
1.8 Juventude e Educação Ambiental.....	37
<b>2. DEFININDO RUMOS E TRAÇANDO TRILHAS.....</b>	<b>40</b>
2.1 Os rumos.....	40
2.2 As trilhas.....	43
2.2.1 Observação Participante .....	43
2.2.2 Diário de Campo.....	44
2.2.2 História de vida.....	44
2.2.3 Fotografia – linguagem e comunicação.....	45
<b>3. CAMINHADA PELO CAMPO DE PESQUISA .....</b>	<b>48</b>
3.1 Localizando a experiência .....	48
3.1.1 Histórico do Gama.....	48
3.1.2 Área Rural do Gama .....	53
3.2 Definições Iniciais .....	54
3.3 O projeto Sombra da Mata.....	55
3.4 Os cursos da pesquisa – escolhas e caminhos percorridos .....	65
3.4.1 O primeiro encontro – 01 de abril de 2009.....	65
3.4.2 Composição do Grupo .....	66
3.4.3 Encontros com a fotografia – 15 de abril de 2009.....	69
3.4.4 Ampliando os canais de comunicação – 06 de maio de 2009 .....	71

3.4.5 Identidade, história de vida e fotografia - 20 de maio de 2009 .....	72
3.4.6 Caminhadas – 17 de junho de 2009 .....	74
3.4.7 Falando sobre as caixas e seus segredos – 01 de julho de 2009.....	75
3.4.8 Festejos e superação – 04 de julho .....	75
3.4.9 Caminhos dos túneis – 14 e 15 de julho de 2009. ....	78
3.4.10 Percorrendo trilhas – 14 e 15 de julho de 2009.....	83
3.4.11 Conversas sobre as histórias de vida – 12 de agosto de 2009. ....	86
3.4.12 Festival de vivências – 22 de agosto de 2009.....	88
3.4.13 Análises da realidade vivida – 26 de agosto de 2009.....	91
3.4.14 Refazendo alguns percursos – 02 de setembro de 2009 .....	95
3.4.15 Conexões da realidade vivida – 09 de setembro de 2009.....	96
3.4.16 Diversidade e experiências – 30 de setembro 2009.....	97
3.4.17 Reconstituindo e traçando a linha do tempo – 14 de outubro de 2009.....	102
3.4.18 Reconstituindo e traçando e a linha do tempo – 21 de outubro de 2009.....	103
<b>4. ENCONTROS E RECIPROCIDADES.....</b>	<b>104</b>
4.1 A Juventude analisada .....	104
4.1.2 Suas histórias.....	106
4.1.3 Seus problemas .....	110
4.1.4 Seus sonhos .....	111
4.1.5 As posturas frente às práticas vivenciadas .....	112
4.2 Educação ambiental.....	114
4.2.1 As educações ambientais vivenciadas pelos jovens .....	114
4.3 As relações estabelecidas.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	121
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	126
ANEXOS .....	133

## INTRODUÇÃO

O cenário Brasileiro das últimas décadas nos apresenta inúmeras mazelas relacionadas tanto à questão ambiental como à falta de assistência adequada à juventude. Tais questões têm se tornado assunto corriqueiro presente nos mais diferentes veículos da mídia, sendo alvo também de variados estudos e publicações acadêmicas em distintas áreas.

De acordo com os dados apresentados no Censo Demográfico 2000<sup>1</sup> do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, à época o Brasil contava com uma população de 34 milhões de jovens. Ainda, segundo os dados do IBGE referentes à projeção populacional realizada em 2008 a população jovem entre 15 e 29 anos em 2007 somava 50,2 milhões de pessoas, sendo que para o ano de 2010, a previsão é que esta população chegue a 51,3 milhões de jovens. (AQUINO, 2009, p. 29-30).

Outro dado relevante aponta que, diferentemente das áreas centrais de Brasília, em que a população passa por um processo de envelhecimento e por uma expressiva redução nas taxas de natalidade, algumas Regiões Administrativas do Distrito Federal seguem na contramão dessa realidade. Assim o que se observa é um crescimento significativo da parcela jovem da população dessas áreas, principalmente nas RA de ocupação mais recente e nas regiões periféricas do DF<sup>2</sup>.

De acordo com as informações demográficas apuradas pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal - Codeplan e divulgadas no Anuário Estatístico do DF de 2008, estima-se que a população total do Distrito Federal em 2010 será de 2.580.757 habitantes. Em relação à população com idades entre 15 e 29 anos, a análise foi feita tendo por base o ano de 2005 e a população estimada dentro dessa faixa etária foi de 687.871 indivíduos.

O aumento nas taxas de crescimento da população jovem do DF associado a pouca estrutura dos aparelhos de Estado para o atendimento dessa população em relação aos serviços básicos tem trazido inúmeros problemas que vão desde o aumento da violência até a exclusão

---

<sup>1</sup> Durante a realização deste estudo o censo demográfico 2010, ainda estava em fase de elaboração não sendo, portanto, possível ter acesso aos dados estatísticos mais recentes do IBGE.

<sup>2</sup> São exemplos de Regiões Administrativas de ocupação mais recente: Riacho Fundo; Recanto das Emas; Samambaia; São Sebastião; Sobradinho II; e Itapoã.



social dessa parcela da população. O Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2007 reafirma esta condição e aponta que a juventude está suscetível a graves restrições ligadas aos direitos básicos, como é o caso do “acesso ao conhecimento disponível e adequado às modernas necessidades sociais, ou a uma vida longa e saudável, indicados pelos déficits educacionais, limitações de inserção no mercado de trabalho e padrões de mortalidade”. (2007, p. 9).

Considerando que a desigualdade social é um dos maiores e mais graves entraves para a implementação de um modelo real de desenvolvimento sustentável, fica ainda mais nítida a ligação entre estas questões e a juventude, pois na atual conjuntura brasileira a maior parte dos jovens, sobretudo aqueles das camadas de baixa renda, tem sido impedida de construir e realizar seus projetos de vida.

É dentro dessa realidade que a integração entre juventude e educação ambiental pode ser considerada como uma alternativa pedagógica para recriar cenários e buscar novas percepções da realidade a fim de garantir outros meios de satisfação de suas necessidades.

Neste contexto, o que se apresenta é um grande potencial para estudos e implementação de ações tendo por objeto essas realidades – juventude e educação ambiental - de maneira a associar as duas temáticas em busca de uma proposta de ação interativa.

É a partir dessa conjuntura que foi estruturada a pesquisa que deu origem a esta dissertação, numa busca pela compreensão das possibilidades e caminhos de integração e reciprocidade entre juventude e educação ambiental.

A presente dissertação consiste em uma pesquisa de cunho qualitativo pautada pelos princípios da pesquisa-ação, tendo como seu objetivo principal acompanhar e analisar as relações entre juventude e educação ambiental, com foco nas transformações e contribuições recíprocas, tendo como referencial o processo de inserção e capacitação do grupo de jovens do Projeto Sombra da Mata. O grupo da pesquisa foi formado por 17 jovens, com idades entre 12 e 21 anos.

Os objetivos específicos desta investigação foram:

- Construir coletivamente uma proposta de organização do trabalho mediada pelos elementos da educação ambiental crítica e emancipatória;

- Analisar participativamente as realidades do grupo de jovens, por meio de atividades com fotografias;
- Trabalhar a história de vida do grupo de jovens selecionado;
- Avaliar as contribuições recíprocas das temáticas juventude e educação ambiental, no processo educativo dos jovens selecionados.

As questões que motivaram a realização desta pesquisa foram:

- De quais maneiras a relação entre juventude e educação ambiental tem contribuído para a construção da identidade dos jovens do projeto Sombra da Mata com a compreensão crítica da realidade?
- De que forma essa relação tem iluminado e auxiliado o processo de constituição e consolidação da educação ambiental?

Visando alcançar os objetivos listados foram utilizadas algumas estratégias metodológicas no trabalho com os jovens, tais estratégias foram escolhidas com o intuito de adentrar o universo das realidades vividas e ainda mediar o diálogo com o grupo. Nessa conjuntura, o trabalho com a fotografia desempenhou papel de destaque e permeou todos os momentos deste estudo, sendo a fotografia aqui compreendida como instrumento de registro e expressão de idéias, sentimentos e realidades.

A pesquisa de campo também foi conduzida a partir do anseio de trabalhar com as histórias de vida dos jovens e para a consecução deste objetivo foram realizados vários momentos que contaram com a construção de caixas museu, relatos orais e escritos sobre as trajetórias de cada jovem. Durante o estudo foram utilizados, ainda, a observação participante e o diário de campo como instrumentos para a coleta de dados.

Cabe aqui ressaltar, que não foi objeto desse estudo a avaliação da efetividade ou alcance das atividades promovidas pelo citado projeto.

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo são discutidos os principais elementos teóricos que serviram de embasamento para a apreciação e

a busca de entendimento das realidades reveladas ao longo desta pesquisa. Desse modo, nesse primeiro momento, são abordadas questões e reflexões em torno das discussões sobre desenvolvimento sustentável, educação ambiental e juventude.

O segundo capítulo é destinado à composição do referencial metodológico, que foi constituído a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa numa perspectiva da pesquisa-ação. Neste capítulo foram abordados os instrumentos metodológicos que auxiliaram o processo de coleta de dados.

O terceiro capítulo é dedicado às distintas questões relacionadas à pesquisa de campo. Fazem parte deste capítulo os seguintes aspectos: a localização e caracterização do campo de estudo numa tentativa de detalhar alguns dos elementos que compõem a realidade local; a apresentação do projeto Sombra da Mata, visando dar ao leitor a possibilidade de compreender as bases e propostas sobre o trabalho desenvolvido pelo projeto; e por fim o detalhamento das ações realizadas com o direcionamento da pesquisa-ação durante a pesquisa de campo.

O quarto e último capítulo corresponde à discussão das questões reveladas durante o campo de estudo desta pesquisa, com a perspectiva de tentar elucidar os pontos de encontros e reciprocidades estabelecidas nas relações que conjugam juventude e educação ambiental. Por fim, as considerações finais referem-se às reflexões sobre as discussões abordadas ao longo dos quatro capítulos desta dissertação, e ainda são colocadas as questões que ficam após essa caminhada, que podem abrir a possibilidade de novos caminhos.

## 1. ALICERCES PARA CAMINHADA

Neste primeiro capítulo serão abordados alguns elementos teóricos compreendidos como alicerces deste estudo e que forneceram subsídios para análise e compreensão das realidades reveladas no campo de pesquisa.

### 1.1 Desenvolvimento Sustentável e sua perspectiva local

É o cenário da modernidade - delineado pelos princípios da globalização, degradação ambiental e por uma crise civilizacional – que marca o início das discussões sobre sustentabilidade. A crise ambiental, com maior destaque após a década de 1960, faz com que o modelo de desenvolvimento, pautado pela supremacia do crescimento econômico e a negação da natureza, comece a ser questionado. (LEFF, 2005, p. 15).

O primeiro registro do termo desenvolvimento sustentável ocorreu em 1980, no documento *World's Conservation Strategy*, elaborado pela *International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources* - IUCN (BELLEN, 2005, p. 21). Posteriormente, em 1987, o Relatório Brundtland, consagra a definição de desenvolvimento sustentável considerado como “aquele que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades”. (BUARQUE, 2002, p. 59).

A discussão acerca do desenvolvimento sustentável ganhou contornos globais com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992 no Rio de Janeiro, como resposta à inquietação que parece ter atingido todo o planeta. Assim, começam a se formar distintos discursos pautados em compreensões de sustentabilidade profundamente distintas. (LEFF, 2005).

O que também pode ser facilmente observado é que o discurso de desenvolvimento sustentável tem servido aos mais diferentes propósitos e interesses, sendo, em alguns momentos, considerado solução para todas as problemáticas e em outros, percebido como uma forma de camuflar as contradições do atual modelo de desenvolvimento hegemônico. Essa plasticidade do discurso tem feito com que sua compreensão e apropriação sejam controversas e sua proposta colocada como contraditória.

De acordo com Machado (2005, p. 307), o discurso do desenvolvimento sustentável emerge em decorrência da bifurcação no discurso de desenvolvimento dominante pela necessidade de equacionar a problemática ambiental. Em virtude de todas essas questões fica nítida que a homogeneidade não é uma das características do discurso do desenvolvimento sustentável, visto que este anuncia perspectivas e propostas controversas ligadas a distintas visões e interesses. (LEFF, 2005).

Sachs (2002) considera que é imprescindível que o desenvolvimento sustentável atenda de modo ético e solidário às gerações presentes e futuras, de modo a estabelecer e explicitar “critérios de sustentabilidade social e ambiental de viabilidade econômica”. Para o autor, apenas um modelo que considere estas questões de modo integrado, ou seja, “que promova o crescimento econômico com impactos positivos em termos sociais e ambientais” pode receber o status de desenvolvimento. (2004, p. 36).

A partir da realidade apresentada, que configura o contexto global, é possível compreender que um modelo de desenvolvimento que vise de fato à sustentabilidade depende de uma mudança paradigmática que supere a simples adoção de conceitos ambientalmente corretos. Leff (2005) considera que muitos são os obstáculos rumo à obtenção de condições para o desenvolvimento sustentável. Nesse sentido aponta que:

Os desafios do desenvolvimento sustentável implicam a necessidade de formar capacidades para orientar um desenvolvimento fundado em bases ecológicas, de equidade social, diversidade cultural e democracia participativa. Isto estabelece o direito a educação, a capacitação e a formação ambiental como fundamentos da sustentabilidade, que permita a cada pessoa e cada sociedade produzir e apropriar-se de saberes, técnicas e conhecimentos para participar na gestão de seus processos de produção, decidir sobre suas condições de existência e definir sua qualidade de vida. Isso permitirá romper a dependência e iniquidade fundadas na distribuição desigual do conhecimento, e promover um processo no qual os cidadãos, os povos e as comunidades possam intervir a partir de seus saberes e capacidades próprias nos processos de decisão e gestão do desenvolvimento sustentável (LEFF, 2005, p.246-247).

Leff (2005) analisa, ainda, os desdobramentos dos diversos entendimentos sobre a sustentabilidade para a educação ambiental, considerando que estes podem gerar diferentes encaminhamentos e influências sobre as práticas e propostas pedagógicas, podendo estas, serem direcionadas tanto a focar uma visão mercadológica quanto uma racionalidade ambiental.

Partindo da multiplicidade de possibilidades apresentadas nas perspectivas do desenvolvimento sustentável, para balizar este estudo será utilizada a proposta do desenvolvimento local sustentável. Partir-se-á da compreensão de Buarque, que considera o desenvolvimento local sustentável como:

[...] processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local; ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base mesma das suas potencialidades e condições. (2002, p. 25).

Segundo Jara (1998, p. 272) o desenvolvimento local sustentável apresenta-se como uma proposta dialética, que busca alternativas em espaços sociais menores, possibilitando aos atores sociais condições de “protagonizar a construção de seu próprio destino”.

Considera-se que os processos para a implementação da sustentabilidade local estão atrelados a diferentes fatores, entre eles estão: a ampliação e diversificação das atividades econômicas, visando aumentar as oportunidades de emprego e renda; o fortalecimento dos mecanismos de participação e controle social; o incremento dos sistemas de produção e socialização de informações; a busca por fontes alternativas de financiamento; e a gestão e manejo racional dos recursos. A sustentabilidade do desenvolvimento local também está associada à necessidade de se empreender maximamente no capital humano e social de modo a focar a organização de “ambientes territoriais inovadores, criativos, democráticos e socialmente articulados”. (JARA, 2001, p.100).

O desenvolvimento local sustentável, em seu princípio básico, articula-se como alternativa capaz de agregar e dar nova direção ao potencial local com base nos atributos humanos e sociais visando criar melhores condições de bem estar social. (JARA, 2001, p.275).

Sob essa perspectiva, o desenvolvimento local se constitui por meio de uma mescla de múltiplas ações e condições convergentes e complementares que resultam “da interação e sinergia entre qualidade de vida da população local – redução da pobreza, geração de riqueza

e distribuição de ativos –, a eficiência econômica – com agregação de valor na cadeia produtiva – e a gestão pública eficiente”. (BUARQUE, 2002, p.27).

Os aspectos econômicos aparecem quase sempre vinculados às referências e proposições do desenvolvimento local sustentável, entretanto, é importante esclarecer que este não está limitado ao enfoque econômico. Entende-se, porém, que o dinamismo econômico desempenha papel de grande relevância na viabilização do desenvolvimento local, sendo que a condução da economia neste caso passa a ser pensada de modo a garantir a equalização de seus desdobramentos sociais. (BUARQUE, 2002).

Com as novas perspectivas abertas a partir das ações voltadas à consecução de uma proposta de desenvolvimento local sustentável podem surgir novas oportunidades de inserção e integração para os jovens. A abertura de novas possibilidades à parcela juvenil da população, também está atrelada aos aspectos anteriormente descritos, como a de melhoria da qualidade de vida, a diversificação das oportunidades de emprego e a ampliação dos mecanismos de participação social.

É sobre a perspectiva do desenvolvimento local sustentável que foi estruturada esta pesquisa, visando pensar a educação ambiental, a juventude, seus encontros e desencontros.

## **1.2 Educação ambiental**

A educação ambiental ocupa nesta pesquisa um espaço de destaque e, portanto, faz-se necessário esclarecer qual de suas perspectivas referencia este trabalho, bem como explicitar uma série de equívocos que ainda hoje provocam resistência a este campo no meio acadêmico.

Apesar dos grandes avanços nos estudos e discussões a respeito da educação ambiental, ainda é habitual a utilização do termo como sinônimo de boas práticas ambientais. (CARVALHO, 2004b).

Há no território da educação ambiental uma grande variedade conceitual, com diferentes princípios e objetivos, que tornam distintas as compreensões e direcionamentos de suas propostas e práticas. Esta heterogeneidade impossibilita uma abordagem genérica nesta área,

visto que não é possível se reportar à educação ambiental como sendo uma área unívoca. (TOZONI-REIS, 2005, p.269).

Considerando a diversidade apresentada no campo da educação ambiental, pretende-se aqui fazer uma breve abordagem dos marcos históricos, expor brevemente suas principais vertentes e por fim esclarecer e justificar a abordagem norteadora desta pesquisa.

### 1.3 Educação Ambiental – caminhos trilhados

A primeira referência à adoção do termo educação ambiental ocorre em março de 1965 em um evento de educação da Universidade de Keele, no Reino Unido. (DIAS, 2000; LOUREIRO, 2003).

A década de 70 institui um marco dos principais encontros e discussões, que conduziram à consolidação da Educação Ambiental no contexto nacional e internacional. (LOUREIRO, 2004a). Alguns destes encontros deram a tônica desse período, fazendo como que houvesse a possibilidade de sistematizar vários encaminhamentos e propostas rumo à estruturação das premissas da educação ambiental contemporânea.

Em 1972 foi realizada, em Estocolmo, a primeira Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e um de seus desdobramentos foi a Declaração de Estocolmo, que na recomendação 96 e no princípio 19 aponta a necessidade de abordar as questões ambientais por intermédio da educação. Assim, este momento marca o início do reconhecimento da educação ambiental como forma de enfrentamento da crise ambiental e ainda dá origem a três conferências internacionais, abordando essa temática, que seriam realizadas nas décadas 70 e 80. (GRÜN, 1996; PEDRINI, 1998; LOUREIRO, 2003).

Naquele mesmo ano, 1972, o Clube de Roma<sup>3</sup>, encomenda ao *Massachusetts Institute Technology* um relatório que foi intitulado “Limites ao Crescimento” - também conhecido como Relatório Meadows – que trouxe à tona a discussão sobre a finitude dos recursos naturais. Nesse mesmo período, foi publicado em Londres o Manifesto pela Sobrevivência

---

<sup>3</sup> O **Clube de Roma** foi criado em 1968 por um grupo de 30 especialistas de diversas áreas (economistas, pedagogos, humanistas, industriais, etc.), com o intuito de discutir assuntos relacionados a crise mundial tendo como foco questões relacionadas à política, economia internacional, meio ambiente, entre outras (DIAS, 2000, p. 78).



que atribuía a responsabilidade pela degradação ambiental ao industrialismo e ao consumismo capitalista. (GRÜN, 1996).

Em 1973, dentro desse cenário de efervescências e discussões sobre a questão ambiental é criado também no âmbito da ONU o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA. (PELICIONI: 2005, p. 367).

Como um dos desdobramentos da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, ocorreu em 1975, em Belgrado, o I Seminário Internacional de Educação Ambiental, realizado pela UNESCO, no qual foram elaboradas algumas diretrizes para um programa de educação ambiental. Apesar de já se falar em educação ambiental anteriormente, esse encontro é considerado como o marco da constituição da Educação Ambiental como campo específico. Ainda em decorrência dessa conferência foi instituído pela UNESCO o Programa Internacional de Educação Ambiental - PIEA, com propostas de atuação tanto em nível regional, quanto internacional. (GRÜN, 1996; PEDRINI, 1998; LOUREIRO, 2003).

Outro momento de destaque ocorreu em 1977 em Tbilisi - Geórgia - com a realização da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, considerada decisiva na definição de diretrizes, conceituações e procedimentos da educação ambiental, inicialmente discutidas em Belgrado e que em Tbilisi passam a ser definidas com caráter global. (GUIMARÃES, 1995; GRÜN, 1996; LOUREIRO, 2003).

Já na década de 80, foi realizada a terceira Conferência, que ocorreu em 1987, na cidade de Moscou, e teve como proposta avaliar o desenvolvimento da educação ambiental após a Conferência de Tbilisi, tendo como um de seus desdobramentos um plano de ação da área para a década de 90. (PEDRINI, 1998)

Anteriormente à Conferência de Moscou, em 1983, foi criada pela Organização das Nações Unidas - ONU, a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, com o propósito de pesquisar os problemas ambientais em âmbito global.

Já em 1989, essa Comissão publicou o Relatório *Our Common Future*, também conhecido como Relatório Brudtland, que tem como foco a necessidade de conciliação entre conservação da natureza e crescimento econômico. Outro ponto marcante do relatório diz

respeito ao fato de que neste documento foram cunhados, inicialmente, dois importantes conceitos nas discussões sobre a problemática ambiental que são: desenvolvimento sustentado e nova ordem mundial. (GRÜN, 1996).

Com o advento da década de 90, aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Conferência de Cúpula da Terra. Entre alguns de seus desdobramentos estão a aprovação de cinco acordos internacionais oficiais que são: a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento; a Agenda 21 e os meios para sua implementação; a Declaração de Florestas; a Convenção-Quadro sobre Mudanças Climáticas; e a Convenção sobre Diversidade Biológica. Paralelamente à Conferência, ocorreu também a Jornada Internacional de Educação Ambiental, na qual foi elaborado o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Esse documento se diferencia dos demais, pois foi resultado, principalmente, das discussões e perspectivas de educadores e representantes da sociedade civil e organizações não governamentais. (PEDRINI, 1998).

Já em 1997, foi realizada a Conferência Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade, em Thessaloniki, na Grécia, sendo alguns de seus destaques as orientações voltadas à formação de educadores, elaboração de material didático e a realização de eventos regionais para a troca de experiências. (LOUREIRO, 2003).

Podem ser encontradas, nas declarações resultantes dos principais encontros desse período, várias inconsistências, especialmente no que se refere aos pressupostos políticos e às causas identificadas como fonte da problemática ambiental. Porém, muito se avançou rumo à construção de pressupostos pedagógicos para a prática da educação ambiental. (PEDRINI, 1998).

No Brasil, as discussões e práticas de educação ambiental ganham força quase uma década depois de sua emergência no cenário internacional. Somente em 1981, a educação ambiental foi formalmente instituída pela Lei Federal nº 6.938, responsável pela criação da Política Nacional do Meio Ambiente. É importante ressaltar que até este momento não havia uma articulação entre os órgãos governamentais de meio ambiente e educação, estando a princípio, a educação ambiental apenas a cargo dos setores de meio ambiente.

Outro aspecto marcante da trajetória da educação ambiental no Brasil é a realidade histórica de seu momento de instalação, marcado por um longo e duro período de ditadura militar, responsável pela forte repressão da educação e pela perseguição e conseqüente desestruturação de muitos movimentos sociais. Como heranças desse período para a educação ambiental, foram direcionadas ações governamentais que privilegiavam a desconexão entre ambiental, educativo e político, resultando na disseminação de discursos ingênuos e práticas focadas na sensibilização humana para o meio natural, sem uma articulação com o questionamento e debate do modelo societário vigente. (LOUREIRO, 2004a, p. 75-76).

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação ambiental aparece citada no Capítulo VI – sobre o meio Ambiente – artigo 225, parágrafo 1º, inciso VI, que prevê como dever do poder público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. (PEDRINI, 1998; LOUREIRO, 2003).

Só no início da década de 90, as diretrizes mundiais da educação ambiental começaram a permear as práticas da educação ambiental no Brasil que, assim, passaram a contribuir para instituir bases nacionais que estivessem mais de acordo com a vertente sócio-histórica. Com a intenção de estruturar uma política pública de educação ambiental, foi criado em 1994, a partir de um acordo entre o Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente, o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA.

Outro avanço foi a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, diretrizes definidas pelo MEC, nas quais a temática relacionada ao meio ambiente é tratada como um tema transversal, que deve permear todos os demais componentes curriculares e assim, atribuir mais visibilidade e abrangência ao tema. (LOUREIRO, 2003).

Em 1997, foi realizada a I Conferência Nacional de Educação Ambiental no Brasil, que ocorreu em Brasília e teve como proposta discutir e definir as principais necessidades da educação ambiental brasileira, culminando com a elaboração do documento denominado Declaração de Brasília para a Educação Ambiental. Esse documento contempla um diagnóstico detalhado sobre a situação da educação ambiental no Brasil e aponta algumas recomendações visando o seu melhor desenvolvimento. (DIAS, 2000).

Já em 1999, outro marco legal da educação ambiental foi definido pela Lei 9795, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA, que somente foi regulamentada em 2002 por meio do Decreto 4.281. Com a Lei 9795/99 o Brasil tornou-se o único país da América Latina a ter uma legislação nacional específica para a educação ambiental. (DIAS, 2000).

Outros progressos em relação às políticas públicas e processos de institucionalização da educação ambiental ocorreram em 2001 com a criação do Programa Parâmetros em Ação: meio ambiente na escola. Esse programa foi implementado pelo MEC em 2003, com a criação do órgão gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, constituído pela Coordenação Geral de Educação Ambiental - CGEA do MEC e pela Diretoria de Educação Ambiental – DEA do Ministério do Meio Ambiente. (CARVALHO, 2004b).

O Ministério do Meio Ambiente em 2001 e 2002 implantou o Sistema Brasileiro de Informações sobre Educação Ambiental – SIBEA fato que marca um avanço rumo a sistematização, socialização e troca de informações produzidas na área. (GUIMARÃES: 2004a).

Em 2003 continuaram as conquistas relacionadas ao processo de integração entre MMA e MEC, em julho, por meio da formalização de um Termo de Cooperação Técnica, foi instalado o Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. Em novembro daquele mesmo ano, a parceria entre os dois Ministérios permitiu a realização da I Conferência Nacional do Meio Ambiente, com o tema “Vamos cuidar do Brasil, e, ainda, da I Conferência Nacional Infanto-Juvenil do Meio Ambiente.

Em 2004 as iniciativas para dar continuidade aos momentos e espaços para promover discussões sobre a educação ambiental resultaram no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental que reuniu 3.500 pessoas entre educadores, ambientalistas, especialistas, autoridades e estudantes.

Como resultado das conquistas e avanços no campo da educação ambiental em 2005 foi lançado o novo Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA, e realizada a II Conferência Nacional do Meio Ambiente, na qual 20 deliberações foram voltadas à educação ambiental. (MMA, 2008).

No ano de 2007 foi relançado o Sistema Brasileiro de Informação sobre Educação Ambiental – SIBEA, que passou a ser compreendido como ferramenta pública do Órgão Gestor da PNEA. O intuito dessa nova abordagem do SIBEA foi a perspectiva de torná-lo o portal brasileiro de referência sobre a educação ambiental, e capaz de auxiliar na localização e conexão entre especialistas, instituições, redes sociais e materiais pedagógicos. (MMA, 2008).

Em 2008 foi realizada a III Conferência Nacional de Meio Ambiente, com o tema mudanças climáticas, em abril de 2009 a III Conferência Nacional Infante-Juvenil, com a temática - mudanças ambientais globais, pensada de modo a promover uma associação à Conferência Nacional de Meio Ambiente. (MMA, 2008).

#### **1.4 Modalidades e abordagens da educação ambiental**

A educação ambiental é inicialmente idealizada a partir da preocupação dos movimentos ecológicos, percebida nesse momento como prática de conscientização para a problemática ambiental relacionada à má utilização e distribuição dos recursos naturais e para seu caráter finito. Apenas em uma fase posterior a educação ambiental assume seu caráter educativo estabelecendo diálogo com a área da educação, suas teorias pedagógicas e tradições. (CARVALHO, p. 2004b, p. 51-52).

A partir do encontro e diálogo entre a educação ambiental e as distintas teorias da educação, muitos são os caminhos possíveis, sendo vasta a diversidade de práticas, propósitos e metodologias, o que impossibilita falar de uma única educação ambiental, colocada de maneira genérica. (LAYRARGUES, 2006a; LOUREIRO, 2006b).

Partindo das várias identidades que a educação ambiental assume, podemos chegar a uma série de práticas e denominações: alfabetização ecológica; ecopedagogia; educação ambiental crítica; transformadora; emancipatória; educação no processo de gestão ambiental; conservacionista; ao ar livre; educação para gestão ambiental; entre outras. (LAYRARGUES, 2004).

A partir do reconhecimento da diversidade de compreensões e práticas que constituem o campo da educação ambiental, muitos autores discorrem sobre as tendências em educação ambiental, criando assim, distintas classificações e categorias. De acordo com Layrargues

(2006a, p. 90-91) é inegável a disputa ideológica que se estabelece para a construção de sentidos no campo conceitual da educação ambiental, ficando essa disputa polarizada de um lado pelas tendências pedagógicas liberais e progressistas, colocadas como modelo hegemônico da educação ambiental convencional, e de outro lado a educação ambiental crítica, transformadora, popular, emancipatória e problematizadora, constituindo o modelo contra-hegemônico.

A partir das distintas concepções e tendências na educação ambiental surgem várias adjetivações como forma de demarcar seu espaço e a fim de definir as especificidades de sua identidade. Dentro dessa discussão muitos são os autores que se empenham no estudo dessas questões como Carvalho (2004b), Layrargues (2006a), Loureiro (2004a), Sauv  (2005).

Segundo Carvalho (2004), a melhor maneira de enfrentar a multiplicidade de tendências encontradas no campo da educação ambiental é o diálogo, que pode permitir a explicitação dos pressupostos das distintas posições.

Frequentemente a abordagem educativa, dentro das concepções ambientais hegemônicas, é direcionada a assumir um papel de caráter meramente instrumental rumo à resolução de problemas pontuais, sendo a finalidade deste tipo de processo a ação em si, sem um compromisso de análise e reflexão da realidade estabelecida pela conjuntura social. Com esse direcionamento, a educação perde seu perfil crítico, de transformação processual e coletiva. Esse tipo de redução e limitação do caráter educativo das ações da educação ambiental gera uma série de descaminhos que afetam tanto a efetividade e alcance desses processos, como interferem na definição das políticas públicas relacionadas ao tema. (LOUREIRO, 2004a).

Apesar dos avanços nas discussões e práticas voltadas à educação ambiental crítica, o que se percebe é que ainda há um predomínio da perspectiva da educação ambiental conservadora de orientação comportamentalista. Segundo Guimarães (2006, p. 15), as ações que ainda prevalecem em educação ambiental “restringem-se à difusão da percepção sobre a gravidade dos problemas ambientais e suas consequências para o meio ambiente” e assim pouco contribuem para a “construção da sustentabilidade”.

## 1.5 Numa perspectiva de educação ambiental crítica e emancipatória

A educação ambiental escolhida para dar suporte a essa pesquisa foi a educação ambiental crítica e emancipatória. Essa vertente da educação ambiental compreende o ambiente de forma complexa e busca um posicionamento crítico frente à crise civilizatória, tendo como propósito o enfrentamento da crise ambiental a partir da participação e transformação social. (LOUREIRO: 2006c).

Para Guimarães (2006, p. 27), a educação ambiental torna-se crítica ao estabelecer uma práxis direcionada as “transformações significativas da realidade e disposta a superar as perspectivas individualizantes se realizando no coletivo e pelo coletivo”.

Tendo por base os pressupostos da educação ambiental crítica, Carvalho (2004a, p. 19-20) analisa que os indivíduos não são considerados de maneira genérica, mas são percebidos como sujeitos social e historicamente inseridos. A autora considera, ainda, que a soma das mudanças individuais não têm como resultado a mudança social e assim, em “uma educação ambiental crítica, a formação incide sobre as relações indivíduo-sociedade e, neste sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação”.

Dentro desta perspectiva, para transformar a realidade e promover uma educação ambiental de caráter emancipatório torna-se imprescindível compreender a realidade concreta dos sujeitos envolvidos no processo. Segundo Loureiro o processo educativo voltado à emancipação deve “reconhecer os sujeitos sociais” a fim de atuar a partir de suas singularidades. Este autor considera, ainda, que a “práxis educativa transformadora” é caracterizada por viabilizar condições para a ação de transformação dos indivíduos e dos grupos sociais de modo simultâneo, por meio de sua realidade cotidiana com o propósito de promover a “superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada”. (LOUREIRO, 2006a, p. 149).

É imperativo na educação ambiental crítica e emancipatória que os saberes possam ser elaborados e constituídos de maneira dinâmica, a partir de construções coletivas e cooperativas, de modo contínuo, interdisciplinar, participativo e democrático, a fim de favorecer a configuração de sociedades sustentáveis. (TONZONI-REIS, 2006, p. 93).

A partir dessa mesma perspectiva Layrargues (2006, p. 15) considera que a educação ambiental emancipatória “compreende a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, [...] na superação de formas de dominação capitalistas, na compreensão do mundo em sua complexidade”.

A construção dessa pesquisa tem como elemento central o compromisso com uma educação libertadora, pautada pelas ideias e legado do educador Paulo Freire. Para Freire (2005, p. 77) “a Educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo encha de significados”. Cabe aqui ressaltar que a educação ambiental crítica e emancipatória tem por embasamento as diretrizes da educação libertadora.

Dentro dessa percepção a aprendizagem desejada também é uma aprendizagem transformadora, que Viezzer (2005, p. 285) considera que pode ocorrer por meio da ação ambientalista, que suscite o repensar de valores e princípios responsáveis por garantir um futuro sustentável.

A proposta de educação ambiental desta pesquisa também foi balizada por uma visão socioambiental. Para Carvalho (2004b) esta visão é orientada por uma razão complexa e interdisciplinar que percebe o meio ambiente como um campo de trocas entre cultura, sociedade e uma base física e biológica dos processos vitais nos quais a mudança é dinâmica e mútua.

Essa visão tem como propósito evitar os reducionismos tão comuns no campo das questões ambientais. Trata-se de pensar tais questões a partir de uma compreensão complexa da realidade. Desse modo, a Complexidade também se constitui como um dos princípios desta pesquisa. Os elementos da complexidade são apropriados a partir das ideias de Morin, que considera que:

A complexidade nos torna sensíveis a evidências adormecidas: a impossibilidade de expulsar a incerteza do conhecimento. A irrupção conjunta da desordem do observador, no coração do conhecimento, traz uma incerteza, não somente na descrição e na previsão, mas quanto à própria natureza da desordem e à própria natureza do observador. O problema da complexidade não é nem de colocar a incerteza entre parênteses, nem de se fechar em um ceticismo generalizado: é de integrar profundamente a



incerteza no conhecimento e conhecimento na incerteza, para compreender a própria natureza da natureza. (MORIN, 2003, p. 463).

Ainda sob essa perspectiva, Martins (2010) analisa que a transfiguração do modo de pensar linear, lógico-formal para o dialético é capaz de dar visibilidade as contradições no interior dos fenômenos e para as interconexões da realidade e desse modo, é possível abandonar modelos de dominação, dependência e passividade e abraçar novos modelos pautados pela autonomia, ação protagonista e cooperação.

Carvalho (1999, p. 115) também discute as questões relacionadas à complexidade e avalia que investir na complexidade promove a reconciliação do universal e do singular, entre as partes e o todo e, assim, recompõe a totalidade complexa do todo, sendo consideradas suas interdependências e seus desdobramentos no tempo e no espaço.

Desse modo, também é ponto de apoio para este estudo a discussão sobre a complexidade, como uma possibilidade de estabelecer um diálogo e integração entre os diferentes saberes envolvidos nesta pesquisa. Dentro dessa mesma ótica está o pensamento de Mourão e Makiuchi (2003, p. 14) que consideram que “no processo educativo da educação complexa, não há hierarquia entre os saberes: a articulação dos conhecimentos pressupõe a des-hierarquização dos saberes, não se rendendo à idéia de que apenas um tipo de conhecimento é válido”.

## **1.6 Olhares sobre a juventude**

Nas últimas décadas, as discussões e estudos relacionados à juventude têm ganhado cada vez mais espaço em consequência do reconhecimento de sua relevância na constituição e configuração da sociedade contemporânea. Em virtude do caráter político e sociocultural assumido pelas questões da juventude, esse tem se caracterizado como um campo polêmico e polissêmico. (WAISELFISZ, 1998).

A respeito do conceito de juventude, o que se percebe é uma grande diversidade de abordagens que varia de acordo com os diferentes interesses e direcionamentos dados pelas áreas envolvidas em seu estudo (WAISELFISZ, 1998, p.153). Apesar das distinções existentes nas definições, duas posições são bastante recorrentes: uma delas caracteriza juventude a partir de recortes etários, a outra aborda a questão sob a perspectiva de uma fase intermediária

de transição entre a infância e a fase adulta. As variações encontradas, em sua maioria, são resultantes dos diferentes contextos sociais, históricos e culturais nos quais as definições foram produzidas.

Sobre a definição de juventude pautada pelo recorte etário, existem muitas dissonâncias com relação às idades que marcam o início e término desse período. Assim, são consideradas idades entre 13 e 15 anos como começo dessa fase e entre 18 e 29 anos como ponto final. No Brasil, atualmente, em relação à classificação etária o que tem sido mais utilizado para categorizar a juventude é o recorte definido entre 15 e 29 anos. (ABRAMOVAY e GARCIA, 2006).

Quanto à percepção da juventude como fase de transição entre a infância e a idade adulta, são considerados jovens aqueles indivíduos que já possuem maturidade dos aspectos biológicos relacionados à reprodução, porém, ainda não adquiriram independência quanto aos aspectos sociais e financeiros responsáveis por garantir sua subsistência. (WAISELFISZ, 2007).

Para além das definições vinculadas ao caráter etário e à fase de transição, muitas são as compreensões e análises feitas sobre o significado da juventude, tendo como base a realidade do contexto social e histórico em que ela se insere, suas influências sobre esse contexto e as influências dessa realidade para sua configuração.

Dentro dessa perspectiva está a definição dada por Dayrell (2003, p. 42) que entende a juventude como integrante de um “processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um”. Ele percebe que apesar de caracterizar um período determinado, a juventude tem seu significado e importância em si, não sendo, portanto, apenas uma via de acesso a outro estágio da vida.

A conceituação, na qual o Conselho Nacional de Juventude - CONJUVE se apóia, traz uma boa análise sobre a compreensão e o significado da juventude brasileira:

[...] ser jovem no Brasil contemporâneo é estar imerso por opção ou por origem em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências. Daí a importância do reconhecimento da existência de diversas juventudes no país, compondo um complexo mosaico de experiências que precisam ser

valorizadas no sentido de promover os direitos dos jovens (CONJUVE, 2006, p.5).

Como colocado, não existe a possibilidade de falar sobre uma juventude, a partir de um entendimento único e universal, visto que são múltiplas as identidades encontradas. Segundo Pochmann (2004, p. 231), a fase juvenil no Brasil ocorre de diferentes maneiras, tendo sua variação principalmente ligada às diferenças de renda das camadas da população, sendo o fator econômico quase sempre determinante para a manutenção do *status quo*. O autor coloca que há uma crescente preocupação com as mazelas que atingem essa parcela da população, pois as condições juvenis são sérias e complexas, dentro das novas perspectivas criadas pela sociedade do conhecimento, que entre outras questões ampliou a expectativa de vida. Em virtude dessa realidade, aponta que é preciso criar formas de estruturar e apoiar a educação para essa camada da população, como uma forma de criar novas possibilidades de escolha e atuação social, distintas do trabalho apenas voltado à subsistência.

## **1.7 Juventude rural e suas especificidades**

Como anteriormente descrito, um dos pilares dessa pesquisa é a juventude, porém, a juventude contemplada por este estudo possui como uma de suas especificidades o fato de estar inserida em uma área rural. Em virtude desse aspecto faz-se necessário caracterizar alguns elementos próprios da realidade de uma juventude classificada como rural.

De acordo com o censo demográfico 2000 do IBGE, dos 34 milhões de jovens brasileiros, cerca de seis milhões (17%) estão na zona rural, sendo considerados para essa análise indivíduos com idades entre 15 e 24 anos. Apesar de juventude ser, do ponto de vista demográfico, o grupo da população que tem entre 15 e 24 anos, essa delimitação não é rígida, tendo, por exemplo, para as áreas rurais seu limite inicial deslocado para baixo incluindo também o grupo de 10 a 14 anos. (UNESCO, 2004).

Na contramão do crescimento que marcou quase todas as faixas etárias da população urbana brasileira no período entre 1996 e 2006, o quantitativo da população de jovens rurais diminuiu, sendo bastante relevante também a queda do percentual de mulheres, que passaram a ser minoria em relação ao quantitativo de homens. (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 243).

A juventude brasileira, principalmente a juventude rural tem sido marcada pela dificuldade de acesso a bens e serviços relacionados à educação, trabalho, saúde e lazer. Essas condições são apontadas como decisivas para a permanência desses jovens nas áreas rurais. Assim, boa parte da população jovem das zonas rurais é compelida a migrar para os centros urbanos, migração essa que pode ser compreendida e justificada sob diferentes óticas, sendo centrais as buscas por maiores índices de escolarização, oportunidades de profissionalização e ingresso no mercado de trabalho (BRUMER, 2007).

As questões de gênero relacionadas à migração demonstram que as mulheres constituem maioria entre os jovens que decidem partir para as cidades, considerando que essa diferença se deve principalmente às questões culturais que definem os diferentes papéis sociais para homens e mulheres no campo. As mulheres são, quase sempre, destinadas aos espaços e afazeres domésticos e de auxílio familiar, com subordinação à figura paterna ou do marido e sem o direito à propriedade, que costuma seguir um sistema de herança patrilinear. (GAVIRIA; MENASCHE, 2006; BRUMER, 2007).

Essa diferença já apresenta significativos reflexos na constituição da população como, por exemplo, uma prevalência de homens em relação às mulheres nas áreas rurais, como citado anteriormente, o que pode ser considerado uma ameaça à manutenção e continuidade desses ambientes em função dos prejuízos a reprodução social do campo. (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 243).

Esse êxodo acaba por trazer sérias consequências aos jovens, em virtude das dificuldades e mazelas dos centros urbanos. Logo, a migração desordenada pode expor os jovens a uma série de vulnerabilidades, entre elas, o uso de drogas, a prostituição e a delinquência. (CUÉLLAR, 1997).

Apesar de ser inegável que em um espaço rural de características de periferia urbana, já existam várias possibilidades de exposição a essas vulnerabilidades, a migração e o conseqüente afastamento do universo de origem, sem o devido preparo e estrutura, podem trazer ainda mais consequências para a formação das identidades desses jovens. Para além dos prejuízos desse trânsito entre o rural e o urbano é importante considerar que a partir desta comunicação entre esses distintos universos, muitas são as mobilidades materiais e simbólicas provocadas pela circulação de seus atores sociais (GAVIRIA; MENASCHE, 2006, p.74).

Mesmo ainda sendo crescente o número de jovens que se submetem a esse processo migratório, muitos são os que optam por permanecer ou retornar ao campo em função de manter uma dada qualidade de vida, a proximidade com a família, amigos e seus códigos culturais. (CARNEIRO, 2007).

Outro tema bastante relevante é a diluição de fronteiras que tem ocorrido entre os espaços rurais e urbanos, sendo os limites desses dois territórios uma linha cada vez mais tênue. Nessa mesma perspectiva, Souza (2009, p. 181) considera que “entre os espaços rurais e urbanos observa-se que as fronteiras esmaecem, seus contornos, outrora, nítidos, borram-se, tornam-se imprecisos, dilatam-se e esfacelam-se em inúmeras situações intermediárias”.

Dentro dessa nova ótica, a ruralidade, que anteriormente era contextualizada e caracterizada pela oposição à urbanidade, perde esse referencial e precisa ser reordenada a partir de novas perspectivas. Assim, surge a compreensão do rurano, conceito inicialmente abordado por Gilberto Freire, compreendido como a junção entre os estilos de vida urbano e rural, ou seja, uma espécie de categoria híbrida originada a partir da mistura de aspectos desses dois espaços. (FREIRE, 1982, *apud* SOUZA: 2009, p. 182).

As mudanças na configuração do espaço tido como rural e as alterações em seu universo de referências, possui reflexos nos mais distintos aspectos da realidade social, cultural, econômica e ambiental. Porém, para este estudo é importante realçar que essa nova conjuntura reflete sobremaneira sobre os jovens e principalmente na constituição de suas identidades.

## **1.8 Juventude e Educação Ambiental**

Em uma busca que visa descobrir encontros e semelhanças entre juventude e educação ambiental é importante ter clareza de algumas questões que lhes são correlatas. É possível considerar que um fator comum entre juventude e educação ambiental diz respeito às trajetórias de constituição de suas identidades, as quais ainda encontram-se em busca de estruturação e consolidação.

Em relação à juventude a busca pela constituição de uma identidade esbarra em sua própria definição como categoria, visto que os critérios que estabelecem os jovens como sujeitos são estruturados histórica e socialmente. Desse modo as investigações e estudos sobre

esta temática são sobremaneira influenciadas por esta questão, que tanto afeta os elementos teóricos quanto a aproximação com o objeto de pesquisa. (SPOSITO, 1997).

Dentro das perspectivas da sociedade ocidental a juventude costuma ser percebida de modos variados, porém, entre as mais recorrentes estão duas compreensões: a primeira correlaciona as perspectivas de integração social e obrigações, o que diz respeito ao período da vida dos sujeitos marcado pela transição entre a inexistência de responsabilidade e a responsabilidade social plena. Já de acordo com a segunda compreensão a juventude seria pautada por um complexo arcabouço de representações, signos e símbolos produzidos na esfera do capitalismo com o auxílio da mídia. (VIANNA, 1992).

O próprio prestígio atribuído à juventude no quadro da sociedade ocidental é um fato bastante contemporâneo. Kehl (2004) analisa a realidade brasileira e faz referência a essa questão considerando que em 1920 não havia lugar aos jovens no Brasil, visto que se privilegiava a maturidade, não havendo abertura nem função para a manifestação e expressão da juventude.

Na atualidade, a partir da cultura de massa e da mídia, como seu grande meio de veiculação, o que tem ocorrido é um processo inverso no qual se promove uma supervalorização da juventude. Nesse contexto, a juventude é colocada como uma categoria trans-etária, pensada a partir da substituição do tempo histórico por um tempo mítico que privilegia a juventude de modo perene, como forma de abolir o enfrentamento das questões ligadas ao envelhecimento. Essa compreensão faz com que a juventude passe a ser encarada, também, enquanto “modelo ético-estético” e como padrão de normalidade e consumo. (VIANNA, 2004).

Voltando a análise para a educação ambiental, também é possível considerar que esta tem trilhado um caminho rumo à construção de sua identidade ou suas identidades como mostram as discussões trazidas nos tópicos anteriores sobre este assunto, em que esta é analisada em sua trajetória, constituição como campo de conhecimento e práticas pedagógicas.

Outro fator que se revela como uma das similaridades que permeiam tanto a juventude quanto a educação ambiental é um grande quadro de instabilidades. Refere-se aqui às instabilidades das mais diferentes ordens - sociais, ambientais, políticas e econômicas.

Social e historicamente, a juventude tida como uma fase de vida é considerada como alvo constante das instabilidades, sendo afetada pelas distintas repercussões dos problemas sociais. (SPOSITO, 1997).

Questões relacionadas ao aumento no tempo de formação escolar, a elevada competitividade no acesso ao mercado de trabalho e a insuficiência de vagas de emprego fazem como que os jovens sejam compelidos a permanecerem por períodos cada vez maiores em estágios de dependência em seus núcleos familiares. (KEHL, 2004).

Gonçalves (2006, p.160), em sua análise, sinaliza a situação de crise e insegurança na qual a juventude se encontra, e aponta que o papel da questão ambiental para a transformação desse quadro vai além do cuidado e trato com as questões ecológicas de preservação e conservação dos recursos naturais. O autor afirma que um dos caminhos para equalização da problemática da juventude está na construção do desenvolvimento sustentável implicado no enfrentamento das desigualdades locais, e comprometido com as questões relacionadas à geração de emprego e renda e, ainda, com o “respeito à diversidade étnica e racial e principalmente à elaboração de políticas públicas, sérias e responsáveis para a juventude”.

Nessa mesma direção, Novais (2006, p. 9), em sua percepção sobre as relações entre juventude e as questões ambientais, considera que muitas são as possibilidades que se apresentam em abordagens que busquem esta integração. A autora ainda avalia que este é um enfoque bastante recente e possui uma grande potencialidade tanto no que diz respeito à produção de críticas em relação ao consumismo, como no sentido de fortalecer novos princípios e valores voltados a estabelecer novas relações como o meio ambiente.

## **2. DEFININDO RUMOS E TRAÇANDO TRILHAS**

Neste capítulo serão discutidas as questões metodológicas que nortearam este estudo, a fim de esclarecer os rumos definidos para a condução da pesquisa de campo, suas motivações e intencionalidades. Também são aqui abordados os instrumentos metodológicos que pautaram as trilhas percorridas ao longo dessa caminhada.

### **2.1 Os rumos**

Os princípios metodológicos desta pesquisa foram os da pesquisa qualitativa. Nessa ótica, Paulilo (1998) considera que a investigação qualitativa possibilita um trabalho com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e favorece um encontro com a complexidade dos fatos e processos inerentes a indivíduos e grupos. Dessa forma, esta é uma abordagem adequada para mediar à busca da compreensão de realidades marcadas por uma constituição complexa.

Dentre as propostas que compõem o quadro da pesquisa qualitativa, as que foram utilizadas neste estudo tiveram como orientação as diretrizes da pesquisa-ação. Essa escolha justificou-se pela intenção de construir coletivamente uma proposta de educação ambiental voltada a criar espaços de mediação para as trocas de saberes. A pesquisa-ação identificou-se como a orientação metodológica mais adequada e capaz de abarcar a riqueza de possibilidades e informações oferecidas pelo campo de estudo escolhido.

A pesquisa-ação é aqui compreendida sob a ótica de um estilo de pesquisa social de cunho empírico que é idealizada e realizada a partir de uma ação ou da resolução de um problema coletivo em que os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de forma cooperativa ou participativa, abrangendo ação educativa, produção de conhecimento e a participação dos sujeitos envolvidos (THIOLLENT, 1996; TOZONI-REIS, 2005).

Tozoni-Reis (2005) considera que os alicerces da pesquisa científica, a partir da metodologia da pesquisa-ação em educação ambiental, estão principalmente focados na necessidade de suplantar o modelo de ciência fundamentado na compreensão dicotômica e na separação entre conhecimento científico e o conhecimento popular, teoria e prática, conhecer e agir, neutralidade e intencionalidade.



Na contramão da neutralidade científica, Barbier (2002) sinaliza que a pesquisa-ação constitui-se declaradamente em um ato pedagógico e político, pois trabalha voltada à educação do homem cidadão comprometido com a existência coletiva. O autor aborda, ainda, o perfil e o papel do pesquisador dentro da perspectiva da pesquisa-ação, considerando que:

A pesquisa-ação obriga o pesquisador de implicar-se. Ele percebe como está implicado pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. Ele também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo. Ele compreende, então, que as ciências humanas são, essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objeto da pesquisa. (2002, p. 14).

No método da pesquisa-ação existem algumas temáticas centrais, são elas: a identificação do problema e a contratualização; o planejamento e a realização em espiral; a observação participante; e a teorização, avaliação e publicação dos resultados. Tais temáticas estiveram de acordo com a realidade dessa pesquisa, pois permitiram analisar e respeitar a diversidade do universo estudado, contemplando dessa forma a integração dos diferentes saberes envolvidos. (BARBIER, 2002)

Ainda segundo Barbier (2002) o grande desafio ou problema da pesquisa-ação não está na conquista de uma nova lógica de pesquisa, mas na busca por novos caminhos que se afastem daqueles trilhados pela pesquisa experimental, intimamente ligados à premissa de uma realidade social estruturada por critérios artificiais.

Sendo uma das prioridades dessa pesquisa a abertura de um espaço de diálogo às trocas e construções de saberes, a pesquisa-ação foi, também neste aspecto, fonte de embasamento e inspiração. Nesse mesmo sentido, Franco (2005) avalia que a pesquisa-ação dá voz ao sujeito, a sua percepção, seu sentido, porém, não só com o propósito de registro para a interpretação do pesquisador; a voz do sujeito constitui a trama da metodologia de investigação, que não se forma pelos passos de um método, mas se estabelece pelas situações relevantes que surgem do processo.

A busca pela compreensão das relações sociais que constituem o espaço de convivência e atuação dos jovens é outro ponto central deste trabalho. Brandão (2005) considera que a realidade social, inserida em sua estrutura e dinâmica, deve marcar o ponto de partida para a pesquisa. Ainda segundo este autor a vida cotidiana de uma comunidade em suas distintas

dimensões (incluindo sonhos, vontades e projetos) formam o discurso a ser decodificado, sendo que o ponto focal no discurso estaria em fazer surgir as incongruências e contradições entre o falar e o agir, entre o real e o possível, entre a percepção da realidade e de si.

Dentro desse mesmo eixo, o método da pesquisa-ação dá destaque à análise das distintas formas de ação numa busca pela compreensão da realidade. THIOLENT compreende que:

[...] a proposta de pesquisa-ação dá ênfase à análise das diferentes formas de ação. Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos, a ação só se manifesta num conjunto de relações sociais estruturalmente determinadas. (1996, p. 9).

Assim como em outras abordagens metodológicas, à pesquisa-ação não possui uma unidade em relação a sua compreensão e orientação de propostas. De acordo com Franco (2005, p. 483) a utilização da pesquisa-ação nas últimas décadas tem sido orientada por diferentes intencionalidades constituindo, desse modo “um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas”.

Esclareço então, que a abordagem adotada para a condução desta pesquisa teve como orientação as diretrizes da proposta da pesquisa-ação crítica. Seguindo aqui a compreensão dada por Franco (2005, p. 486) que aponta que na perspectiva da pesquisa-ação crítica a transformação é identificada como uma necessidade após a interação entre o pesquisador e o grupo. Este trabalho é pautado por ações que valorizam a construção coletiva, a reflexão crítica da realidade, a superação das condições tidas como opressivas e a emancipação dos sujeitos. Para tanto, considera que se faz necessária uma imersão na práxis do grupo estudado, para que se possam obter os aspectos latentes que estruturam as práticas e para que as transformações sejam trabalhadas e conduzidas coletivamente.

São essas “mudanças, negociadas e geridas no coletivo” que movimentam a dinâmica da pesquisa-ação crítica e propiciam a emergência de seu caráter emancipatório, pois, é nessa perspectiva que os sujeitos da pesquisa têm a chance de construir e reconstruir conceitos, se desfazer de preconceitos e trilhar rumo às mudanças. (FRANCO, 2005).

## **2.2 As trilhas**

Para a condução desta pesquisa foram utilizados alguns procedimentos e estratégias metodológicas, que são aqui comparadas com trilhas que foram traçadas com o intuito de adentrar a realidade estudada, buscando desvelar as compreensões, expectativas, sentimentos e sonhos do grupo de jovens a respeito das realidades vividas.

A complexidade da realidade analisada e a busca pela coerência com a proposta da pesquisa-ação permitiram que este estudo não fosse direcionado por um planejamento rígido, sendo a proposta de trabalho discutida coletivamente e redirecionada em vários momentos, para que pudesse assim, ser mais significativa para o grupo participante e para a constituição deste estudo. Dessa forma, foi possível praticar um planejamento e realização em espiral, que norteou uma prática coletiva de constante planejamento e replanejamento por meio de avaliações presentes ao longo de todo o processo. (BARBIER, 2002).

A flexibilidade no planejamento e abertura na proposta de trabalho são aqui compreendidas como formas de favorecer a constituição de espaços de interação em que o pesquisador integra e interage em uma dinâmica de conversação capaz de construir, juntamente com os participantes, um universo de informações. Nessa perspectiva, o pesquisador é deslocado do espaço central das perguntas e suas ações são pautadas pela naturalidade e autenticidade. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 45)

A partir dessas definições e propósitos, as estratégias metodológicas adotadas neste estudo foram: observação participante; o diário de campo; história de vida; e fotografia.

### **2.2.1 Observação Participante**

A observação participante implica o envolvimento do pesquisador com os elementos e contextos da pesquisa, sendo esse envolvimento fundamental e encarado como um de seus principais pressupostos. A prática participativa realizada a partir da interação entre o pesquisador e o universo da pesquisa proporciona a interlocução entre o saber popular e o saber científico, de modo a propiciar um complexo processo educativo mútuo. A interação entre os diferentes saberes tem ainda o papel de articular “uma busca da pertinência científica e da relevância social do conhecimento produzido”. (MACEDO, 2006, p. 97).

### **2.2.2 Diário de Campo**

O diário de campo é aqui entendido como um instrumento de sistematização das atividades realizadas, por meio do registro ordenado das memórias de cada etapa desta pesquisa, com o propósito de balizar a análise processual dos dados coletados. Parte-se também da compreensão do diário de campo como uma das variações do diário de pesquisa, sendo este um espaço onde o pesquisador escreve suas descobertas e hipóteses, em torno de um objeto e de um campo de pesquisa previamente estabelecidos, com o propósito de reunir dados e informações que possam ser tratados posteriormente. (HESS, 2006, p. 95).

### **2.2.2 História de vida**

A intenção de trabalhar a história de vida surgiu como uma possibilidade de que esse momento pudesse ser um espaço de diálogo desses jovens consigo e com as distintas realidades com as quais convivem. A história de vida aqui é vista com um instrumento metodológico da pesquisa qualitativa que pode dar abertura aos diferentes olhares e saberes. Paulilo (1998) considera que a história de vida destaca-se dentre os diversos métodos e técnicas da abordagem qualitativa, pois permite compreender as ligações entre o individual e social, a fusão entre passado e presente, possibilitando uma visão mais ampla, em que o presente traz elementos para o entendimento e aprofundamento dos acontecimentos passados.

De acordo com as ideias de Martins (2004, p. 298), a proposta de trabalhar com a história de vida como ferramenta metodológica exprime “[...] a tentativa de ver o indivíduo não mais como objeto, mas como sujeito do conhecimento e da história”.

A prerrogativa de trabalhar com a história de vida permitiu um contato com as narrativas dos jovens, mediadas por suas memórias. Smolka (2000, p. 22) faz uma elucidativa análise sobre a relação entre linguagem e memória na qual considera que a linguagem é decisiva para a socialização da memória, pois verbalizar as vivências e lembranças permite rememorar imagens e recordações quase esquecidas. Para a autora o papel da linguagem não é meramente instrumental no tocante às lembranças, mas torna-se constitutiva da memória, sendo indispensável à construção da história.

Neste estudo, o resgate da história de vida foi o ponto de partida tanto para o resgate da memória, como para o exercício da linguagem, como forma de expressão e organização das experiências vivenciadas. A construção desta abordagem com a utilização da história de vida foi permeada pela seguinte conceituação:

A história de vida se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nela considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (QUEIROZ, 1988, p. 20 apud FREITAS, 2005, p. 31)

Para a execução da abordagem com a história de vida foram realizados encontros previamente agendados com os jovens, nos quais foram tratados temas referentes à auto-imagem, identidade, lembranças e expectativas realizadas e esquecidas.

### **2.2.3 Fotografia – linguagem e comunicação**

Com o desafio de estabelecer um diálogo com os jovens, que permitisse adentrar e compreender as realidades vividas era preciso encontrar uma linguagem ou algumas linguagens que favorecessem essa aproximação e que facilitassem a criação de um espaço de trocas. Desse modo, decidiu-se privilegiar um trabalho mediado pela fotografia e outros recursos da linguagem visual, uma estratégia que tanto poderia permitir o acesso à compreensão que os jovens possuíam de uma dada realidade, como também poderia minimizar as dificuldades que estes possuíam com a expressão oral e escrita.

Aumont (1995) ao discutir o papel da imagem para a comunicação considera que a imagem sempre é definida por arraigadas estruturas da linguagem, sendo atrelada ao arcabouço das construções simbólicas culturalmente construídas. O autor considera que, em todas as sociedades humanas, a imagem é instrumento de comunicação e representação do mundo.

A partir da compreensão da imagem como código de comunicação a fotografia desempenha o papel de dispositivo de registro da imagem, mas também é a forma de expressão e comunicação dos olhares sobre os espaços e realidades vividas. Por conseguinte, um dos propósitos da utilização da fotografia neste estudo esteve relacionado ao auxílio que

este instrumento pode proporcionar nos processos de coleta e análise de dados da pesquisa qualitativa que aqui se apresenta, funcionando, também como um instrumento metodológico. Santaella e Nöth (1998) abordam essa multiplicidade de formas e óticas por meio das quais a fotografia pode ser interpretada, considerando desde uma visão meramente instrumental e técnica dos dispositivos, até o que denominam de filosofia da fotografia, percepção que compreende a fotografia como forma de conhecimento e representação do mundo.

Essa proposta de trabalho parte da compreensão da fotografia que compartilho com Cardoso (1997, p. 406), segundo o qual:

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que traz à tona. Um passado que revela, através do olhar individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto imagem/monumento.

Para a execução do trabalho com a fotografia foram realizados encontros com o grupo de jovens com o propósito de discutir sobre os distintos papéis desempenhados pela fotografia, bem como as várias maneiras de leitura dessa linguagem. Partindo desta perspectiva Lima considera que:

A fotografia é uma possibilidade de comunhão de horizontes que permite uma compreensão aberta e multifacetada. O que aprendemos está sempre condicionado pelo ponto de vista e pelo horizonte histórico em que nos encontramos. Portanto, é necessário que deixemos a imagem nos falar e que busquemos na polissemia de cada imagem uma possibilidade de reconstrução de sentidos possíveis para um todo inalcançável (LIMA, 2004, p. 65).

Visando criar condições para dar início a uma experiência de liberdade e de comunicação ao grupo de jovens, para que esses pudessem ter a possibilidade de registrar e expor suas realidades, tendo como linguagem a fotografia, foram realizados momentos de familiarização com a câmera fotográfica, em que foram dadas algumas dicas sobre a configuração do equipamento, enquadramento, foco e iluminação. Outro ponto abordado foi a sensibilização do olhar, discussão proposta tendo como instrumento a seleção de algumas

fotos de Sebastião Salgado<sup>4</sup>, sendo o grupo convidado a falar sobre as impressões e emoções transmitidas pelas imagens.

Posteriormente, o grupo de jovens foi convidado a fazer suas fotografias com máquinas cedidas pela pesquisadora, as quais ficaram sob os cuidados dos jovens durante vários momentos da pesquisa. Foram realizados momentos individuais e coletivos para que fizessem suas fotos e em seguida as fotografias foram comentadas e discutidas coletivamente.

Outro aspecto bastante estimulado ao longo da pesquisa foi a fotografia como forma de registro, na medida em que os jovens foram convidados a fotografar as várias atividades, das quais participaram no projeto ao longo do ano de 2009.

---

<sup>4</sup> Sebastião Ribeiro Salgado – Fotógrafo brasileiro conhecido internacionalmente, suas fotografias em preto e branco documentam as mazelas sociais contemporâneas de diversas partes do mundo. No trabalho de sensibilização do olhar, feito com os jovens foram utilizadas fotos dos livros Terra, Trabalhadores, Serra Pelada e Êxodo.

### 3. CAMINHADA PELO CAMPO DE PESQUISA

Ao longo do terceiro capítulo pretende-se apresentar os elementos que constituíram o campo desta pesquisa, descrever os caminhos percorridos para a composição do grupo de jovens envolvidos neste estudo, assim como caracterizar os cenários sócio-históricos que compõem a realidade investigada.

#### 3.1 Localizando a experiência

O Campo desta pesquisa está localizado no Núcleo Rural Ponte Alta, área pertencente ao Gama, Região Administrativa II - RA II - do Distrito Federal.

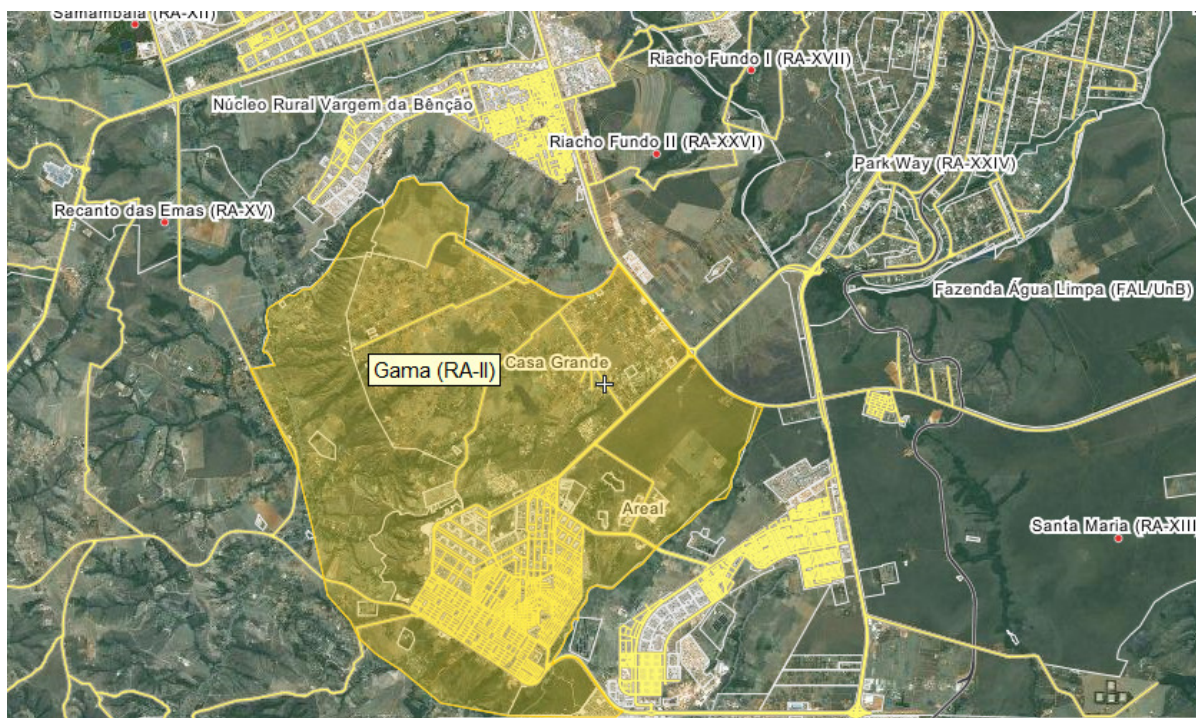


Figura 1 - Imagem de satélite da RA II - Gama  
Fonte: [www.wikimapia.org](http://www.wikimapia.org)

#### 3.1.1 Histórico do Gama

A constituição do Gama está diretamente associada à transferência da Capital do Brasil para o Planalto Central e com a consequente criação do Distrito Federal. Foi em 1960, mesmo ano da inauguração de Brasília, que teve início a formação do Gama sendo o seu território constituído pela desapropriação de terras das fazendas do Ipê, Alagado, Ponte Alta e Gama.



A história do Gama faz parte de uma política que marcou o processo de construção e implantação de Brasília e do Distrito Federal como um todo e que ainda hoje pode ser nitidamente observada. Mesmo antes da inauguração de Brasília o ideário de abrigar os que ajudaram a construir a nova Capital, acabou sendo distorcido e em alguns casos até abandonado. Em uma busca incessante para manter o plano arquitetônico original da Capital preservado, muitas foram as medidas adotadas no sentido de coibir e remover toda e qualquer ocupação irregular de terras na região central da cidade, bem como controlar o que era considerado excedente populacional.

Foi a partir desse ideal de controle da expansão da população que foi elaborada a Lei n.º 3.751, de 13 de abril de 1960, que prevê a criação das cidades satélites. É dentro dessa lógica que ocorre a criação do Gama, sendo que sua constituição inicial se dá com o propósito de abrigar moradores removidos dos acampamentos da Vila Planalto, Vila Amauri e Barragem do Paranoá. (CODEPLAN, 2008; MANCINI, 2008, p. 80).

Até 1989, o Gama foi denominado Cidade Satélite, nomenclatura empregada para as áreas do Distrito Federal que não estivessem dentro do perímetro de Brasília. É a partir de 1989, que essa nomenclatura muda, passando a ser utilizado o termo Região Administrativa, acompanhado por um número, sendo o Gama a Região Administrativa II. Essa alteração foi dada por meio da Lei n.º 49/1989 e do Decreto n.º 11.921/1989. Para além da mudança de nomenclatura, esse período marcou também um re-ordenamento do território do Gama, em função de um fracionamento que deu origem a duas novas Regiões Administrativas, o Recanto das Emas e a parte urbana de Santa Maria.



Figura 2 - Localização do Gama no mapa do Distrito Federal

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Distrito\\_Federal\\_RA\\_Gama.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Distrito_Federal_RA_Gama.svg)

A atual configuração do território do Gama possui uma área de 276,30 Km<sup>2</sup>, localizada a aproximadamente 30 km de Brasília. Segundo os dados do Censo Demográfico 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE sua população é 130.580 habitantes, sendo que deste total, 122.744 moradores estão na zona urbana, o que corresponde a aproximadamente 93% da população local.

A área urbana do Gama foi projetada inicialmente pelo arquiteto Paulo Hungria, que idealizou um traçado hexagonal semelhante ao formato de uma colméia. A organização foi estruturada em cinco setores - Norte, Sul, Leste, Oeste e Central – os quatro primeiros são destinados a abrigar a área habitacional, já o Setor Central foi projetado para o comércio e os órgãos da Administração Pública. A atual área urbana da RA II ocupa um espaço de 15,12 km<sup>2</sup>.

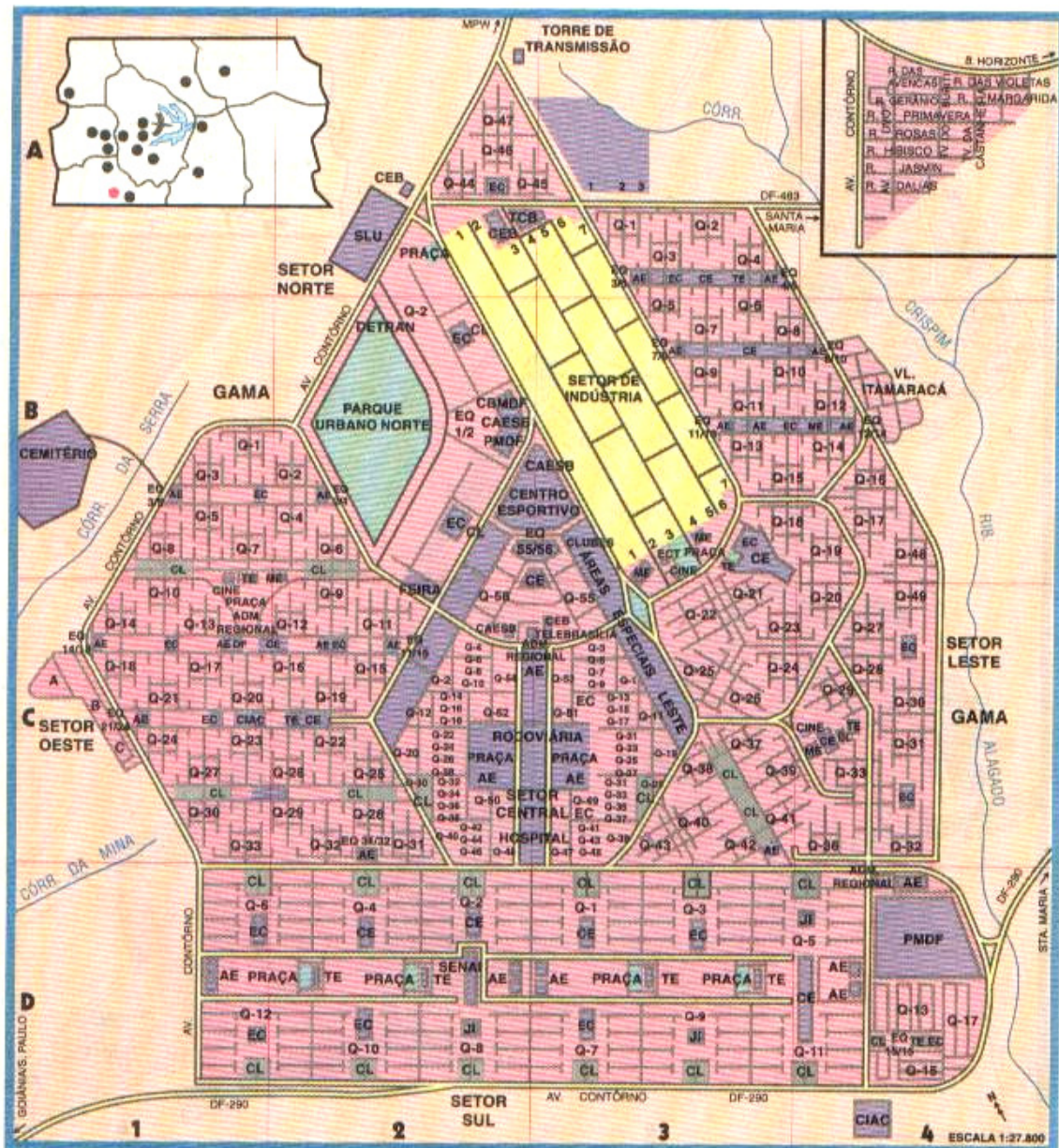


Figura 3 - Configuração urbana da RA II - Gama  
 fonte: <http://wbrasilia.com/Mapas/Mapa21.jpg>

Em sua composição inicial a cidade de Gama foi denominada como cidade dormitório, em virtude de a maior parte de sua população ter que se deslocar diariamente para o trabalho, que quase sempre era na parte central de Brasília. Dessa forma o retorno da população só ocorria no final do dia em virtude da jornada de trabalho e também da distância entre as localidades. Apesar de atualmente já haver uma pequena mudança nesse quadro, com o crescimento do mercado de trabalho da região e das ofertas de vagas de emprego locais, a maior parte da população ainda se vê compelida a se deslocar diariamente em função do trabalho.

Em relação ao deslocamento da população, cabe esclarecer que o transporte público no Gama se dá exclusivamente por meio de ônibus e micro-ônibus, visto que a região não foi incluída na rota atendida pelo metrô pensado para o Distrito Federal.

No que diz respeito à educação, a estrutura da rede de ensino público para atender a população do Gama é composta por 50 escolas públicas, sendo que, destas, 43 estão na zona urbana. Estas unidades de ensino estão organizadas da seguinte maneira: um Centro de Ensino Integrado; quatro Jardins de Infância; um CAIC; 18 Escolas Classe; 11 Centros de Ensino Fundamentais; um Centro Interescolar de Línguas; um Centro de Ensino Especial; dois Centros Educacionais; três Centros de Ensino Médio; e um Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional.

Quanto aos aparelhos de estado relacionados à saúde, a região urbana do Gama conta com um Hospital Regional e sete Centros de Saúde. É importante ressaltar que essa estrutura atende não apenas o montante da população local, mas também a população do entorno do Distrito Federal que reside nas proximidades.

Três parques, definidos como áreas de proteção ambiental, estão localizados na RA II, são estes: Parque Recreativo do Gama; Parque Urbano e Vivencial do Gama; e o Parque Ecológico da Ponte Alta do Gama (área rural). Apesar de serem criados e protegidos por decreto, o que se observa é um crescente processo de degradação ambiental dessas áreas em virtude de um quadro de abandono. Existe ainda a dificuldade de estruturar e implementar planos de manejo capazes de promover a gestão e o controle dessas áreas frente ao crescimento desordenado da Região Administrativa e seu entorno. É importante ressaltar que a problemática ambiental do Gama é bastante antiga, sendo contemporânea à sua própria constituição, visto que sua área está localizada em uma borda de Chapada.

Após quase 50 anos do início de sua formação, o Gama hoje enfrenta problemas de distintas ordens, conforme o Anuário Estatístico do Distrito Federal (2008) organizado pela Companhia de Planejamento do DF. Essa problemática é constituída por um quadro de desemprego, invasão de áreas públicas, violência, tráfico de drogas, falta de estrutura para cultura e lazer. (SEDUMA, 2009; CODEPLAN, 2008).

### 3.1.2 Área Rural do Gama

Apesar de manter alguns aspectos estruturais do universo rural preservados, essa região constitui um espaço caracterizado pela realidade de uma periferia urbana ou, como um espaço urbano, a partir do conceito anteriormente abordado, ou seja, reúne aspectos tanto caracterizados como rurais como aqueles tidos como urbanos. (SOUZA: 2009, p. 183).

Apesar da diminuição das fronteiras, o Gama, oficialmente, ainda está dividido em área urbana e rural. A área rural é formada por seis núcleos que são: Ponte Alta; Ponte Alta de Baixo; Ponte Alta Norte; Monjolo; Córrego Crispim; e Alagado. Este estudo teve foco nas questões mais diretamente ligadas ao Núcleo Rural Ponte Alta, localidade em que se realizou este trabalho, porém, muitas questões aqui discutidas são comuns aos demais núcleos rurais citados.

O perímetro rural do Gama possui uma extensão de 261,22 Km<sup>2</sup> e uma população de 7.836 habitantes, o que corresponde a aproximadamente 07% do total da população da RA II. A região tem sido marcada por uma série de problemas gerados pela ocupação desordenada e parcelamento ilegal do solo, mazelas que afetam o Distrito Federal como um todo e provocam grandes prejuízos socioambientais. (IBGE, 2000, CODEPLAN, 2008).

No que diz respeito ao sistema de educação, na porção rural do Gama encontram-se em funcionamento sete escolas, sendo que, destas, cinco são Escolas Classes e duas Centros de Ensino Fundamental. Com essa conformação, todos aqueles que concluem o Ensino Fundamental precisam se deslocar da área rural para dar continuidade à sua formação escolar. Com isso, o desgaste dos jovens da área rural que cursam o ensino médio é diário, pois depende do transporte público para chegar até a escola, tendo em vista que nesta fase escolar a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal não fornece mais transporte escolar. Além do desgaste físico causado pelos longos deslocamentos são significativos os gastos com o custeio das passagens.

O transporte público que atende esta população possui uma estrutura de apenas cinco linhas de ônibus que circulam somente de segunda à sexta-feira, deixando a área desprovida de qualquer suporte do sistema público de transporte durante os finais de semana.

Os serviços de saúde pública são prestados em três postos de saúde que oferecem atendimento ambulatorial nas especialidades de clínica geral, pediatria e ginecologia. Para os atendimentos de outras ordens a população precisa deslocar-se para o Hospital Regional do Gama ou ainda para os outros hospitais da rede pública de saúde do Distrito Federal.

Poucos dados referentes aos aspectos de ocupação e ordenamento da zona rural estão disponíveis nos documentos oficiais e estudos dos órgãos governamentais, o que dificulta uma análise mais detalhada desta realidade.

### **3.2 Definições Iniciais**

Após a definição da temática central desta pesquisa, procurou-se identificar um espaço no qual fosse possível encontrar a dupla condição – juventude e educação ambiental – para a realização desta proposta de trabalho, sendo imprescindível que ambas estivessem presentes em uma só realidade, ou seja, que agrupasse tanto a presença de jovens, como que esses estivessem, necessariamente, envolvidos em um processo educativo mediado pela educação ambiental e sustentabilidade.

A partir dessa resolução, surgiu a oportunidade de adentrar a realidade do Projeto Sombra da Mata, espaço no qual seria possível acompanhar o cotidiano de relações que engendraram as duas questões centrais para este estudo.

Então, em outubro de 2008, aconteceu o primeiro contato com o Projeto Sombra da Mata e naquela ocasião foi possível participar da festa de encerramento das atividades do ano e ter uma primeira aproximação com o grupo de jovens que integravam o projeto.



Figura 4 - Apresentação de teatro realizada pelos jovens em 2008.

### 3.3 O projeto Sombra da Mata

Para melhor compreender o que é o Projeto Sombra da Mata e quais são suas propostas faz-se necessário revisitar suas origens. O Sombra da Mata tem como ponto de partida os sonhos de uma educadora, Clarissa Cassab Danna - Kika, que vislumbrava a possibilidade de dar continuidade às suas experiências com educação ambiental e comunitária vivenciadas durante a Graduação e Mestrado. Por não conseguir perceber a abertura para um trabalho com esse perfil na Rede Pública de Ensino, essa educadora resolveu mobilizar outras pessoas com o mesmo ideal para buscar possibilidades de realizar um projeto que pudesse permitir a liberdade de concretizar experiências diversas pautadas por um modelo de educação libertadora.

Assim, no início do ano de 2006, a partir de uma parceria com o Instituto Camargo Corrêa, que patrocinava projetos ambientais, surge a possibilidade de dar os primeiros passos rumo à concretização do Projeto Sombra da Mata. Após esse primeiro contato começaram os

trabalhos de elaboração, planejamento e formalização da proposta inicial para a implementação do projeto.

A burocracia foi um dos primeiros obstáculos encontrados para formalização das atividades do projeto, visto que para estabelecer qualquer parceria referente à obtenção de financiamento com empresas privadas ou órgãos públicos era necessário possuir um registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ, ou estar vinculado a uma entidade com esse pré-requisito. Por inicialmente não possuir este cadastro, foi estabelecida uma parceria com o Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente – IPOEMA, que permitiu a obtenção do primeiro patrocínio para o Sombra da Mata. Posteriormente, os responsáveis pelo projeto criaram o Instituto Coopera, Organização não governamental que englobou o projeto Sombra da Mata.

Outra decisão que precisava ser tomada era relativa à localidade em que o projeto seria desenvolvido. A comunidade escolhida, a partir de demandas locais das escolas públicas e de famílias das chácaras vizinhas ao Sítio Sombra da Mata, foi a do Núcleo Rural Ponte Alta que faz parte da Região Administrativa do Gama, no Distrito Federal. A sede do projeto seria instalada em um sítio, cedido por seus proprietários por meio da formalização de um Termo de Cessão de Uso, no qual firmaram o compromisso de emprestar a propriedade e não se desfazer dela durante o período em que o projeto estiver sendo executado.





Figura 5 - Imagem de satélite da localização do Sítio Sombra da Mata  
Fonte: [www.wikimapia.org.br](http://www.wikimapia.org.br)

O primeiro semestre de 2006 foi marcado por muitos esforços referentes à elaboração, planejamento e busca de recursos para estruturação e formalização das primeiras atividades do projeto. Nesse período, também foi iniciado o processo de aproximação com a comunidade da ponte Alta e duas de suas escolas - Escola Classe Córrego do Barreiro e Centro de Ensino Fundamental Tamanduá – para promover a divulgação das ideias e propostas norteadoras do projeto e visando construir uma melhor percepção da realidade local.



Figura 6 - Divulgação do Projeto Sombra da Mata nas escolas  
 Fonte: fotos do acervo do Projeto Sombra da Mata

Após a liberação de 50 mil reais, recurso oriundo do patrocínio da Empresa Camargo Corrêa, foi possível começar um trabalho de mutirão, que reuniu os educadores envolvidos com o projeto, seus amigos e familiares e a comunidade da Ponte Alta, em sua maioria moradores de chácaras vizinhas. A atividade inicial do mutirão foi a construção de uma casa, denominada Ecoteca, bioarquitetada e consolidada pelo grupo envolvido. Já pautados por uma proposta de Educação Ambiental de base comunitária, que pensasse em soluções e medidas sustentáveis, a técnica escolhida para a construção da casa foi o ferro-solo-cimento, tecnologia de bioconstrução, na qual são utilizados terra, areia, cimento e telas metálicas como elementos para a edificação. A construção coletiva utilizando esta técnica propiciou uma maior integração entre os membros do grupo, favoreceu ricas vivências pedagógicas e permitiu, ainda, a edificação de uma obra de baixo custo e com um pequeno impacto ambiental. Com essas práticas, também estavam o desejo e a intenção dos educadores de que uma das filosofias do projeto - “Seja responsável por sua existência” – fosse vivenciada pelo grupo.



Figura 7 - Processo de mutirão para a construção da ecoteca.  
Fonte: fotos do acervo do Projeto Sombra da Mata



Figura 8 Finalização da construção da Ecoteca.  
Fonte: fotos do acervo do Projeto Sombra da Mata

Depois de um período de seis meses de trabalho coletivo, a ecoteca estava pronta para abrigar as diversas atividades do projeto. Com a estrutura inicial composta pela ecoteca e pela antiga casa que servia de sede ao sítio, deu-se andamento a mais uma etapa de divulgação, o que aconteceu com uma maior aproximação com as escolas da região, mediada por apresentações de cirandas que contavam como seria o projeto. Essa abordagem pretendia sensibilizar alunos, professores e a comunidade, para que todos tivessem o interesse em conhecer, participar e ajudar a construir a história do Sombra da Mata.

Em agosto de 2006, uma grande festa de inauguração marca, para a comunidade da Ponte Alta e para os educadores envolvidos, o início formal das atividades do Projeto Sombra da Mata. Na semana seguinte foram iniciadas as aulas que aconteciam todas as sextas-feiras. Essa primeira fase foi marcada pelo alto grau de envolvimento e motivação dos educadores do

projeto e ainda pela possibilidade de executar as atividades programadas<sup>5</sup>, em virtude de o recurso financeiro disponível permitir manter o custeio das despesas geradas pela execução do projeto.



Figura 9 Alguns momentos da inauguração do projeto.  
Fonte acervo fotográfico do Projeto Sombra da Mata

Para o planejamento das atividades pedagógicas do projeto são realizadas reuniões pedagógicas semanais que têm como premissa um modelo de escola dos sonhos, na qual as boas experiências educativas vivenciadas pelos educadores são replicadas visando criar um espaço pedagógico que permita a expressão da liberdade e o respeito à diversidade.

A proposta de trabalho do Sombra da Mata está dividida, basicamente, em cinco frentes principais que são: corpo e movimento; esporte; literatura e artes; educação ambiental; e musicalização. Em relação à educação ambiental, as questões que possuem um maior

<sup>5</sup> As atividades inicialmente programadas para o projeto foram: dança; literatura e artes; inclusão digital; educação física; e educação ambiental.

destaque são relacionadas ao uso e ocupação da terra, agricultura orgânica, permacultura<sup>6</sup>, uso racional da água e destinação adequada dos resíduos orgânicos. De maneira ampla, o principal foco das ações pedagógicas desenvolvidas no projeto é a inclusão socioambiental, de crianças e jovens, de modo a promover vivências pautadas pela educação ambiental e que sejam capazes de favorecer a estruturação e o fortalecimento do processo de gestão participativa do desenvolvimento sustentável local.

Uma outra atividade periodicamente realizada no Projeto são os bazares, que normalmente acontecem conjuntamente com as festas de encerramento dos semestres. O bazar foi uma maneira, encontrada pelos educadores, para arrecadar fundos para o projeto, mas que ao mesmo tempo se tornou um espaço agregador e pedagógico que atraiu outras pessoas da comunidade, que assim passaram a conhecer o projeto e se interessaram em participar das atividades. Os bazares são viabilizados graças às doações feitas pela rede de parceiros criada em torno do projeto formada por familiares e amigos dos educadores e por alguns empresários.

Em 2007, as atividades do projeto foram mantidas com um funcionamento regular, mas já sem os recursos obtidos com o patrocínio da empresa Camargo Corrêa. A necessidade de encontrar outras fontes de financiamento mobilizou a participação do projeto em vários editais de fomento a trabalhos educativos e culturais. Assim, neste mesmo ano, por intermédio de uma de suas educadoras que é agente cultural, o Projeto participa de um Edital do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal – FAC e tem sua proposta aprovada. Com essa aprovação foi destinado ao projeto um recurso totalizando 20 mil reais, porém sem a uma prévia definição de um cronograma para sua liberação.

Outro importante marco no ano de 2007 foi a criação da frente do projeto que atenderia aos jovens. Até aquele momento somente eram atendidas crianças de três a 12 anos, mas em virtude de uma demanda da comunidade e dos anseios dos próprios alunos em continuar envolvidos nas atividades do projeto, tem início o funcionamento da turma de jovens. As atividades com os jovens passaram a ser realizadas já no primeiro semestre de 2007, em todas

---

<sup>6</sup> A Permacultura tem origem na Austrália na década de 70 a partir das idéias de Bill Mollison e David Holmgren. A permacultura tem como princípio pensar as ocupações humanas de modo sustentável, de forma a agregar práticas ancestrais aos conhecimentos modernos. Seu foco está nas ciências agrárias, engenharias, arquitetura e ciências sociais, pensadas tendo por base a ótica da ecologia.

as quartas-feiras, passando a ser atendidos jovens a partir de 13 anos e sendo considerado o limite para a permanência no projeto o término do ensino médio.

Nesta etapa, o projeto já havia conquistado uma maior proximidade com a comunidade e uma maneira encontrada para aumentar esse laço foi dar retorno a algumas das demandas apresentadas<sup>7</sup>. Assim foram realizadas palestras e oficinas para os adultos. Essas atividades foram muito procuradas e tiveram bastante êxito, fortalecendo ainda mais a credibilidade do projeto.

No segundo semestre de 2007, o projeto sofreu uma redução na frequência de suas atividades, em virtude da escassez de recursos financeiros, devido ao atraso na liberação dos recursos do FAC. Dessa forma, as atividades passam a ser desenvolvidas apenas nas primeiras três semanas de cada mês. Para tentar solucionar esse problema, neste período foram retomados os esforços em busca de outras fontes de financiamento e muitas propostas passam a ser escritas para participar de alguns editais, visando conseguir recursos para dar continuidade às atividades do projeto. Com esse anseio, entre o segundo semestre de 2007 e o primeiro semestre de 2008 o Sombra da Mata participou de cinco seleções previstas por editais de financiamento, porém conseguiu ser aprovado em apenas uma dessas, fato esse que criou na equipe um grande sentimento de desânimo.

Como o aumento das dificuldades criadas pela escassez de recursos financeiros, o projeto começou a perder alguns professores em função da falta de possibilidade de financiar despesas com transporte e ajuda de custo. A falta de alguns desses educadores fez com que precisassem ser feitas algumas mudanças nos conteúdos e áreas de concentração do trabalho pedagógico. Nesse período foi definido como prioridade o pagamento das merendeiras, em um movimento de valorização dos profissionais da comunidade envolvidos com o projeto, bem como para dar continuidade às refeições e lanches servidos aos alunos.

Mesmo em meio às dificuldades, no segundo semestre de 2007, por uma decisão da equipe de educadores em atender uma demanda dos próprios alunos, têm início as atividades de monitoria com os jovens. O monitor, dentro do Projeto Sombra da Mata, exerce um papel de liderança em relação ao restante do grupo de alunos e tem como compromisso auxiliar os

---

<sup>7</sup> As principais demandas apresentadas foram cursos e oficinas voltadas aos adultos da comunidade e ainda transporte escolar para os alunos do projeto.

educadores durante as atividades desenvolvidas com o grupo de crianças nas sextas-feiras. Quando necessário, o monitor ajuda na condução das atividades com o grupo de jovens, do qual também fazem parte como aluno do projeto.

Durante o primeiro semestre do ano de 2008, o projeto passou a funcionar contando com o trabalho totalmente voluntário dos professores envolvidos e com a doação de alguns recursos de pessoas que simpatizavam com a proposta de trabalho do projeto. Porém, os recursos apenas eram suficientes para comprar a comida utilizada para as refeições e os lanches servidos aos alunos, para os pagamentos das merendeiras e das bolsas dos monitores.

No início do segundo semestre de 2008 foi submetido ao FAC mais um projeto para obtenção de recursos e a proposta foi aprovada, porém, o recurso somente foi liberado em junho de 2009. Assim, durante o segundo semestre de 2008 as dificuldades em manter o funcionamento regular do projeto foram se agravando ainda mais e em consequência desse fato as aulas passaram a acontecer apenas quinzenalmente, o que significava a redução dos encontros pela metade em relação à proposta original do projeto. Nesse período, as despesas passam a ser custeadas com os recursos obtidos nos bazares que arrecadavam em média R\$2.000,00 (dois mil reais).

Como o início do ano de 2009 o projeto recebeu R\$ 75.900,00 (setenta e cinco e novecentos reais) liberados pelo FAC, recurso que teria um prazo de um ano para ser aplicado no projeto. Todas as experiências vividas durante o período de grande privação de recursos financeiros fizeram com que novas estratégias fossem criadas, o que fez com que os financiamentos fossem revertidos em benefícios que ultrapassavam o período de 1 ano, prazo obrigatório para a prestação de contas dos recursos concedidos, garantindo o funcionamento do projeto por um período maior. Após a liberação do recurso do FAC, a equipe pedagógica decide por continuar com o funcionamento quinzenal do projeto. Neste momento foram incluídos passeios em meio às aulas do projeto que, além das perspectivas educativa e lúdica previam também promover espaços de inclusão social e cultural das crianças e jovens participantes, além de encurtar a distância entre o campo e a cidade.

Durante o ano de 2009, o projeto atendeu diretamente com suas atividades à um total de 80 alunos, entre crianças e jovens, estando estes divididos em três turmas: duas turmas de crianças que funcionaram nas sextas-feiras nos turnos matutino e vespertino; e uma turma de



jovens funcionando às quartas-feiras no período vespertino. Quanto ao público beneficiado indiretamente estima-se que o trabalho do projeto tenha atingido aproximadamente a 50 famílias, o equivalente a 400 pessoas da comunidade da Ponte Alta do Gama.

Ao pensar na continuidade do projeto os educadores almejam encontrar meios de manter o funcionamento regular das atividades, bem como agregar ações ligadas a temas como: agrofloresta, bioconstrução e também inserir mais medidas que favoreçam o acesso à cultura e ao lazer, possibilitando, assim, uma maior inclusão social de seus alunos. Outro desejo é encontrar caminhos que levem o projeto a se tornar uma Escola Família Agrícola, que em suas atividades possibilite a formação profissional dos jovens, geração de empregos e consiga criar meios de se auto-sustentar.

Por hora, os educadores avaliam como positivas as repercussões das atividades do projeto tanto para o grupo de alunos como para seus pais e familiares, mesmo considerando que as mudanças promovidas por processos educativos sejam lentas e graduais. As transformações observadas muitas vezes ainda estão no campo do discurso, nem sempre tendo reflexos em muitas atitudes cotidianas. O que se deseja, contudo, é que as mudanças ganhem concretude e sejam perpetuadas pelos alunos em seus outros espaços de convivência – familiar e estudantil – com forma de multiplicar os valores, práticas e atitudes vivenciadas no projeto.

### **3.4 Os cursos da pesquisa – escolhas e caminhos percorridos**

Após conhecer o trabalho do Projeto Sombra da Mata e definir aquele como espaço em que seria realizado este campo de estudo, foi marcado um primeiro encontro com os jovens para esclarecer a proposta da pesquisa aqui descrita, suas implicações e desdobramentos.

#### **3.4.1 O primeiro encontro – 01 de abril de 2009.**

O primeiro encontro com os jovens do Projeto Sombra da Mata para tratar desta pesquisa aconteceu em primeiro de abril de 2009. Essa reunião teve como propósito estabelecer um contato inicial com o grupo, a fim de expor as principais intenções desta pesquisa, bem como sua estruturação. Após esses esclarecimentos os jovens foram

convidados a participar deste estudo e aqueles que manifestaram interesse pactuaram um compromisso de comparecer e participar dos encontros agendados.

Nesse primeiro encontro, 10 jovens se comprometeram a participar da construção coletiva desta pesquisa, sendo que em várias atividades o grupo chegou a contar com até 17 participantes.

Inicialmente foram acordados encontros quinzenais que ocorreriam sempre às quartas-feiras no turno da tarde, paralelamente às atividades previstas para o semestre do Projeto Sombra da Mata.

A construção de vínculo tanto com o grupo de jovens, como com os demais integrantes do Projeto Sombra da Mata, foi uma das preocupações iniciais desta pesquisa.

### 3.4.2 Composição do Grupo

Como descrito anteriormente, o grupo que participou deste estudo chegou a contar com a participação de 17 jovens. Sua composição se organizou de forma bastante heterogênea. Quanto ao recorte de gênero, integraram o grupo 10 homens e 07 mulheres.

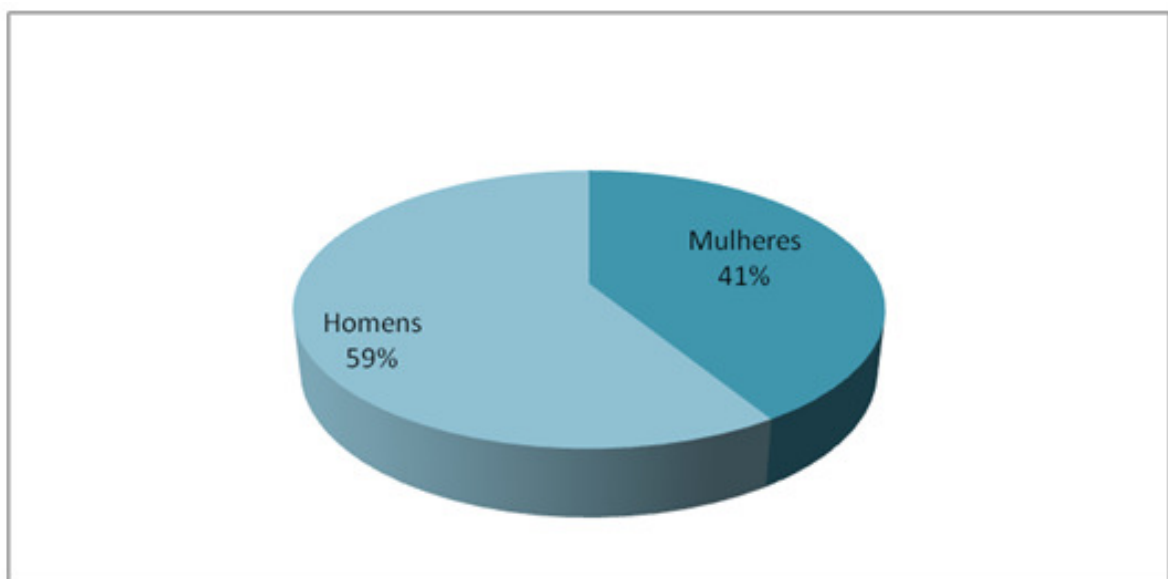


Gráfico 1- Configuração do Grupo em relação ao gênero

Em relação à questão etária, o grupo foi formado por jovens com idades entre 12 e 21 anos, divididos da seguinte maneira: com as idades de 21, 18, 17, 16 e 15 anos, apenas um

jovem em cada faixa etária; 6 jovens com 14 anos; 04 jovens com 13 anos; e 2 jovens com 12 anos.

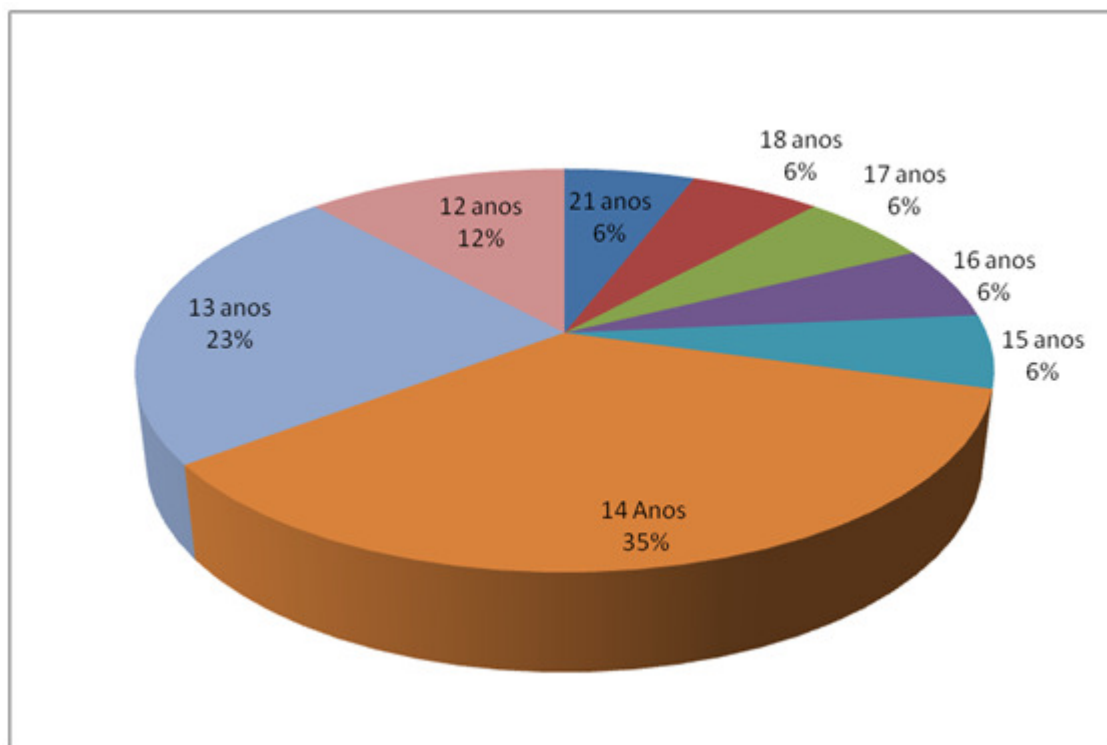


Gráfico 2 - Configuração do grupo segundo o fator etário

No que diz respeito à educação, todos os jovens do grupo são alunos da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, sendo que destes, 13 são atendidos em duas escolas da área rural: Escola Classe Córrego do Barreiro e Centro de Ensino Fundamental Tamanduá. Os outros quatro jovens são alunos do Centro de Ensino Médio 02 do Gama, localizado na área urbana da Região Administrativa.

Ao longo desse estudo foram muito discutidas com o grupo questões ligadas à identidade, portanto faz-se necessário aqui também fazer um apresentação de cada um dos jovens que contribuíram para a construção desta dissertação, não só como uma maneira de dar visibilidade às individualidades, mas também de modo a dar concretude e realce ao grupo que juntos estes compõem.



Figura 10 - Os jovens que compuseram o grupo de pesquisa

A publicação dos nomes, relatos e fotografias dos jovens foram autorizadas por escrito por seus responsáveis e ao longo do trabalho serão utilizados apenas o primeiro nome dos jovens para identificar suas contribuições.

### 3.4.3 Encontros com a fotografia – 15 de abril de 2009

Com a constituição do grupo da pesquisa começou um processo de aproximação e encantamento com a fotografia. Esse encantamento teve diversas fases, também descritas no capítulo destinado à metodologia. O início das atividades foi marcado pela apresentação de fotografias de Sebastião Salgado e uma discussão sobre as inúmeras possibilidades de expressão encontradas na fotografia de modo geral.

A fotografia foi colocada como uma possibilidade de registrar o cotidiano, expressar sentimentos, recontar uma vivência e comunicar realidades. O envolvimento que os jovens foram cultivando com a fotografia também esteve relacionado à experiência com suas tecnologias, mais especificamente com o manuseio da máquina fotográfica digital e alguns de seus recursos.

Antes de fazer as primeiras fotos, os jovens foram convidados a fazer canudos de papel para observar os espaços, fazendo escolhas sobre o que gostariam de registrar, numa tentativa de selecionar o que consideravam mais significativo dentro daquele universo de possibilidades.



Figura 11 - Atividade de observação do espaço do projeto.

Após algumas dicas básicas sobre fotografia (funcionamento da câmera, cuidados com o equipamento, enquadramento, iluminação, foco), os jovens começaram a fotografar numa espécie de aprendizado baseado em ensaios de tentativas e “erros”. Neste primeiro momento já era visível a abertura ao novo e as possibilidades que esse exercício poderia trazer.

Com as primeiras fotografias prontas e o grupo reunido, as imagens foram projetadas para que todos pudessem observar e compartilhar suas fotos e percepções com os demais. Desse modo, os jovens foram convidados a identificar as fotos que tinham feito e contar ao grupo o que os motivara a fazer aquelas escolhas. Nesse exercício, a fotografia foi colocada também como uma escolha, pois é percebida como uma decisão por um recorte de realidade: uma possibilidade dentre tantas outras. Tal fato demonstra um olhar específico sobre o universo observado e, desse modo, o fotógrafo deixa em sua fotografia um pouco de si, de sua forma de ver o mundo e de comunicar-se com ele.



Figura 12 - Vista do quintal do sítio Sombra da Mata  
Autoria: Adriana



Figura 13 - Flor do jardim do sítio Sombra da Mata  
Autoria: Josiely

A partir dessa percepção a fotografia foi colocada para os jovens, também, como um instrumento de comunicação, por meio do qual eles poderiam contar suas histórias mais cotidianas e relembrar fatos de suas trajetórias. Neste contexto, as fotografias de Sebastião Salgado foram bastante exemplificativas, tanto pela força de suas imagens como por seu caráter sociopolítico.

#### **3.4.4 Ampliando os canais de comunicação – 06 de maio de 2009**

Com a compreensão da fotografia como um instrumento de comunicação fez-se necessário construir com os jovens um trabalho de leitura de imagens. Então, no encontro de 06 maio, foi proposto ao grupo realizar uma atividade de seleção de fotografias em revistas, para tentar analisá-las visando decodificar a mensagem transmitida e, em seguida, conferir se as imagens estavam realmente correlacionadas às matérias às quais estavam direcionadas.

No momento seguinte, partindo de uma conversa sobre as histórias de vida, sua importância e significados, os jovens foram convidados a contar um pouco de suas histórias e o instrumento inicial para esse exercício foi a fotografia. Em virtude de muitos não terem uma câmera fotográfica, foram disponibilizadas duas máquinas para a realização da atividade.

Neste encontro foram pactuadas as regras para o trabalho com a fotografia, sendo colocadas as condições de empréstimo dos equipamentos e a necessidade de auto-organização do grupo para planejar os encontros com os monitores que ficariam responsáveis pela circulação das máquinas entre os membros do grupo.

### 3.4.5 Identidade, história de vida e fotografia - 20 de maio de 2009

Esse encontro foi iniciado com a retomada do trabalho da história de vida mediado pela fotografia, para isso, os jovens foram convidados a contar sobre o andamento da atividade, suas expectativas, possíveis dificuldades encontradas e os resultados alcançados. Após cada um dos relatos as fotografias foram projetadas e comentadas por seus autores.



Figura 14 - Fotos - Ambiente doméstico e a mãe  
Autoria: Vanessa





Figura 15 - Foto da Ecoteca e do quintal de casa  
Autoria: Elton

Em seguida, foi proposta uma análise da trajetória da turma de jovens no Projeto Sombra da Mata, a partir do registro fotográfico do acervo do projeto.

Por fim, foram abordadas questões relacionadas à auto-imagem e identidade como mostram alguns dos relatos:

Gosto da minha sinceridade e do respeito que tenho pela diferença dos outros. Não gosto de ser muito preocupada e as vezes triste sem motivo. Poderia ser mais feliz, mais gosto de mim do jeito que sou.  
**Aline (Relatos escritos sobre as questões de identidade)**

Sou uma pessoa legal e importante para minha família e colegas e incomum. Me agrada minha sinceridade e humildade, a alegria de viver, a escola, e ter as quartas feiras para si divertir  
**Vanessa (Relatos escritos sobre as questões de identidade)**

### 3.4.6 Caminhadas – 17 de junho de 2009

Ainda com o intuito de trabalhar as questões relacionadas à história de vida, durante o encontro de 17 de junho, foram utilizados os livros da coleção *Caminhadas de Universitários de Origem Popular*<sup>8</sup>. Para este trabalho foram disponibilizados alguns exemplares da coleção, para que cada jovem pudesse escolher um livro e uma história. Em seguida, o grupo se dividiu para fazer a leitura em lugares mais reservados. Após a leitura, cada jovem deveria contar para o grupo a história escolhida. Além de conhecer a história de vida de outros jovens, esse momento teve como propósito incentivar o grupo a se organizar para contar suas próprias histórias.



Figura 16 - Leitura da coleção *Caminhadas de Universitários de Origem Popular*.

<sup>8</sup> A coletânea *Caminhadas de Universitários de Origem Popular* reúne as histórias de vida dos bolsistas do Programa Conexões de Saberes. A coleção foi inicialmente composta por sete livros, cada um contemplando um grupo vinculado a uma universidade. O Programa Conexões de Saberes é uma iniciativa do MEC que está sob a coordenação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e tem como propósito estabelecer um diálogo entre a universidade e seus estudantes de camadas populares, de forma a promover trocas de saberes, subsidiar a atuação desses universitários em suas comunidades de origem e, ainda, criar meios para a permanência de qualidade desses estudantes nas universidades.

Outro ponto abordado nesse encontro foi a proposta de trabalhar com as histórias de vida a partir da construção de caixas museu. A caixa museu é uma atividade que consiste em organizar um espaço para guardar histórias, lembranças, saudades, como uma forma de resgatar elementos que retomem fatos e vivências tidas como relevantes na composição da história de vida. Apesar de ser intitulada caixa museu, o suporte para organização dos elementos selecionados pode ser bastante variado, dependendo da escolha de cada pessoa, podendo, por exemplo, ser feito em uma caixa de sapato, lata, baú, mala, bolsa, mochila, entre tantas outras possibilidades. A riqueza desse processo está tanto no momento de análise e escolha dos elementos para compor a caixa museu, em função do resgate histórico dos momentos mais representativos e simbólicos, como na fase em que essas questões são socializadas e ressignificadas.

Tanto para a construção da caixa museu, como para as demais atividades envolvendo a história de vida, os jovens foram orientados a pesquisar sobre sua história e para isso deveriam: buscar informações com a família; descobrir sobre fatos que envolveram o período de seu nascimento; fazer uma lista das coisas consideradas importantes em sua trajetória; fazer uma retrospectiva da caminhada escolar e da participação no Projeto Sombra da Mata.

### **3.4.7 Falando sobre as caixas e seus segredos – 01 de julho de 2009.**

O encontro de 01 de julho foi bastante breve em função dos compromissos que os jovens tinham com a preparação das atividades para o bazar que ocorreria no sábado subsequente. Dessa forma esse encontro foi voltado à retomada da atividade da caixa museu e ao relato das experiências de cada jovem sobre suas vivências relacionadas ao processo desta composição. Em seguida o grupo foi liberado.

### **3.4.8 Festejos e superação – 04 de julho**

Para além do conjunto de atividades propostas, esta pesquisa envolveu também o acompanhamento das ações do Projeto Sombra da Mata desenvolvidas no período de abril a novembro de 2009 com o grupo de jovens.

Desse modo, no decorrer do primeiro semestre de 2009 foram acompanhadas as aulas de dança<sup>9</sup> realizadas no projeto para o grupo. Inicialmente foi proposta ao grupo uma apresentação ao final do semestre e, com isso, os jovens assumiram o compromisso de, com a ajuda dos professores, preparar uma apresentação para o grupo de crianças participantes do projeto e sua comunidade. O momento escolhido para fazer a apresentação foi a festa de encerramento do semestre que seria realizada juntamente com o bazar.

Para os jovens, as aulas de dança simbolizaram a quebra da timidez e a superação de limites. A apresentação foi também uma experiência muito simbólica pois, além de ser a culminância das aulas e ensaios feitos ao longo do semestre, era também um momento de grande exposição frente às crianças do projeto, seus familiares e demais membros da comunidade.



Figura 17 - Apresentação de dança do Grupo de Jovens

---

<sup>9</sup> As aulas de dança foram ministradas pelos educadores Louise Nunes e Vitor Cassab Danna.



Figura 18 - Platéia durante a apresentação de dança.

O encerramento das atividades do primeiro semestre de 2009 contou, ainda, com a realização de um bazar e um bingo. Ambos foram organizados contando com doações da rede de amigos e parceiros do projeto. A realização do bazar foi possível em função do envolvimento e o trabalho de vários voluntários que se dedicaram na separação e organização das doações, em um esforço de classificar as peças e definir os preços simbólicos. Para os prêmios do bingo foram destinados um computador, um tapete, duas poltronas e um freezer, todos também oriundos de doações. Os recursos arrecadados com a realização do bingo e do bazar foram destinados para o custeio das atividades do projeto.



Figura 19 - Bazar

A festa contou, ainda, com um lanche especial para todos os convidados, pintura de rosto, pula-pula e toda a estrutura de lazer do projeto, que ficou à disposição das crianças e jovens.

Ao final da festa foram realizadas as inscrições para a oficina e o passeio de férias, atividades acordadas ao longo do semestre. A oficina de férias seria destinada a um trabalho pautado por técnicas de bioconstrução e aqueles jovens que estivessem dispostos a participar desse momento deveriam se inscrever.

Em relação ao passeio de férias foi pactuado com o grupo que para participar desse evento era indispensável não ter faltas ao longo do semestre e ainda comparecer à festa, acompanhados dos pais ou responsáveis, a fim de que esses assinassem uma autorização que seria disponibilizada ao final do evento.

### **3.4.9 Caminhos dos túneis – 14 e 15 de julho de 2009.**

A oficina de férias foi idealizada com o propósito de promover uma formação para os jovens. Essa formação deveria ter a leveza necessária para propiciar momentos de descontração e lazer durante o período de férias escolares. A princípio as atividades foram

pensadas para serem realizadas em dois encontros, 14 e 15 de julho, porém acabaram sendo estendidas por mais um dia. Para contemplar os critérios citados decidiu-se por trabalhar com o grupo uma técnica de bioconstrução.

A bioconstrução envolve variadas técnicas e tem por princípio agregar tecnologias milenares e inovadoras e, desse modo, assegurar a sustentabilidade do processo de construção e habitação, sendo que a viabilidade ecológica, econômica e social de sua utilização está associada a uma análise das condições de cada localidade, visando reutilizar materiais disponíveis e minimizar a geração de resíduos. (CANTARINO, 2006).

Para atuar como mediadores do curso foram convidados os educadores Pedro Henrique Vinhal e Maíra Fontes Manzan, que já contavam com a experiência de construir brinquedos no Parque Olhos D'Água, que formam um parquinho todo estruturado a partir de elementos de bioconstrução.

A proposta do curso foi conduzida tendo por base o trabalho coletivo, organizado em um sistema de mutirão e o projeto foi idealizado a partir do desejo de construir dois túneis para o grupo de crianças. A técnica escolhida para ser trabalhada utilizou terra como elemento central para a construção. Para a estruturação dos túneis foram montadas armações com dois tipos de telas de arame, uma mais rígida com um espaçamento maior e outro de arame mais fino e espaçamento menor. A junção dessas duas telas com pequenos pedaços de arame deram a forma inicial à estrutura do túnel.

Quanto à massa de terra utilizada para o preenchimento das paredes do túnel, essa foi preparada a partir de uma mistura composta de quatro medidas de terra, uma de areia e uma de cimento. A este composto acrescentou-se água, gradualmente, para que se chegasse a um ponto pastoso. Para que essa mistura acontecesse a terra foi pisada pelo grupo até ficar com a consistência adequada para propiciar que o preparo aderisse à estrutura de tela.

Com a mistura pronta, o grupo foi orientado sobre a maneira de colocá-la na tela, de modo a fazer em pequenas camadas as paredes e, assim, rapidamente o túnel foi ganhando contornos.



Figura 20 - Estruturação do Túnel





Figura 21 - Aplicação do preparado de terra

Além da técnica descrita, foram reutilizados na construção garrafas e pratos de vidro de diferentes cores, com a função de promover um pouco de luminosidade natural dentro dos túneis. Sua distribuição foi projetada pelos jovens, de forma a iluminar o espaço na medida certa para criar um clima que incentivasse a fantasia das crianças por meio da magia que o ambiente poderia propiciar. Outro aspecto considerado foi o caráter estético, que foi ordenado tanto pelas garrafas e pratos como por outros objetos como tampinhas de garrafa e pequenas pastilhas cerâmicas que também foram reaproveitadas.



Figura 22 - Limpeza das Garrafas para utilização nos túneis



Figura 23 - Planejamento da iluminação e decoração dos túneis



Figura 24 - Túneis construídos na oficina de férias

#### **3.4.10 Percorrendo trilhas – 14 e 15 de julho de 2009.**

O passeio de férias do grupo de jovens teve como destino a Chapada Imperial, reserva ecológica particular localizada na Área de Proteção Ambiental de Cafuringa. A decisão da localidade foi motivada pelo desejo de propiciar ao grupo uma experiência que conciliasse uma aula de campo de educação ambiental que ao mesmo tempo fosse permeada por momentos de descoberta, diversão e lazer. Apesar de residirem em uma área classificada

como rural, para a maioria dos jovens o contato com paisagens envolvendo cachoeiras e áreas de Cerrado preservado era bastante raro.

A excursão teve início às oito horas da manhã, sendo a sede do projeto o ponto de encontro do grupo. Ao chegar à Chapada Imperial o grupo foi recebido por um de seus proprietários que deu as boas vindas a todos e explicou o modo de organização e funcionamento da reserva, assim como as atividades desenvolvidas em toda sua área.



Figura 25 - Recepção na Reserva da Chapada Imperial

Após essa conversa inicial, o grupo fez um lanche e então foi apresentado ao guia responsável pela condução ao longo da trilha ecológica. A trilha teve início por volta das 10 horas da manhã com as orientações do guia sobre as atitudes e posturas esperadas dos visitantes. A caminhada foi permeada por muitas lições de educação ambiental e por uma riqueza enorme de informações sobre os tipos de cerrado e sua diversidade.



Figura 26 - Alguns momentos da trilha na Chapada Imperial

Além da aula propiciada pelas explicações do guia ao longo de todo trajeto, os jovens puderam ter também muitos momentos de aprendizado a partir das diferentes vivências

possíveis durante todo aquele dia. Essas vivências incluíram banhos de cachoeira, caminhadas no cerrado e atividades de arborismo<sup>10</sup>, entre tantas outras.



Figura 27 - Banho de cachoeira e momento de descanso.

O passeio à Chapada Imperial passou a ser sempre citado pelos jovens como um momento muito marcante e especial.

### **3.4.11 Conversas sobre as histórias de vida – 12 de agosto de 2009.**

No início do encontro cada jovem apresentou sua caixa museu ao grupo mostrando os objetos que haviam selecionado e o motivo que tornava cada um daqueles elementos relevantes em sua história, as memórias que os envolviam e de que fase de suas vidas eles eram representativos. Assim, aos poucos, cada jovem foi revelando alguns dos caminhos de sua trajetória e também a maneira como compreendiam e significavam aquelas vivências.

Ao fazer sua pesquisa e organizar sua caixa museu Adriana resolveu escrever um texto a respeito de sua história de vida. Como uma forma de estimular a escrita dos outros jovens, Adriana foi convidada a ler sua história de vida para o grupo. Envergonhada, ela não quis

<sup>10</sup> Arborismo ou arborismo consiste em um estilo de esporte radical que tem como suporte plataformas instaladas no alto de árvores ligadas por diferentes tipos de acessos como, por exemplo, pontes móveis e tirolesas.

fazer a leitura, mas permitiu que outra pessoa a fizesse, então, Kika leu o texto para todo o grupo.

Logo em seguida, os jovens foram convidados a exercitar a escrita de suas histórias de vida. Alguns apresentaram dificuldades para escrever, mas após alguns instantes de conversa, os obstáculos foram sendo superados e a vergonha e a timidez pouco a pouco foram ficando de lado. Cada um, a seu modo escreveu algumas linhas sobre suas muitas histórias.

Após o tempo determinado, os jovens voltaram ao grupo e alguns permitiram que suas histórias também fossem lidas para o grupo. Esse momento foi bastante rico e revelador.

Fiquei sabendo + ou – do Projeto na época da construção da Ecoteca, pois teve multirões para a construção com o pessoal da comunidade divulgado pelo Barreiro. [...] Mas tarde ficamos sabendo também através do Colégio barreiro que teria aulas de futebol, artes dentre outras coisas. No dia em que minha mãe foi fazer a inscrição do Anderson meu irmão eu e minha irmã Vanessa também fomos, a Vanessa também pode se matricular pois ela tinha 11 anos e naquele ano só podiam se matriculado quem tivesse de 4 à 12 anos de idade, e eu não pude pois já tinha 14 anos. Fui para inauguração e no 1º dia de aula em uma sexta-feira eu fui com minha mãe levar o Anderson, aí eu me ofereci para ser voluntária e estou até hoje participando do projeto só que agora como aluna-monitora, junto a esse Projeto que me ajuda e me ajuda muito, não só a mim mas aos meus irmãos. Onde encontrei pessoas maravilhosa e que cultivo como grandes amigos.

**Adriana (Trecho de seu texto sobre sua história de vida)**

Na sequência, foi proposto ao grupo revisitar sua trajetória no Projeto Sombra da Mata por meio de uma apresentação do acervo fotográfico do projeto. Nesse momento, teve início uma apresentação das fotografias para que o grupo pudesse comentar cada fase representada pelas fotos, seu significado, e o que havia sido mais marcante em cada um daqueles momentos. Esse ponto contou com a participação de alguns pais que estavam presentes durante a exibição das fotos.



Figura 28 - Caixa museu e projeção de fotos do histórico do Sombra da Mata

### 3.4.12 Festival de vivências – 22 de agosto de 2009.

A partir da rede de parceiros do projeto, o grupo de jovens recebeu um convite para participar do Festival da Cultura Consciente PURORITMO. Esse evento foi realizado no Jardim Botânico de Brasília – JBB, nos dias 22 e 23 de agosto de 2009, e em sua composição foram trabalhados elementos de educação ambiental, permacultura, responsabilidade social, consumo consciente, saúde integral, redução de resíduos, gastronomia natural, entre tantos outros pontos que formaram um mosaico de possibilidades com estandes, oficinas, palestras, mostra de cinema ambiental e apresentações de dança e música. O PURORITMO foi uma realização do IPOEMA em parceria com o JBB.

Além do convite feito aos jovens para participar do festival, a organização do evento também disponibilizou o transporte para o deslocamento do grupo, elemento que em função de seus altos custos muitas vezes acaba por inviabilizar a saída dos alunos do projeto para participar de inúmeras atividades.



A participação do grupo de jovens no PURORITMO ocorreu no dia 22 de agosto nos períodos da manhã e da tarde. Desse modo foi possível que o grupo visitasse as instalações do festival e ainda usufruísse do passeio de trem pelo jardim botânico, da vista do mirante e das oficinas de contação de histórias e vivências com o Cerrado.



Figura 29 - Oficina de Contação de histórias



Figura 30 - Oficina de vivências com o Cerrado



Figura 31 - Estrutura Geodésica; Rogério em uma experiência musical; o grupo reunido no mirante do JBB

### 3.4.13 Análises da realidade vivida – 26 de agosto de 2009

O encontro de 26 de agosto foi orientado pela análise das realidades vividas na comunidade da Ponte Alta. Para tanto, os jovens se dividiram em dois grupos e cada grupo analisou separadamente as questões relacionadas ao trabalho, saúde, educação, segurança, transporte e meio ambiente.

Cada grupo discutiu e manifestou suas opiniões sobre os temas propostos, a partir de suas vivências. Após a discussão foram confeccionados cartazes para auxiliar a apresentação para o grande grupo. Os momentos da explicação e apresentação dos temas foram bastante ricos, visto que permitiram um maior contato com as ideias de cada jovem, de uma maneira incomum, pois a maioria se expressa raramente e de forma bastante retraída. Ao longo das apresentações os jovens que estavam assistindo também participaram discutindo os pontos mais polêmicos.



Figura 32 - Discussão e apresentação dos temas propostos

Os jovens falaram abertamente sobre sua realidade e principalmente sobre suas angústias referentes à falta de espaços de lazer, poucas perspectivas em relação às opções de trabalho e acesso ao ensino superior.

Seguem as principais questões abordadas em cada tópico pelos jovens:

### Segurança

Nessa temática muitas foram as falas sobre a problemática enfrentada pela comunidade, que segundo os relatos, vive um clima de insegurança tanto em função do aumento da violência na região como em virtude da pouca estrutura relacionada à segurança pública disponível para o atendimento à população. Desse modo os elementos pontuados são relacionados às demandas da comunidade referente à segurança de acordo com a percepção dos jovens. As questões levantadas foram:

- Falta de Postos Policiais
- Inexistência de rondas policiais
- Poucas viaturas
- Iluminação pública precária
- Necessidade de melhora na segurança das escolas
- Necessidade de policiamento à noite

### Transporte

Em relação às questões ligadas ao transporte, a discussão foi focada nas dificuldades de locomoção enfrentadas pelos jovens e seus familiares, fato colocado como impeditivo ou dificultador de várias outras questões como, por exemplo, os estudos, o trabalho, o lazer e até mesmo o acesso à saúde. Os principais elementos pontuados em relação ao transporte foram:

- Poucas linhas e horários de ônibus
- Ônibus lotados
- Ônibus escolares velhos, pichados e com acentos rasgados.
- Inexistência de linhas de ônibus circulando nos finais de semana
- Dificuldades de acesso à escola, trabalho e as opções de lazer
- Falta de faixas de pedestre

- Poucos pontos de ônibus disponíveis

## Trabalho

Quanto ao trabalho, as falas dos jovens fizeram transparecer uma falta de perspectivas referente às oportunidades que se apresentam no âmbito de sua comunidade. As questões levantadas relativas ao trabalho expressam as carências percebidas, que são:

- Poucas oportunidades de trabalho
- Vagas disponíveis somente em serviços braçais
- Exploração dos trabalhadores
- Poucas perspectivas e oportunidades para os jovens moradores do local
- Dificuldades de locomoção para o trabalho

## Lazer

O lazer, bastante associado ao universo dos jovens foi discutido como um grande anseio do grupo. Porém, a realidade percebida é também a de um universo de poucas oportunidades e de muitas carências. A estrutura do projeto foi apontada como uma das poucas possibilidades de lazer a qual os jovens têm acesso. Os pontos levantados foram todos ligados a uma estrutura de lazer desejada para atender a comunidade, que segundo o grupo deveria ser constituída dos seguintes elementos:

- Quadras poliesportivas
- Campos de futebol
- Praças
- Parques infantis
- Clubes
- Cinema
- Teatro
- Ciclovias
- Shopping e centros comerciais

## Saúde

O quadro da saúde colocado pelos jovens acompanha as mazelas da saúde pública do Distrito Federal, porém, conta com agravantes relacionados às distâncias em relação aos postos de saúde e hospitais e com o inchaço ainda maior dessa rede de atendimento causada pela proximidade com algumas cidades do Entorno do DF. Partindo dessa realidade os principais pontos levantados foram:

- A existência de apenas um posto de saúde para toda a comunidade
- Poucos médicos no posto de saúde
- Médicos pouco comprometidos
- Atendimento de má qualidade
- Atendimento hospitalar somente no Gama
- Falta de remédios
- Falta de acesso ao Serviço de Atendimento Médico de Urgência - SAMU
- Demora no atendimento
- Falta de aparelhos para a realização de exames

## Educação

As discussões sobre educação foram permeadas tanto por questões relacionadas aos aspectos da estrutura física das escolas, quanto por aspectos éticos relacionados aos processos de ensino-aprendizagem e as relações interpessoais que os permeiam. Os pontos mais marcantes levantados foram:

- Desrespeito entre os alunos
- Necessidade de motivação por parte dos professores
- Acervo da biblioteca antigo e danificado
- Falta de carteiras
- Poucas oportunidades de acesso à Universidade
- Falta de professores
- Problemas na estrutura da escola
- Necessidade de uma escola de Ensino Médio na comunidade
- Necessidade de laboratórios de informática com acesso à internet

- Mais ônibus de transporte escolar
- Passe livre para os estudantes

Após a discussão e apresentação dos temas propostos, foram projetadas as fotografias tiradas durante o Festival PURORITMO e, em seguida, foi combinada uma das atividades do próximo encontro que seria a reconstituição da história do projeto, que contaria com uma pesquisa realizada pelos jovens por meio de entrevistas e fotografias.

### **3.4.14 Refazendo alguns percursos – 02 de setembro de 2009**

As atividades realizadas em 02 de setembro tiveram início com a retomada do diagnóstico sobre as condições da comunidade da Ponte Alta. Para finalizar o exercício proposto foram discutidas as questões ambientais tidas pelo grupo como mais relevantes no cenário local.

A partir das discussões sobre as questões ambientais, muitos foram os aspectos que permearam a fala do grupo, entre elas ficaram mais evidentes pontos relacionados à educação, saneamento básico, preservação e conservação ambiental. Dentre os elementos de maior destaque estão:

#### Aspectos positivos

- A presença de um projeto socioambiental na comunidade – Projeto Sombra da Mata
- Muitos locais preservados – áreas de preservação
- Cachoeiras preservadas
- Conscientização de algumas pessoas
- Incentivo das escolas em preservar o meio ambiente
- Construção da Estação de tratamento da CAESB
- Coleta de lixo
- Criação de uma associação comunitária
- Mutirões para o plantio de árvores

## Aspectos Negativos

- Muitas queimadas
- Poluição dos rios
- Caça de animais, principalmente de pássaros
- Muito lixo jogado nas estradas
- Poeira no período de seca
- Escassez de água em algumas localidades
- Pessoas de fora da comunidade que desrespeitam o meio ambiente

Ao fim dessa atividade foi realizado um momento para que os jovens relatassem como havia sido a preparação do trabalho sobre a história do projeto Sombra da Mata. Para realizar a atividade os jovens se reuniram durante a semana anterior e como resultado foi produzida uma apresentação de slides que contou com entrevistas de pessoas da comunidade, fotos e alguns pequenos textos.

O relato dos jovens demonstrou um processo de grande superação, tanto em relação à questões ligadas a timidez, como dificuldades relacionadas à utilização das tecnologias necessárias à elaboração da tarefa.

Após a análise dos jovens sobre o processo de construção da atividade, o grupo foi desafiado a reestruturar o formato do trabalho como uma forma de aperfeiçoar o processo de construção da apresentação, e ainda, como uma maneira de detalhar algumas informações. Desse modo, o trabalho foi reestruturado com auxílio do *software Power Point* (ver anexo A).

### **3.4.15 Conexões da realidade vivida – 09 de setembro de 2009.**

Foi a partir das questões levantadas pelo grupo nas discussões sobre a realidade da comunidade que teve início o encontro de 09 de setembro. A atividade proposta esteve focada na reflexão dos pontos levantados anteriormente, porém, dessa vez o debate deveria ser pautado por uma percepção complexa de toda a conjuntura. Desse modo, as realidades não deveriam ser colocadas separadamente, ao invés disso, deveriam ser colocadas de forma a estabelecer que tipo de relação havia entre cada uma delas.



Esse exercício fez com que o grupo buscasse compreender de quais maneiras os distintos elementos da realidade vivida se correlacionavam e de que forma cada uma dessas questões agiam de modo a potencializar ou minimizar os distintos aspectos de seu cotidiano.

### **3.4.16 Diversidade e experiências – 30 de setembro 2009.**

Em virtude de alguns contatos anteriormente estabelecidos com o Decanato de Extensão da Universidade de Brasília – DEX/UnB, o Projeto Sombra da Mata recebeu o convite para participar das atividades da IX Semana de Extensão da UnB. Foi por meio desse convite que a participação do grupo de jovens neste evento foi possível, visto que a Universidade custeou o transporte do grupo até o *Campus Darcy Ribeiro*.

Além da atividade para a qual foram convidados a participar, a presença dos jovens no *Campus* foi um momento bastante rico que foi aproveitado para propiciar ao grupo uma breve apresentação de alguns dos espaços da Universidade como a Biblioteca Central - BCE, o Instituto Central de Ciências - ICC, o Restaurante Universitário - RU, o Centro Olímpico - CO, a Casa do Estudante Universitário – CEU e a Faculdade de Saúde – FS, entre outros. Essa visita foi responsável por dar forma a uma Universidade sobre a qual os jovens pouco ouviam falar e da qual sabiam informações desencontradas e equivocadas.

Além de viabilizar um contato com o espaço acadêmico, a visita foi responsável por dar concretude à Universidade e suas possibilidades para esses jovens e, quem sabe, fazer com que alguns deles, a partir dessa experiência, passem a sonhar em ingressar em algum dos inúmeros cursos oferecidos pela UnB<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> A Universidade de Brasília tem como um de seus novos *Campi* uma unidade situada no Gama, fato que pode também servir como incentivo aos jovens da região a procurar as oportunidades de ingresso nos cursos de graduação.



Figura 33 - Saindo da BCE; Jardins entre a BCE e o ICC; apresentação de música no ICC Ala Norte.



Figura 34 - Escadaria rumo ao Subsolo do ICC e laboratório de Biologia.

Após a visita ao *Campus* Darcy Ribeiro da UnB, o grupo foi levado para a Exposição Tributo a JK. Esse evento, realizado no período de 25 a 30 de setembro de 2009, foi definido por seus idealizadores como uma exposição multimídia interativa, sendo planejada para sua execução uma grande estrutura montada na área externa ao Museu Nacional Honestino Guimarães. A exposição foi organizada com seis salas expositivas equipadas com suporte digital, voltados a guiar os visitantes por momentos da vida e obra de Juscelino Kubitschek, tendo como eixo central Brasília, colocada desde seus aspectos de idealização e processo de construção até os elementos que constituem a cidade em sua contemporaneidade.



Figura 35 - Banner de abertura da exposição Tributo a JK

Ao chegar à entrada da exposição o grupo foi acompanhado por uma monitora, que os conduziu aos diferentes espaços, fazendo esclarecimentos sobre os significados dos cenários e tirando as dúvidas que surgiam.



Figura 36 - Algumas explicações ao longo da exposição

Tanto as possibilidades de interatividade disponíveis, como a experiência de estar em uma exposição que oferecia uma série de novas vivências e informações, mobilizaram os

jovens que se expressaram com empolgação e envolvimento em cada uma das estações da exposição.



Figura 37 - Poses ao lado de JK

### 3.4.17 Reconstituindo e traçando a linha do tempo – 14 de outubro de 2009.

As atividades do dia 14 de outubro de 2009 foram voltadas à construção de uma linha do tempo pautada no histórico do grupo de jovens no Projeto Sombra da Mata. Como uma forma de demonstrar alguns aspectos da linha do tempo e as diferentes possibilidades de estruturá-la, foram apresentados ao grupo alguns exemplos de linhas do tempo construídas a partir de diferentes situações.

A linha do tempo foi aqui utilizada como uma dinâmica de trabalho coletivo com o intuito de definir pontos relevantes de um dado processo ou situação e organizá-los em uma sequência cronológica. A fim de selecionar os marcos que constituiriam os apontamentos da linha do tempo os jovens fizeram um exercício de recordar os principais momentos e as atividades mais significativas ao longo do Projeto. Para a confecção da linha do tempo foram disponibilizadas cartolinas, lápis, canetas hidrocores, réguas e revistas.



Figura 38 - Processo de elaboração da linha do tempo.

Após finalizar essa atividade, foi proposta ao grupo uma nova construção da linha do tempo com outros instrumentos. Para esse segundo momento os jovens teriam uma semana para se encontrar e, desse modo, poderiam fazer uma reconstituição mais detalhada mediada por pesquisas. A intenção dessa reconstituição foi tanto a análise mais detalhada do projeto, com o envolvimento do grupo na tarefa de organizar a exposição da atividade a partir da ferramenta *PowerPoint*. Para tanto, o grupo recebeu algumas orientações e dicas para a utilização dessa ferramenta.

### **3.4.18 Reconstituindo e traçando a linha do tempo – 21 de outubro de 2009.**

Esse encontro foi permeado pela discussão e apresentação da linha do tempo do Projeto Sombra da Mata, que dessa vez teve sua construção em meio digital (ver anexo B). O grupo iniciou seu relato falando sobre os problemas de articulação e sobre o processo de construção da atividade, desafios e dificuldades encontradas. Os principais desafios relatados foram relacionados às entrevistas, seleção das informações a serem organizadas em itens para compor a linha do tempo e as ferramentas do *PowerPoint*.

Após esse relato, os jovens fizeram a apresentação do trabalho produzido, utilizando um aparelho projetor.

O dia 21 de outubro marcou o final das atividades de campo desta pesquisa.

## **4. ENCONTROS E RECIPROCIDADES**

Neste capítulo serão discutidas algumas questões reveladas no campo de estudo desta pesquisa, numa tentativa de elucidar os pontos de encontros e reciprocidades estabelecidas nas relações que conjugam juventude e educação ambiental.

### **4.1 A Juventude analisada**

Os jovens que compuseram o grupo de estudo desta pesquisa apresentaram características que podem ser consideradas representativas de grande parcela da população brasileira também classificada no segmento juventude, mesmo que aqui se reconheçam as singularidades e especificidades presentes.

O quadro apresentado nos mostra um jovem inserido em uma realidade bastante caótica, caracterizada por contextos de grandes instabilidades e inseguranças principalmente atreladas ao contexto social do qual fazem parte. Trata-se de uma juventude que depende quase exclusivamente de políticas públicas para atender suas demandas relacionadas à educação, saúde, segurança, trabalho e transporte e que, desse modo, está suscetível à precariedade dos diferentes aparelhos do Estado responsáveis por estes serviços. Assim posto, fica nítido que é grande o grau de atrelamento existente para que se estabeleçam as condições iniciais de emancipação desses jovens. Isso ocorre em virtude da precariedade dos aspectos que condicionam a estruturação de sua formação e desenvolvimento, visto que essas especificidades em muito favorecem a perpetuação das condições socioeconômicas em que esta população vive.

Em consequência dessa configuração, os cenários constituídos de poucas oportunidades também podem ser considerados limitantes nos processos de idealização e realização dos projetos de vida dessa parcela da juventude. Entretanto, apesar das questões apresentadas, bem como de suas repercussões para a juventude, compreende-se que a abertura de novas oportunidades, vivências e espaços, podem permitir a criação de cenários capazes de dar luz e orientação para que sejam trilhados novos caminhos pelos jovens.

Nessa conjuntura, o papel da educação ambiental tem galgado espaço e destaque, tanto no que tange às possibilidades oferecidas, quanto em relação às perspectivas de criação de



novos panoramas para a idealização, planejamento e estruturação da realidade futura. A partir dessa análise a educação ambiental pode participar e inserir-se em um ciclo de retroação positiva, em função de seu potencial para criar novas oportunidades responsáveis por abrir espaços a novas vivências, que podem permitir novas compreensões dos indivíduos sobre si e sobre suas realidades. Essas, por sua vez, podem favorecer a formação de novas visões, gerando processos de ressignificações capazes de impulsionar novas práticas e assim novos cenários, que novamente possam trazer novas oportunidades. Essa articulação pode ser ilustrada da seguinte maneira:

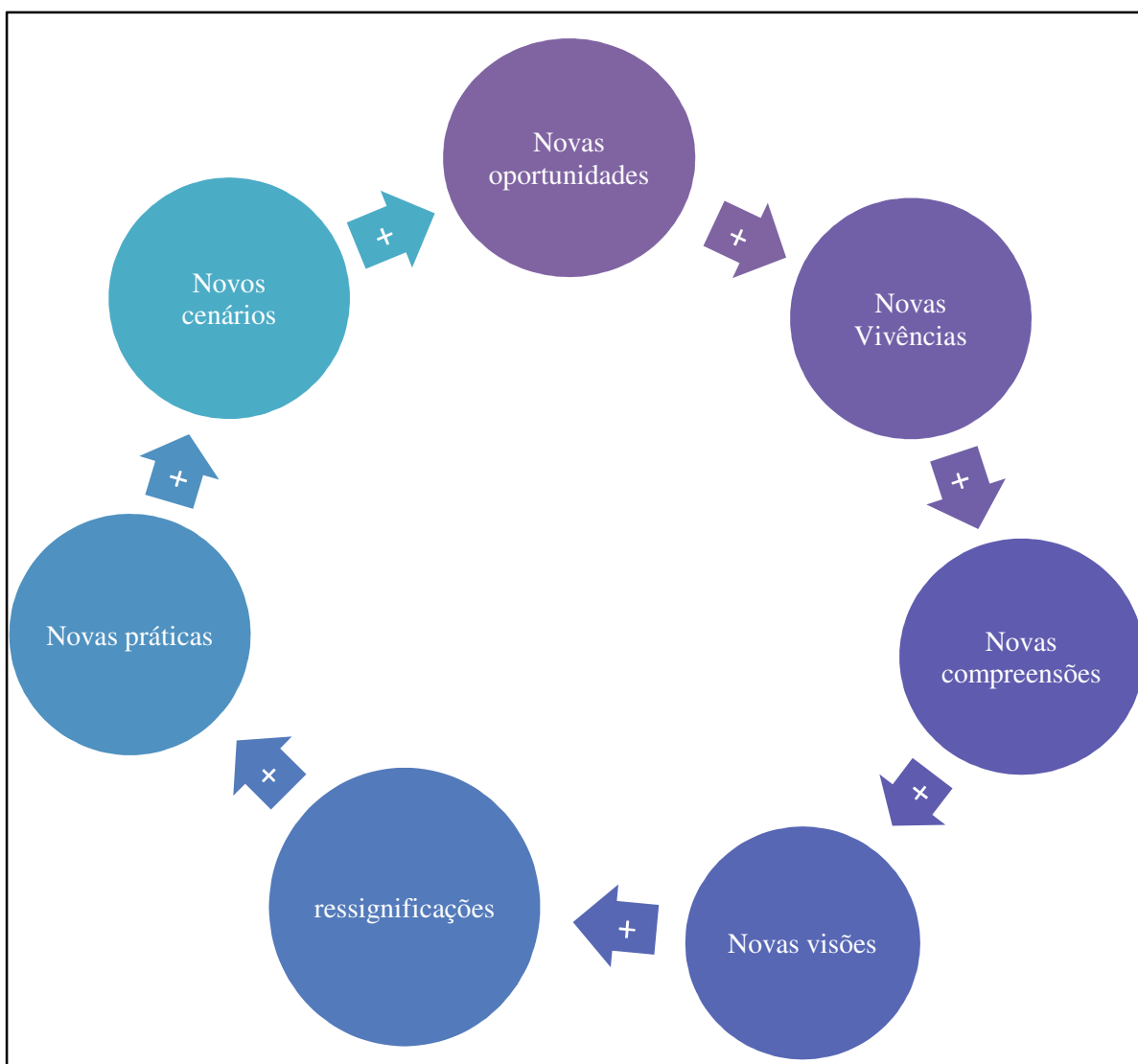


Gráfico 3 - Ciclo de retroação positiva

Em relação ao Projeto Sombra da Mata têm-se como um exemplo que se encaixa no ciclo descrito as novas perspectivas trazidas pelo estudo e experiências proporcionadas pela permacultura. O estudo da permacultura é considerado aqui como uma nova oportunidade responsável por abrir espaço às novas vivências que podem gerar mudanças nas visões que os jovens têm sobre os usos e destinações de seus espaços. Essas percepções são responsáveis por gerar ressignificações sobre os elementos e práticas regionais referentes à utilização e cultivo da terra. Desse modo, essas questões podem produzir novos cenários e, por conseguinte, outras oportunidades para os jovens e sua comunidade.

#### **4.1.2 Suas histórias**

As histórias de vida desveladas ao longo deste campo de pesquisa abrem caminho para a compreensão das realidades vividas pelos jovens, compreendendo aqui que a realidade a qual se faz referência diz respeito às percepções e leituras feitas por esse grupo sobre as condições e configurações de seu cotidiano. As questões aqui abordadas retomam de certo modo alguns dos elementos abordados no diagnóstico proposto na atividade de 26 de agosto de 2009, sendo temas dessa discussão: educação, trabalho, saúde, segurança e a questão ambiental.

A análise das histórias de vida também foi realizada pelas fotografias tiradas pelos jovens numa tentativa de buscar compreender suas intencionalidades e significados e partiu, também, de seus relatos sobre as motivações no processo de produção das fotos.

O universo escolar emergiu de forma significativa nas fotografias e é retratado a partir de uma perspectiva de socialização e de possibilidades de lazer. Nas fotografias a escola é apresentada de modo bastante descontraído, espaço no qual são firmados laços de amizade. No entanto, nos relatos orais, são ressaltadas as suas precariedades, tanto em relação a sua estrutura física quanto em relação ao compromisso e desempenho de alguns profissionais responsáveis pela condução das ações educativas. Como mencionado, as escolas que os jovens deste estudo frequentam e, portanto, sobre as quais fazem referência são instituições educacionais públicas do Distrito Federal. As mazelas descritas demonstram um quadro de uma escola educativamente pouco atrativa aos jovens e que pauta seu trabalho em padrões bastante tradicionais de ensino e avaliação.

O acesso à escola é outro aspecto complicador, os jovens que frequentam o ensino fundamental são assistidos com o transporte escolar que, segundo os relatos, é feito por veículos velhos e sem manutenção adequada. Os jovens que estão no ensino médio não contam mais com o recurso do transporte escolar mesmo não havendo escolas que atendam a esse segmento na área rural. Isso faz com que este grupo precise se deslocar para a área urbana do Gama em ônibus do transporte público convencional, o que provoca um grande desgaste, pois precisam percorrer longas distâncias em condições de pouco conforto.



Figura 39 Fotos dos ambientes escolares  
Autoria: Luzenira e Jolbert

As percepções dos jovens sobre os aspectos ambientais da comunidade são bastante distintas. Um ponto amplamente ressaltado diz respeito aos recursos naturais da região, em que são destacadas as áreas preservadas e de proteção ambiental, assim como a beleza das paisagens. Destacam-se também a constituição de novos olhares e comportamentos da comunidade em relação à conservação ambiental. Fazem ainda parte da preocupação dos

jovens temas como: ausência de saneamento básico, a destinação inadequada do lixo, a prática de queimadas, a caça, a poluição e a escassez da água.

Em relação à configuração familiar e aos aspectos de moradia a totalidade dos jovens do grupo reside em seus núcleos familiares de origem, sendo essas famílias compostas por pais ou responsáveis e irmãos. Suas residências são fixadas em chácaras na região da Ponte Alta do Gama. Os aspectos familiares têm papel de destaque nos relatos de todos os jovens e a figura materna é bastante marcada nas falas e fotografias feitas individualmente, a ela é atribuído papel de grande relevância.

Eu considero importante na minha vida é o amor e o carinho da minha família que eu sei que eu tenho

**Higor (Relatos escritos à pesquisadora)**

[...] eu nasci dia 29 de janeiro de 1989 na cidade de Itaporanga, na Paraíba. Eu era muito pequenininha minha mãe diz que eu parecia uma caixinha de fósforo. [...] logo nós se mudamos para Taguatinga, onde minha mãe fez minha matrícula para mim estudar lá.

**Luzenira (Relatos escritos à pesquisadora)**

Eu nasci em Braslândia em 1995, eu não fui planejada, quando ela descobriu que era uma menina ficou muito feliz, ela só vivia no médico que tava com risco de me perder.

**Josiely (Relatos escritos à pesquisadora)**



Figura 40 Fotos com as mães  
 Autoria: Emerson, Adriana, Josiely e Luzenira

Quanto às percepções referentes às questões do trabalho, os jovens demonstram um quadro de poucas experiências e, até o momento desta pesquisa, nenhum integrante do grupo possuía vínculo empregatício. Do total de jovens do grupo, três exerciam atividades de monitoria junto ao Projeto Sombra da Mata. Em função de seu desempenho e destaque nas atividades de monitoria, dois jovens foram convidados a estagiar junto ao Minhocasa<sup>12</sup>. Quanto às outras experiências com o trabalho, apenas mais um jovem havia se envolvido com atividades relacionadas a um comércio de cunho familiar. Os demais estavam envolvidos com as atividades regulares da escola, com o projeto Sombra da Mata e com cursos de formação complementar de montagem e configuração de microcomputadores, oferecido pelo Governo do Distrito Federal.

<sup>12</sup> O Minhocasa é uma microempresa que trabalha com processos educativos para a conscientização quanto à problemática socioambiental gerada pelo lixo. Tem como preocupação a capacitação para a destinação caseira adequada dos resíduos orgânicos, que é transformado em adubo natural com base em técnicas como compostagem, minhocultura e biofertilização. O Minhocasa é um dos parceiros do Sombra da Mata que realiza doações mensais para a manutenção do projeto, boa parte dos integrantes do Minhocasa também compõe a equipe do projeto e auxiliam na execução das atividades.

Sobre a inclusão digital, todos os jovens possuem computador em casa, sendo que estes foram obtidos por intermédio do Projeto Sombra da Mata, que por meio de parcerias e doações conseguiu equipamentos que foram consertados e doados aos alunos. Quase totalidade das famílias atendidas pelo projeto foi contemplada com os computadores. Quanto à internet, os jovens não possuem acesso à rede em suas casas, sendo esse contato restrito aos espaços que disponibilizam esse serviço. Outro equipamento que faz parte da realidade de todos os jovens é o celular. Alguns deles também têm acesso à câmeras fotográficas digitais das famílias.

### **4.1.3 Seus problemas**

Os problemas vivenciados pelos jovens são associados às condições socioculturais que integram o cotidiano do grupo. Desse modo, são aqui apontadas algumas dificuldades relatadas pelos jovens e outros aspectos revelados ao longo do período da pesquisa de campo.

Um aspecto bastante marcante ao logo deste estudo foi a constatação da dificuldade que esses jovens encontram ao se expressar. Nos relatos escritos realizados pelo grupo foi possível constatar dificuldades relacionadas à estruturação de frases, pontuação, ortografia, concordância verbal e nominal, entre outras. As dificuldades de comunicação não foram notadas apenas nos relatos escritos, mas estiveram presentes também nos momentos destinados à expressão oral. Em relação à expressão escrita, ficou nítida a existência de lacunas ao longo do processo de formação escolar. Esse fato pode indicar a falta de eficácia dos métodos pedagógicos empregados, como também processos avaliativos falhos ou pouco elucidativos que não foram capazes de promover novas medidas para facilitar a aprendizagem.

No que diz respeito à expressão oral o que se observou foram jovens bastante retraídos que apresentaram, em vários momentos, dificuldades em expressar ideias e sentimentos em torno das discussões propostas. Nesse aspecto, o Projeto Sombra da Mata, por meio de suas atividades e experiências proporcionadas, foi citado pelo grupo como um espaço no qual se sentiam mais à vontade para se expressar, sem o receio de serem julgados ou criticados em virtude de suas ideias. Desse modo, o projeto foi considerado como ambiente em que a expressão podia ser exercitada das mais diferentes formas, auxiliando esses jovens a superar algumas de suas limitações.

Vim morá aqui na Ponte Alta estou estudando no Tamanduá, conheci o projeto Sombra da Mata e estou até hoje aprendi coisa legais muito boa conheci novos amigos aprendi muita brincadeira mim diverti muito aprendi perde o medo de ler para os outro agora não tenho mais vergonha de ler. As pessoas são tão legal pessoas boas gentis gostei de todas as coisas aqui e aprendi a preservar o meio ambiente não poluir o ar cuidar sempre das plantas não jogar lixo na rua.

**Elton (Relatos escritos à pesquisadora)**

Outros problemas enfrentados por esses jovens dizem respeito aos aspectos, já abordados no item anterior, relacionados às suas histórias de vida, pois estão diretamente associados ao seu cotidiano e dizem respeito aos problemas com a qualidade da educação, ao transporte escolar e ao transporte público. As dificuldades com o transporte público afetam também a possibilidade de acesso à programação cultural disponível na cidade, e também minimizam as possibilidades de ingressar no mercado de trabalho.

#### **4.1.4 Seus sonhos**

Os sonhos expressados pelos jovens refletem alguns de seus valores e podem ainda traduzir a forma como os estímulos recebidos são absorvidos e transformados em seus diferentes anseios.

Sobre as perspectivas para o futuro, o grupo demonstrou, durante as atividades desenvolvidas, o desejo de permanecer na comunidade, tanto em função dos vínculos afetivos estabelecidos no universo familiar, quanto em virtude de um processo de identificação e apego ao espaço e configuração da comunidade. Apesar desse anseio, o que foi apresentado durante a atividade de diagnóstico da realidade local evidenciou que os jovens possuíam poucas esperanças e expectativas em se fixar na comunidade, em virtude de não vislumbrarem condições para dar continuidade aos estudos e também em função de ser pequena a oferta de trabalho na localidade. Além disso, as vagas disponíveis apresentam condições pouco atrativas para a população jovem, pois a maior oferta de trabalho ainda está ligada apenas ao trabalho braçal.

Outro sonho diz respeito à possibilidade de ter acesso a alguns bens e serviços ligados à tecnologia, que tanto permeiam o universo e o imaginário dos jovens, a fim de poderem ter a possibilidade de ampliar seus espaços de comunicação, suas fontes de informação e

descobertas. Nesse ponto os anseios são estruturados, muitas vezes, mais em função dos estímulos recebidos pela mídia que pelas reais necessidades apresentadas.

Em relação aos planos de ingresso em cursos de nível superior, os jovens demonstraram poucas perspectivas, sendo essa questão visualizada como uma situação bastante distante e com pouca concretude. Tal fato deve-se tanto à falta de informação com relação às oportunidades disponíveis e os meios necessários para o acesso aos cursos nas instituições públicas e particulares, quanto à questão de a maioria desses jovens possuir raras referências familiares ou de pessoas da comunidade que possuam formação de nível superior. Nesse aspecto, como relatado no capítulo anterior, o Projeto Sombra da Mata foi responsável por proporcionar um primeiro contato entre os jovens e a Universidade de Brasília por meio de uma visita. Nessa ocasião, foram passadas inúmeras informações ao grupo, principalmente sobre o caráter público e gratuito da Universidade, assim como acerca das condições de acesso e auxílio à permanência dada aos alunos.

#### **4.1.5 As posturas frente às práticas vivenciadas**

As posturas dos jovens frente às vivências e novas oportunidades propiciadas pela educação ambiental são bastante distintas. Contudo, os jovens analisados na pesquisa demonstraram, de modo geral, uma grande abertura para participar das atividades propostas. Esse aspecto foi bastante favorável no que diz respeito à possibilidade de criar novas oportunidades, compreensões e posturas frente à realidade vivida.

A participação e integração em grupo promoveram um exercício de atuação coletiva, constituído por debates e construções pensadas e acordadas conjuntamente. Esse exercício começa a apresentar reflexos nas atitudes dos jovens, que passaram a adotar novas posturas, constituídas sob uma lógica de cooperação e a compreender a força constituída por meio da coletividade. Essa nova ótica se contrapõe a algumas atitudes que continuam bastante arraigadas no cotidiano dos jovens e que privilegiam a máxima do individualismo.

Em relação à geração e destinação dos resíduos, percebe-se também a formação de novas atitudes, motivadas pelas reflexões e vivências propiciadas pelo projeto. A separação dos resíduos orgânicos, a sua utilização em processos de compostagem para a produção de



adubo, o reaproveitamento de materiais inorgânicos para a construção de brinquedos e outros objetos, são alguns dos exemplos das novas posturas que começam a surgir.

As posturas observadas em torno das discussões propostas aos jovens sobre a análise da realidade vivida demonstraram que estes começam a esboçar algumas mudanças frente ao seu cotidiano. Essas mudanças, no entanto, são bastante tênues, mas demonstram estar relacionadas às vivências experimentadas nas atividades do projeto Sombra da Mata. Por meio dessas vivências os jovens têm adotado posturas em que o diálogo, em diferentes espaços, é favorecido. Outro aspecto observado diz respeito aos ganhos com os trabalhos relacionados à consciência e expressão corporal que apresentam reflexos na auto-estima e comunicação destes jovens. Essas questões puderam ser analisadas durante as observações realizadas ao longo das atividades de campo a partir de algumas atitudes e relatos dos jovens, como é o exemplo de algumas falas a seguir:

Eu fui convidado para fazer uma palestra na escola e falar sobre meio ambiente para as criancinhas, sobre as coisas que a gente aprende aqui no projeto. Eu não fiquei com vergonha não, eu aceitei e fui lá. Foi muito bom e já me convidaram de novo pra falar pra escola toda.

**Higor (Relato oral à pesquisadora)**

As aulas de dança aqui do projeto foram uma superação, no começo alguns nem queriam vim, porque ficava com vergonha e os outros ficavam com gozação. Mas eu vim assim mesmo, porque isso não tem nada a ver é só uma dança e ajudou muito para a gente se soltar e perder mais a timidez.

**Ramon (Relato oral à pesquisadora)**

Fazer a apresentação de dança para as crianças foi muito legal, a gente se reuniu e ensaiou a coreografia, ainda dá vergonha de dançar na frente das pessoas e medo de errar, mas mesmo assim a maioria veio e teve coragem de se apresentar.

**Josiely (Relatos escritos à pesquisadora)**

Ressalta-se aqui que algumas transformações foram observadas inicialmente apenas no campo dos discursos e espera-se que essas também possam migrar no sentido de se transformarem em futuras atitudes conscientes de suas motivações e propósitos.

## **4.2 Educação ambiental**

Ao longo da discussão teórica sobre a educação ambiental muito foi falado sobre as diferentes abordagens existentes neste campo. Neste ponto é necessário retomar algumas dessas questões para esclarecer que o grupo de jovens pesquisado vivencia em seus espaços de circulação pelo menos duas propostas de educação ambiental distintas.

### **4.2.1 As educações ambientais vivenciadas pelos jovens**

Os jovens estudados nesta pesquisa têm vivenciado a educação ambiental em dois espaços educativos distintos. Suas principais vivências relacionadas à educação ambiental ocorrem na escola, durante os processos de educação regular, e no espaço do Projeto Sombra da Mata.

É importante esclarecer que a educação ambiental dentro do universo escolar não foi objeto desse estudo, porém ela aparece em alguns relatos ao longo da pesquisa. As falas dos jovens trazem, em alguns momentos, indícios de uma educação ambiental pautada por um viés tradicional.

Quanto à integração entre esses dois espaços, o projeto Sombra da Mata, apesar dos contatos e tentativas de aproximação com as escolas dos jovens, ainda não tem conseguido estabelecer uma relação de maior proximidade e articulação com as instituições escolares.

Como relatado ao longo da discussão deste estudo, a educação ambiental presente na proposta e nas atividades do projeto Sombra da Mata é guiada por uma perspectiva crítica e emancipatória tendo por base o compromisso com a transformação social da realidade, por meio do envolvimento e participação crítica dos sujeitos.

Essas duas vertentes da educação ambiental estão presentes no cotidiano dos jovens e com suas propostas acabam por exercer influência sobre suas práticas e discursos. Porém, nas falas e expressões dos jovens o que se têm são algumas questões que ficaram mais marcantes em suas experiências ao logo do projeto Sombra da Mata que é o espaço de investigação desta pesquisa.

Os reflexos do processo educativo podem ser observados em algumas transformações de percepção descritas pelos jovens que se mostraram bastante significativas. Como exemplos dessas transfigurações estão: quebras de padrões culturais ligados à domesticação de animais silvestres; posicionamentos mais críticos frente às situações socioculturais vividas em sua comunidade; adoção de posturas mais pró-ativas frente às realidades apresentadas no cotidiano; mudança de percepção e destinação dos resíduos orgânicos gerados; adoção de medidas de reaproveitamento e reutilização de materiais; entre outros.

Algumas das questões abordadas anteriormente puderam ser percebidas e analisadas a partir dos diversos posicionamentos dos jovens, dentre estes, alguns são transcritos abaixo a partir dos registros das falas ou da escrita:

Antes as pessoas aqui pegavam micos no mato para criar como animais de estimação e deixavam eles presos. Agora a gente entende que isso não é bom e tenta passar pros outros. Outra coisa muito comum eram as queimadas que o povo usava para limpar os pastos. Não que isso tenha acabado, mas muita gente tem mudado de atitude, tem repensado e entende que isso não é certo.

**Jolbert (Relatos orais à pesquisadora)**

Eu achei interessante porque eu achava que reciclar era só colocar naquelas latas coloridas, mas aqui no projeto Sombra da Mata a gente aprendeu que não é só fazer aquilo, que a gente pode fazer a diferença colocando no minhocário, porque as minhocas irão comer e depois o adubo delas pode ser colocado nas plantas e jardins. E antes eu achava, na minha cabeça, que minhoca era só para gente pescar mesmo.

**Igor (Relato oral em reportagem à emissora Bandeirantes)**

Eu sempre estou conversando com minha mãe, com meu pai e com os meus irmãos para eles estarem se conscientizando que tem uma forma de mudar o que está acontecendo no mundo.

**Adriana (Relato oral em reportagem à TV Justiça)**

[...] aprendi sobre o meio ambiente aprendi que não pode jogar lixo nos córregos, nas ruas, tem que jogar lixo no lixo, conservar a natureza.

**Rogério (Relatos escritos à pesquisadora)**

A gente estuda com o minhocário, permacultura, na turma dos jovens, e a cultura sustentável, essas coisas. Estuda também sobre o meio ambiente. No começo a gente começou a estudar sobre queimadas. Uma vez a gente estudou até sobre o curupira que é o protetor das matas e fez uma brincadeira com as crianças.

Ana Luiza (**Relato oral em reportagem à emissora Bandeirantes**)

Observa-se que se têm estabelecido processos que podem conduzir a muitas mudanças, etapa percebida como fundamental para que se constituam novas compreensões e posturas frente às relações constituídas entre sociedade e meio ambiente. Nesse aspecto a educação ambiental exerce papel de grande relevância e destaque, em função de ser estratégica na formação integral, além de mostrar a abertura necessária para trabalhar com os novos condicionantes do cenário socioambiental da conjuntura atual.

### **4.3 As relações estabelecidas**

A análise das realidades apresentadas no campo de estudo desta pesquisa permitiu observar e compreender algumas das relações estabelecidas entre juventude e educação ambiental. Dentro de uma perspectiva de reciprocidade, ambos são interpretados como protagonistas de uma relação de trocas e complementaridades. Essa compreensão nos leva a perceber que a educação ambiental no Projeto Sombra da Mata tem sido responsável por proporcionar espaços, vivências e possibilidades de novos caminhos para a juventude. Em contrapartida, os jovens têm contribuído nos processos de constituição e reordenamento das propostas que pautam os pressupostos e práticas da educação ambiental.

Cabe ressaltar que as contribuições encontradas, nas relações estabelecidas entre juventude e educação ambiental são aqui colocadas de modo a constituir um rol de caráter exemplificativo e não tem a pretensão de configurar, em nenhum aspecto, posição taxativa das possibilidades apresentadas neste campo de investigação.

Com relação às contribuições oferecidas aos jovens pela educação ambiental no Projeto Sombra da Mata, as principais questões destacadas são:

- Estimular a análise e compreensão da realidade de modo a favorecer a inserção e o posicionamento crítico do jovem como sujeito histórico, responsável e capaz de atuar na transformação da conjuntura socioambiental da qual faz parte;

A educação ambiental por meio de suas propostas, práticas e vivências permitiu uma inserção social mais ativa e cidadã dos jovens, de modo a viabilizar outras possibilidades de visualização, compreensão e atuação na conjuntura da realidade local.

- Favorecer a formação e inserção em redes sociais que permitam o acesso às novas oportunidades ligadas aos campos da educação e do trabalho;

As oportunidades criadas pela inserção em atividades de educação ambiental são capazes de promover inúmeras oportunidades relacionadas ao estabelecimento de novos contatos e a aproximação com instituições constituídas em torno da temática ambiental, ampliando, desse modo, o universo de possibilidades para os jovens.

- Auxiliar na constituição de relações de pertencimento, estabelecidas em relação ao projeto, à comunidade e a outros espaços de convivência, como a escola e a família;

A educação ambiental favorece a formação de uma consciência sobre as potencialidades e benefícios do trabalho coletivo. Esse aspecto propicia o processo de identificação dos jovens com seus pares, viabilizando o fortalecimento dos laços firmados na coletividade e o sentimento de pertencimento aos grupos sociais dos quais fazem parte.

- Fortalecer o grupo de jovens no âmbito do projeto Sombra da Mata e suas articulações nos espaços locais;

Considera-se que a educação ambiental pode por meio da valorização do trabalho coletivo e da integração social, permitir uma maior consciência sobre a importância do fortalecimento das esferas de atuação coletiva e suas repercussões e benefícios para a resolução das questões comuns à comunidade.

- Compreender o valor ambiental e cultural do Cerrado a fim de estabelecer novas relações com o bioma que possibilitem sua ressignificação e a constituição de novas práticas individuais e familiares;

A partir das discussões permeadas pela educação ambiental, que permitem uma compreensão complexa da conjuntura que desencadeia a problemática ambiental, se abrem novas possibilidades para apreciar o Cerrado e compreendê-lo em sua singularidade e importância.

- Enriquecer os hábitos alimentares por meio da incorporação de frutas, verduras e legumes regionais na dieta alimentar cotidiana.

A possibilidade de experimentar alimentos variados e compreender o papel que desempenham para a saúde, permite uma variação da dieta alimentar, minimizando alguns preconceitos e restrições.

- Propiciar meios para a apropriação de novos conhecimentos a partir de cursos e oficinas voltadas à formação do grupo;

Considera-se que a educação ambiental pode contribuir para a formação dos jovens, ampliando seus conhecimentos e possibilidades de atuação.

- Contribuir para a melhora da auto-estima e para a formação da identidade;

A educação ambiental pode auxiliar os processos de autoconhecimento e permitir aos jovens compreender seu valor e importância social, o que pode refletir em sua consciência sobre o significado e relevância de suas individualidades.

- Favorecer o reconhecimento de lideranças juvenis, bem como auxiliar em seus processos de engajamento social e político.

A participação dos jovens e seu desempenho nas atividades relacionadas à educação ambiental podem dar visibilidade às suas potencialidades, abrindo a possibilidade para a expressão e o exercício de protagonismos.

- Auxiliar na formação de um planejamento de metas e objetivos para o futuro, de modo a auxiliar na constituição de projetos de vida, individuais e coletivos.

As perspectivas apresentadas aos jovens pela educação ambiental podem permitir que seus projetos de vida sejam influenciados pelos novos horizontes e valores constituídos.

Em sua relação com a educação ambiental, vivenciada no Projeto Sombra da Mata, a juventude também demonstrou a possibilidade e abertura para oferecer inúmeras

contribuições. Esse movimento pode permitir desde novas formas de leitura da realidade, até indícios sobre o alcance e a efetividade das atuais propostas de educação ambiental. Desse modo, as principais contribuições verificadas foram:

- Oferecer subsídios para a inserção e adaptação da educação ambiental nos aspectos da contemporaneidade a fim de minimizar a distância entre suas teorias e práticas e as necessidades e anseios socioambientais da população local;

A juventude em suas relações com a modernidade é capaz de agregar tanto uma compreensão clara e direta dos novos cenários constituídos, quanto sofrer de forma mais aguda com as mazelas da nova realidade que se configura. Em virtude desse quadro, considera-se que os jovens podem oferecer informações e participar dos processos de adequação da educação ambiental aos novos panoramas da atualidade.

- Contribuir como agentes multiplicadores em um processo de disseminação dos pressupostos e práticas da educação ambiental;

Considera-se aqui o potencial de articulação dos jovens, que pode ser empregado em diversas ações relacionadas à educação ambiental, de modo a difundir os pressupostos e práticas da educação ambiental.

- Favorecer a compreensão dos aspectos ligados à realidade local de modo a permitir um trabalho de maior adequação e alcance social;

É a partir das percepções dos jovens sobre a conjuntura das realidades por eles vividas em suas comunidades, percepções essas consideradas em sua singularidade, que se acredita que podem surgir muitas contribuições para a educação ambiental, podendo essa, estar mais próxima das necessidades e anseios dos jovens e da sociedade como um todo.

- Participar dos processos de análise e avaliação das atuais propostas de educação ambiental;

O senso crítico e a postura questionadora da juventude são pensados como forma de dar respostas sobre as atuais propostas de educação ambiental, trazendo

informações que permitam o retorno sobre a abrangência, alcance e efetividade de suas propostas.

- Auxiliar nos procedimentos de análise da realidade e nos processos de estruturação de instrumentos voltados à construção de um modelo de desenvolvimento sustentável local;

Os jovens a partir de seu envolvimento com a educação ambiental e tendo sua participação social guiada por um posicionamento crítico e ético podem ser instrumentos nos processos de transformação social, empenhados em pensar e agir rumo à construção e concretização de um modelo real de desenvolvimento sustentável.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação é resultado de uma caminhada rumo à busca por entendimentos e compreensões sobre as distintas relações, encontros, similaridades e trocas estabelecidas entre educação ambiental e juventude. É oportuno neste momento retomar os principais pontos de análise, a fim de apontar possíveis lacunas deixadas ao longo desse processo e, ainda, novas possibilidades a partir da jornada desse trabalho.

Inicialmente, foram abordados alguns dos aspectos teóricos considerados como pontos de partida para as construções aqui propostas. O primeiro foi o desenvolvimento sustentável, seu surgimento, diferentes posicionamentos sobre sua validade e alcance, e o desenvolvimento sustentável pensado em uma perspectiva local.

Sendo a educação ambiental um dos eixos centrais desse trabalho, essa também foi foco de uma análise teórica. Como tentativa de elucidar os caminhos trilhados pela educação ambiental, foi apresentada uma reconstituição dos principais elementos históricos que marcaram sua configuração e trajetória. Na sequência, foram apresentadas algumas das modalidades que configuraram o atual quadro da educação ambiental, com o intuito de elencar suas principais características e distinções.

Com a apresentação dos cenários constituídos a partir da educação ambiental ficou exposta a impossibilidade de falar de uma educação ambiental única ou genérica, o que implicou na necessidade de esclarecer qual educação ambiental referenciou este estudo. Desse modo, a educação ambiental crítica e emancipatória foi identificada como a vertente que fundamentou a condução desse estudo.

A educação ambiental, tomada no contexto desta pesquisa, foi pensada e discutida para buscar uma compreensão e atuação ambiental, a partir de uma visão mais integral. Desse modo, teve por princípio uma abordagem que contemplasse também os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e territoriais, de modo a atender um dos propósitos da complexidade que prevê a integração de conhecimentos e saberes.

A juventude, colocada aqui como o outro pilar estrutural deste estudo, foi discutida tendo por propósito abordar suas questões conceituais, caracterização e especificidades. O

grupo de jovens que integrou esta pesquisa é marcado pela particularidade de estar em uma área rural. Esse espaço é marcado por uma nova realidade, a qual se encontra cada vez mais próxima das problemáticas urbanas. Em muitos casos o rural, chega a ser comparado com as periferias urbanas.

Por considerar o contexto social fator decisivo na busca por entendimento da realidade e atuação destes jovens, esse ponto foi alvo de muitas discussões ao longo desta pesquisa, numa busca por compreender a inserção desses jovens e a forma como eles se percebem e se colocam em seus espaços de participação social. Desse modo, foram debatidas questões relacionadas a educação, saúde, transporte, meio ambiente, lazer, entre outros, em um exercício que pretendeu apontar as dificuldades identificadas e as potencialidades de cada um dos aspectos discutidos.

A condução metodológica da pesquisa se baseou nos princípios da pesquisa qualitativa, pautada a partir dos horizontes da pesquisa-ação, que revelou ao longo dessa caminhada sua riqueza de possibilidades e a abertura para a utilização de distintos instrumentos, que juntos foram capazes de permitir a constituição de um espaço voltado às trocas de saberes. A pesquisa-ação apresentou-se como um grande desafio de controle da ansiedade, de espera paciente pelas contribuições espontâneas, de atenção e valorização à diversidade apresentada.

Pensada dentro deste estudo como um instrumento metodológico com papel de destaque, a fotografia foi também responsável por dar luz a muitas questões ao longo da pesquisa, sendo um exercício estruturado para mediar a comunicação e expressão dos jovens frente à realidade de seu cotidiano. A fotografia, nesse contexto, foi idealizada como artifício capaz de desvelar elementos dos distintos espaços de circulação e atuação dos jovens, assim como para ser capaz de dar voz a seus imaginários expressando sonhos e desejos.

O campo de estudo desta pesquisa revelou uma grande riqueza em relação aos diálogos estabelecidos, que se configuraram como um grande processo pedagógico responsável por inúmeras elucidaciones. Os frutos desse diálogo foram responsáveis pelas construções empreendidas rumo à busca de compreensão sobre as relações estabelecidas entre juventude e educação ambiental.

A análise da trajetória do grupo de jovens permitiu avaliar as relações estabelecidas e os aspectos de reciprocidade existentes nas ligações com a educação ambiental. Por meio da apreciação das experiências empreendidas pelos jovens com a educação ambiental no Projeto Sombra da Mata compreendeu-se que são inúmeras as possibilidades nesse processo de integração, suas potencialidades e vínculos estabelecidos.

A experiência de integração entre juventude e educação ambiental pode ser reconhecida como um processo de relações complexas que tem contribuído para desencadear transformações múltiplas tanto no universo juvenil como na configuração atual da educação ambiental. Essa interação foi também considerada bastante benéfica, visto que muitos são seus subsídios para gerar o fortalecimento das partes envolvidas, em um processo de reciprocidade.

Nesse movimento em que se somam as novas vivências oportunizadas nos espaços do projeto, aos debates e construções coletivas, criam-se oportunidades para que os princípios da educação ambiental possam a ser incorporados pelos jovens em suas ações cotidianas. Porém, a apropriação que os jovens fazem dos princípios e conhecimentos apresentados pela educação ambiental demonstrou ser gradual e muitas vezes lenta. Esses aspectos, entretanto, são inerentes a todo processo educativo, pois envolvem a leitura e compreensão do mundo.

Diante desse quadro, foi interessante perceber que as trocas a partir das relações entre juventude e educação ambiental são costuradas a partir de pequenas ações cotidianas e acabam por configurar transformações em seus diferentes espaços de atuação – doméstico escolar e profissional.

Dentre as contribuições oferecidas aos jovens pela educação ambiental que mais se destacaram, identificam-se as seguintes: auxílio nos processos de análise e posicionamento crítico frente à realidade; criação de novas possibilidades por meio da formação e inserção em novas redes sociais; contribuição na constituição de relações de pertencimento; valorização e fortalecimento dos espaços coletivos; aumento das possibilidades de inserção no mercado de trabalho; reconhecimento do valor do espaço local e conseqüentemente do Cerrado; enriquecimento dos hábitos alimentares; apropriação de novos saberes; melhora da auto-estima e influência na formação das identidades; reconhecimento de lideranças juvenis e

auxílio em seu engajamento social e político e na constituição dos projetos de vida, individuais e coletivos.

Em relação às contribuições que a juventude tem a oferecer à educação ambiental foram destacados os seguintes pontos: ajuda na inserção e adaptação da educação ambiental aos aspectos da contemporaneidade; a colaboração dos jovens atuando como agentes multiplicadores na disseminação dos pressupostos e práticas da educação ambiental; compreensão dos aspectos ligados à realidade local; participação na análise e avaliação das atuais propostas de educação ambiental; integração na estruturação de medidas e instrumentos voltados à construção de um modelo de desenvolvimento sustentável local.

Os cursos desta pesquisa, tanto durante os esforços e estudos para a constituição de seus elementos teóricos, quanto durante as atividades de coleta de dados do trabalho de campo apontaram para as inúmeras possibilidades que a interação entre educação ambiental e juventude tem a oferecer. Essas possibilidades se revelaram, principalmente, no campo da constituição de suas identidades, visto que ambas as identidades encontram-se em processo de formação e as relações estabelecidas entre juventude e educação ambiental, que puderam ser acompanhadas, se articularam a partir de inúmeras trocas e auxílios mútuos.

É importante reiterar que este estudo trouxe a possibilidade para diferentes reflexões sobre as possibilidades e benefícios existentes em processos que integrem educação ambiental e juventude. Ressalta-se que esta relação foi pensada com foco na reciprocidade que pode ser estabelecida a partir dos encontros e trocas entre essas duas temáticas.

Ao final desta pesquisa, fica nítido que há uma grande fertilidade em torno deste campo de estudo, ressaltando ser este um espaço cheio de possibilidades e recursos ainda pouco explorados. Desse modo, existe uma gama de temas e questões que ainda precisam ser discutidas e aprofundadas com o intuito de trazer mais elementos e solidez para esta discussão. Considera-se que entre os temas mais emergentes estão: as distintas influências presentes nos processos de formação da identidade dos jovens na atualidade; o papel da educação ambiental como suporte nos caminhos a ser trilhados pela juventude; as distintas possibilidades de interações entre juventude e educação ambiental; entre outros.

Outro ponto que surge da pesquisa é a necessidade de criar diferentes espaços para debater as questões em torno das relações entre juventude e educação ambiental de modo a permitir e estimular a formulação de políticas públicas capazes de dar suporte às iniciativas e trabalhos nessa área. Espera-se, ainda, que essas medidas sejam estruturadas de modo a dar voz aos jovens, tornando a juventude de fato protagonista desses processos e tomadas de decisões.

Essas foram as questões problematizadas no decorrer desta pesquisa e que foram responsáveis pela compreensão dos caminhos e as possibilidades que se abrem a partir da integração estabelecida entre juventude e educação ambiental. Outros rumos poderiam ter sido trilhados, com outras escolhas e possivelmente outras revelações, pois as decisões aqui feitas contemplam apenas uma pequena amostra dentro de um universo de possibilidades. Considera-se aqui que esses outros encaminhamentos configuram espaço e alternativas para dar continuidade a esta pesquisa.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (Coord.) *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006.

AQUINO, L. *Introdução*. In: *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade (Orgs). Brasília: Ipea, p. 15-22. 2009.

AUMONT, J. *A imagem*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2002.

BELLEN, H. M. v. *Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa Participante*. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa Participante*. In: Luiz Antônio Ferraro-Júnior. (Org.). *Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. 1a ed. Brasília - DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, v. 01, p. 259-266.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Decreto 4.281, de 25.06.2002. *Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências*. DOU 26.06.2002.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Departamento de Educação Ambiental. *Os diferentes matizes da educação ambiental no Brasil: 1997-2007*. Brasília: MMA, 2008 (Série Desafios da Educação Ambiental). 290p.

BRUMER, A. *A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade*. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Coord.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. 35-52 p.

BUARQUE, S. C. *Construindo o desenvolvimento local sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CANTARINO, Carol. *Bioconstrução combina técnicas milenares com inovações tecnológicas*. Inovação Uniemp, Campinas, v. 2, n. 5, Dec. 2006. Disponível em: <[http://inovacao.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-23942006000500025&lng=en&nrm=iso](http://inovacao.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-23942006000500025&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Mar. 2010.

CARDOSO, C. F. *Narrativa, Sentido e História*. São Paulo: Papirus, 1997.

CARNEIRO, M. J. *Juventude e novas mentalidades no cenário rural*. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Coord.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. 53-66 p.

CARVALHO, E. de A. *Complexidade e Ética Planetária*. In: Alfredo Pena-Veja e Elimar Pinheiro do Nascimento (Org.). *O Pensar Complexo*. Garamond, 1999.

CARVALHO, I. C. de M. *Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação*. In: Layrargues, P.P. (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004a. p. 65-84

\_\_\_\_\_. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004b.

CUÉLLAR, J.P. de.(Org). *Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. Campinas, SP: Papirus, Brasília: Unesco, 1997.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 6ª ed. São Paulo: Gaia, 2000.

DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº. 24, Set /Dez 2003.

FERREIRA, B. ALVES, F. *Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar*. In: Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho de Andrade (org.) *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.

FRANCO, M. A. S. *Pedagogia da pesquisa-ação*. *Educ. Pesqui.* [online]. 2005, vol.31, n.3, pp. 483-502.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 40ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 40ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, M. V. O. *Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

GAVIRIA, M. R.; MENASCHE R. *A Juventude Rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo*. In: Estudo e Debate, vol. 13, n 1, p. 69-82, Lajeado, 2006.

GONÇALVES, R de A.. *Juventude Cidadã*. In: Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. – Brasília: Unesco, p. 159-162. 2006.

GONZÁLES REY, F. *Pesquisas qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Traduzido por Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Thomson, 2005.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN. *Anuário Estatístico do Distrito Federal*. 2008.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – SEDUMA. *Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal - Documento Técnico – Versão Final*. Novembro/2009. Disponível em: <<http://www.seduma.df.gov.br/sites/300/379/00002094.pdf>>. Acesso em 11 de março de 2010.

GRÜN, M. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papirus, 1996.

GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004a

GUIMARÃES, M. *Educação Ambiental Crítica*. In: Layrargues, P.P. (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004b.p.25-34.

GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus, 1995.

GUIMARÃES, M. *Armadilhas paradigmáticas na educação ambiental*. In: Carlos Frederico Bernardo Loureiro; Philippe Pomier Layrargues; e Ronaldo Souza Castro. (Orgs.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 15-29.

HESS, R. *Momento do diário e diário do momento*. In: Eliseu Clementino de Souza, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 89-104.



HOLSTON, J. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (tradução Marcelo Coelho)

JARA, C. J. *A sustentabilidade do Desenvolvimento Local*. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA); Recife: Secretaria do Planejamento do Estado de Pernambuco – Seplan, 1998.

JARA, C. J. *As dimensões inatingíveis do desenvolvimento sustentável*. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 2001.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. *Entrevista Narrativa*. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 90-113.

KEHL, M. R. *Juventude como sintoma da cultura*. In: Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004.

LAYRARGUES, P. P. *Apresentação: (Re)Conhecendo a educação ambiental brasileira..* In: Layrargues, P.P. (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 7-9.

LAYRARGUES, P. P. *Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social*. In: Carlos Frederico Bernardo Loureiro; Philippe Pomier Layrargues; e Ronaldo Souza Castro. (Orgs.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006a. p. 72-103.

LAYRARGUES, P. P. *Para que a Educação Ambiental encontre a educação*. In: *Trajectoria e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006b. P.11-18.

LEEF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. *Educação, Emancipação e Sustentabilidade: em Defesa de uma Pedagogia Libertadora para a Educação Ambiental*. In: Layrargues, P.P. (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.p.85-111

LIMA, M. F. R. *Fotografia, memória e imaginário das cidades: São Paulo, Lisboa, e Londres no diálogo das imagens (segunda metade do século XIX – Primórdios do século XX)*. 2004. 263 f. Tese (doutorado) – Univerdidade de Brasília, Departamento de História, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. *Complexidade e dialética: Contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental*. In: Educação e Sociedade, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006a.

\_\_\_\_\_. *Problematizando conceitos: contribuições à práxis em educação ambiental*. In: Carlos Frederico Bernardo Loureiro; Philippe Pomier Layrargues; e Ronaldo Souza Castro. (Orgs.). Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2006b. p. 72-103.

\_\_\_\_\_. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006c.

\_\_\_\_\_. *Educação Ambiental Transformadora*. In: Layrargues, P.P. (coord.). Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004a. p.104-161.

\_\_\_\_\_. *Educar, participar e transformar em educação ambiental*. In: Revista Brasileira De Educação Ambiental. Brasília, 2004b, número 0

\_\_\_\_\_. (Org.) *Cidadania e meio ambiente*. Salvador, Centro de Recursos Ambientais da Bahia, 2003.

MACEDO, R. S. *Etnopesquisa Crítica Etnopesquisa-Formação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

MACHADO, Vilma. *A produção do discurso do desenvolvimento sustentável: de Estocolmo a Rio-92*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável. 2005.

MANCINI, G. A. *Avaliação dos custos da urbanização dispersa no Distrito Federal*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. 2008.

MARTINS, H. H. T. S. *Metodologia Qualitativa de Pesquisa*. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, vol.30, n.2, p. 287-298, maio/ago. 2004.

MARTINS, L. C. *A construção do sujeito pela educação: revisitando Paulo Freire*. 2010. No prelo.

MORIN, E. *O método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOURÃO, L.; MAKIUCHI, M. de F. R. *Cidade e Natureza: Tecendo Redes No Processo de Gestão Ambiental*. In: Sociedade e Estado, vol.18, n 1/2, jan/dez 2003.

NOVAES, R. C. R., *et al.* *Política Nacional de Juventude: perspectivas e diretrizes*. São Paulo: Conselho Nacional da Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

NOVAIS, R.. *Prefácio*. In: Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. – Brasília: Unesco, p. 7-11. 2006.

PAULILO, M. A. S. *A Pesquisa Qualitativa e a história de vida*. In: Serviço Social em Revista, vol. 1, n 1, jul/dez 1998.

PEDRINI, A de G. *Trajetórias da educação ambiental*. In: Alexandre de Gusmão Pedrini. (Org.). Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis. Vozes,1998. p. 21-77.

PELICIONI, A. F. *Movimento ambientalista e educação ambiental*. In: Arlindo Philippi Jr e Maria Cecília Focesi Pelicioni (ed.). Educação ambiental e sustentabilidade. São Paulo. Manole, 2005. p. 353-380.

POCHMANN, M.. *Juventude em busca de novos caminhos no Brasil*. In: Regina Novaes e Paulo Vannuchi (Orgs.). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.

Políticas públicas de/ para/ com juventudes. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2005.

PORTAL OFICIAL DO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Histórico da Cidade. Geografia. Disponível em: <<http://www.gama.df.gov.br>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2010.

SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento incluyente, sustentável sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTAELLA, L. & NÔTH, W. *Imagem*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SAUVÉ, L. *Uma cartografia das correntes em educação ambiental*. In: Michèle Sato e Isabel Cristina Moura Carvalho (Orgs.). Educação ambiental: pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SMOLKA, A. L. B. *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. Educação e Sociedade. [online]. 2000, vol.21, n.71, pp. 166-193.

SOUZA, G. B. de. *Paisagens rurbanas: a tensão entre práticas rurais e valores urbanos na morfogênese dos espaços públicos de sedes de municípios rurais. Um estudo de caso*. Soc. nat. (Online). 2009, vol.21, n.2, pp. 181-192.

SPOSITO, M. P. *Estudos sobre juventude em educação*. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N ° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N ° 6, p. 37-52.

THIOLLENT, M.. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 1996.

TOZONI-REIS, M. F. C. *Compartilhando saberes: pesquisa e ação educativa ambiental*. In: Luiz Antônio Ferraro-Júnior. (Org.). *Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. 1a ed. Brasília - DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, v. 01, p. 267-276.

\_\_\_\_\_. *Temas ambientais como "temas geradores": contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória*. Educ. rev. [online]. 2006, n.27, pp. 93-110.

TRE/DF. *Programa "Eleitor do Futuro" – Uma Formação Transdisciplinar para o Futuro Cidadão e Eleitor da Cidade do Gama (DF)*. Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal. 2007. 15p.

VIANNA, L. C. R. *A Idade média: uma reflexão sobre o mito da juventude na cultura de massa*. Brasília: UnB, 1992

VIEZZER, M. L.. *Pesquisa-ação-participante (PAP): origens e avanços*. In: Luiz Antônio Ferraro-Júnior. (Org.). *Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. 1a ed. Brasília - DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, v. 01, p. 267-276.

WASELFISZ, J. *Juventude, violência e cidadania: Os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez, 1998.

WASELFISZ, J. *Relatório de desenvolvimento juvenil: 2007*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2007. 166 p.

## ANEXOS

## ANEXO A

Slides produzidos pelos jovens sobre a história do Projeto Sombra da Mata.



**Projeto SOMBRA da MATA**

**REPORTAGEM**

COMO FICOU SABENDO DO PROJETO?

- "EU FIQUEI SABENDO DO PROJETO PORQUE EU MORAVA NO SÍTIO SOMBRA DA MATA".

PARTICIPOU DA CONSTRUÇÃO DA ECOTECA?

- "SIM, FOI MUITO PRAZEROSO INTERAGIR COM AS PESSOAS, FORAM FEITOS MULTIRÕES NOS FINAIS DE SEMANA, E AS VEZES EM DIAS DE SEMANA".

QUE IMPORTÂNCIA TEM O PROJETO EM SUA VIDA?

- "É ALGO MUITO IMPORTANTE PARA COMUNIDADE, ALÉM DE SER EDUCATIVO PARA AS CRIANÇAS. FOI UMA EXPERIÊNCIA NOVA DE TRABALHAR PARA COMUNIDADE".

QUAL ERA SUA FUNÇÃO NO PROJETO?

- "EU TRABALHAVA NA CONZINHA E LIMPAVA A ECOTECA, ATUALMENTE TRABALHO COMO VOLUNTARIA NOS DIAS DE BAZAR".

O QUE APRENDEU NO PROJETO QUE LEVA PARA SEU COTIDIANO?

- " SOBRE A RECICLAGEM DO LIXO, SEPARAÇÃO DE ORGÂNICO E INORGÂNICO, PASSEI A COMER VERDURA POR INCENTIVO DO PROJETO."

VOCÊ TEM FILHOS NO PROJETO? QUANTOS?

- " SIM. EU TENHO DOIS. LUCAS JEAN E ADRIELLY."

VOCÊ PERCEBE QUE TIVERAM ALGUMA MUDANÇA DE COMPORTAMENTO NOS SEUS FILHOS QUE MOSTRE QUE O QUE ELES APREDEM LÁ, REFLETE NO SEU DIA-A-DIA?

- " SIM. O DESENVOLVIMENTO DO LUCAS. ELE APRENDEU A SEPARAR O LIXO E A NÃO JOGAR MAIS LIXO NO CHÃO."

QUAL A SENÇASSÃO QUE VOCÊ SENTE AO RELEMBRAR A ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO E VER A ECOTECA COMO ELA ESTÁ?

- "É UMA SENSSAÇÃO POSITIVA DE SABER QUE AJUDEI A CONSTRUIR UM PROJETO SOCIO-AMBIENTAL."






**SOMBRA  
DA  
MATA**



**RODA**

### SOMBRA DA MATA

- A EVOLUÇÃO DO SOMBRA DA MATA VEIO A PARTIR DE MUITA LUTA E ESFORÇOS. CONSTRUÇÃO DO PARQUINHO, MESAS COM BANCOS PARA ALMOÇO E PARA ALGUMAS ATIVIDADES.
- NA FLOR DA CONVIVÊNCIA ESTÁ ALGUMAS DAS "NORMAS" A SEREM SEGUIDAS:
  - LIXO ORGÂNICO NO MINHOCÁRIO;
  - LAVAR AS MÃOS ANTES DA REFEIÇÃO;
  - LAVAR AS MÃOS DEPOIS DE USAR O BANHEIRO;
  - RESPEITAR A TODOS;
- RESPEITAR OS ANIMAIS;
- QUARDAR OS BRINQUEDOS APÓS USA-LOS ETC.



**FLOR DA CONVIVÊNCIA**



**SALA DE DANÇA**



**MANDALA**



## ATIVIDADES DO PROJETO

- O SOMBRA DA MATA É UM PROJETO SOCIO-AMBIENTAL QUE FUNCIONA ATRAVÉS DE PATROCÍNIOS E DOAÇÕES;
- DIAS DE AULAS: QUARTAS E SEXTAS;
- TEM COMO OBJETIVO EDUCAR CRIANÇAS E JOVENS A TEREM UMA VISÃO MELHOR PARA QUESTÕES AMBIENTAIS;
- O PROJETO ESTÁ SEMPRE PROMOVENDO PASSEIOS E CURSOS EDUCATIVOS, PARA MELHOR DESENVOLVER SEUS CONHECIMENTOS CULTURAIS;
- ALÉM DE OFICINAS DE FÉRIAS PARA REUNIR O GRUPO.



- PLANEJAMENTO;
- ORGANIZAÇÃO DE MATERIAIS;
- MARCAÇÃO DO LOCAL;
- PREPARAÇÃO DOS VERGALHÕES;
- SEPARAÇÃO DOS VIDROS PARA ILUMINAÇÃO;
- PREPARAÇÃO DO BARRO;
- E A "MÃO NO BARRO..."





CONSTRUÇÃO UTILIZANDO VIDROS RECICLADOS.







"PRODUTO FINAL..."



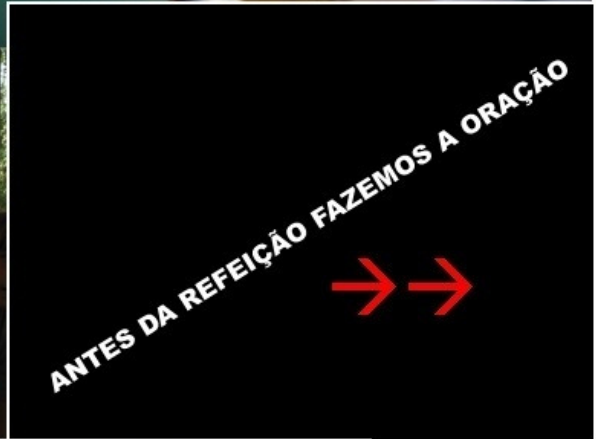
FILA PARA REFEIÇÃO



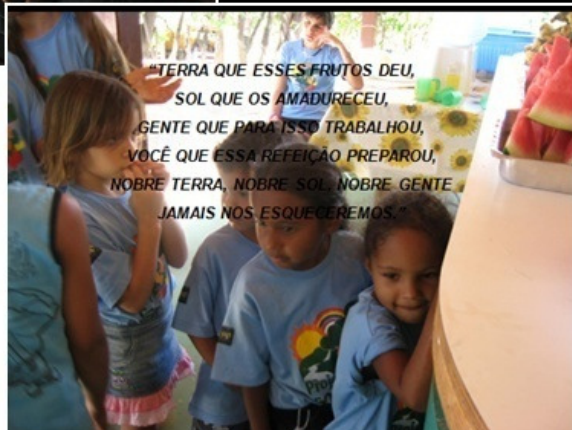
LANCHE COM MUITAS FRUTAS E O ALMOÇO COM VERDURAS;



SEMPRE UTILIZAMOS AS "PALAVRINHAS MÁGICAS" POR FAVOR E OBRIGADO(A).



ANTES DA REFEIÇÃO FAZEMOS A ORAÇÃO



"TERRA QUE ESSES FRUTOS DEU,  
SOL QUE OS AMADURECEU,  
GENTE QUE PARA ISSO TRABALHOU,  
VOCÊ QUE ESSA REFEIÇÃO PREPAROU,  
NOBRE TERRA, NOBRE SOL, NOBRE GENTE  
JAMAIS NOS ESQUECEREMOS."



ALÉM DE MOMENTOS EDUCATIVOS.....  
MOMENTOS DE LAZER!!!!!!



- ARRECADAÇÃO DE ROUPAS, BRINQUELOS, UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS ETC;
- MULTIRÕES PARA POR PREÇO NAS ARRECADAÇÃO;
- ORGANIZAÇÃO DO BAZAR;
- APRESENTAÇÕES DOS ALUNOS DO SOMBRA DA MATA PARA A COMUNIDADE;
- BINGO.

OBSE: TODO DINHEIRO ARRECADADO NO BAZAR É UTILIZADO NO SOMBRA DA MATA ( ALIMENTAÇÃO, PASSEIOS... )





APRESENTAÇÃO  
DOS JOVENS



### INFORMAÇÕES SOBRE O TRABALHO

- ESSE TRABALHO FOI UMA ETAPA MUITO IMPORTANTE E DIVERTIDA PARA NÓS É SEMPRE BOM RELEMBRAR AS COISAS BOAS DA VIDA, E DAR OPORTUNIDADE A OUTRAS PESSOAS. NUNCA É TARDE PARA MUDAR O MUNDO, AJUDE A PRESERVAR NOSSO MEIO AMBIENTE.

### AGRADECIMENTOS

- DEDICAMOS ESSE TRABALHO PARA AS PROFESSORAS KIKA E JACK.
- OBRIGADO PELA OPORTUNIDADE DE ESTARMOS MOSTRANDO UM POUQUINHO SOBRE NOSSO PROJETO SOMBRA DA MATA!

### ATENÇÃO:

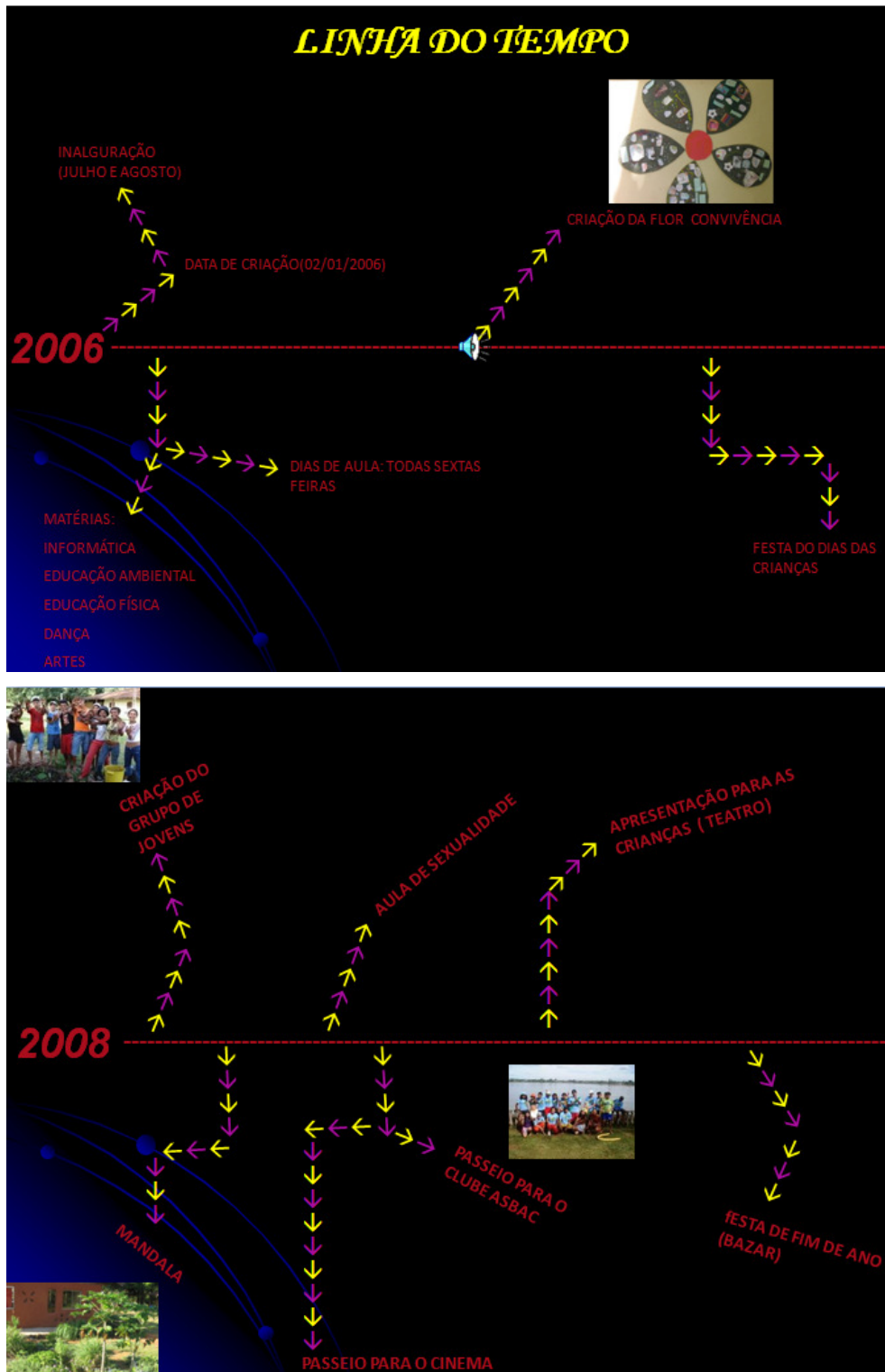
- CUIDAR DA NATUREZA É CUIDAR DA VIDA É CUIDAR DA GENTE!!!

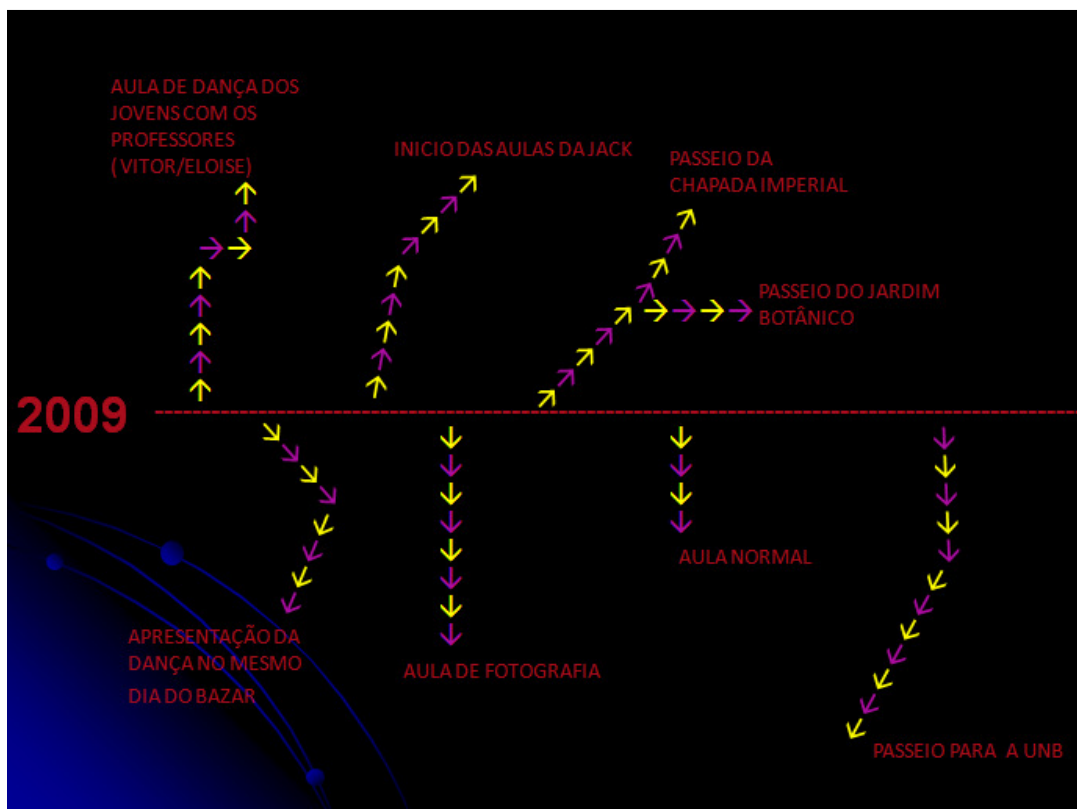
### PARTICIPANTES:

- ADRIANA ROSA (DRI)
- FÁBIO JÚNIOR (BINHO)
- JOSIELE (JOSY)
- VANESSA (TETÉ)
- RAMON

## ANEXO B

Slides produzidos pelos jovens sobre a linha do tempo.





## ***COMPONENTES:***

- **FÁBIO JÚNIOR**
- **JOSIELE**
- **AMADEU**
- **ANA LUÍZA**
- **ELTON**
- **RAMOM**
- **ADRIANA**
- **BRUNO**
- **EMERSON**
- **VANESSA**

**ANEXO C****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou aluna do Curso de Pós-Graduação em Educação e Gestão Ambiental do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Meu tema de estudo é sobre a relação entre juventude e educação ambiental. Este estudo poderá fornecer subsídios para implementação de políticas públicas que relacionem essas duas questões e ainda, auxiliar na compreensão dos benefícios de atividades envolvendo educação ambiental e juventude.

Constam do estudo o acompanhamento e registro das atividades do grupo de jovens no Projeto Sombra da Mata e ainda, fotografias e trabalhos escritos desenvolvidos nas atividades propostas ao grupo ao longo desta pesquisa.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração das atividades oferecidas pelo Projeto Sombra da Mata.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 9333-9505 ou no endereço eletrônico fernandes.jaqueline@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Jaqueline Fernandes

Aluna do Centro de Desenvolvimento Sustentável – UnB

---

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) \_\_\_\_\_ neste estudo.

Nome:

---

Assinatura:

---